Viagem ao Sobrenatural



Roger J. Morneau

VIAGEM AO SOBRENATURAL

ROGER J. MORNEAU

Título do Original em Inglês:

"A TRIP INTO THE SUPERNATURAL" 1982

Tradução de:

Carlos Gama Michel e

Éden Thomas Barcelos

Casa Publicadora Brasileira

Tatuí – São Paulo

2004

Título do Original em Inglês: "A Trip Into the Supernatural"

Direitos de tradução e publicação em língua portuguesa reservados à

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – Km 106

Caixa Postal 34 / CEP 18270-970 / Tatuí-SP

Fone: (15)3205-8800 / Fax: (15)3205-8900

Atendimento ao Cliente: (15)3205-8888 www.cpb.com.br

Sétima Edição. 2008.

Editoração: Neila D. Oliveira e Abgail R. Liedke

Projeto Gráfico e Capa: Manoel A. Silva

Imagem da Capa: Photodisc

Digitação e Produção em PDF:

Gilliard Santos de Farias gilliardsf@hotmail.com

2009/2010

INFORMAÇÕES SOBRE A VERSÃO DIGITAL

"Informações sobre a versão digital" é baseado nos textos "Nota sobre a versão digital", encontrados nas versões digitais dos livros "Revelando os Mistérios de Daniel" e "Preparação para a Crise Final", cuja autoria é de Marllington Klabin Will, colaborador da Casa Publicadora Brasileira.

Existem alguns detalhes nesta versão digital que a tornam diferenciada, se comparada à versão impressa. Uma das diferenças é que, devido à nova formatação aplicada, a numeração das páginas desta versão não corresponde com a sequência da obra original. Além disso, para melhor compreensão por parte do leitor – e incrementação desta versão – adicionamos imagens e outras informações que não se encontram na obra impressa. E, com a intenção de tornar o texto mais claro, utilizamos expressões entre colchetes, revisamos as pontuações e melhoramos alguns trechos que dificultavam a interpretação, tendo o absoluto cuidado de não alterar o conteúdo.

“Quanto aos direitos autorais, ressaltamos que é permitida a distribuição e reprodução particular, desde que essa seja gratuita e sem intenção de lucro, pois a proibição que se faz é apenas em relação à reprodução com finalidades lucrativas, como se pode ver nas seguintes transcrições grifadas”:

'Lei de Direitos Autorais' (Lei nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998):

Art. 104. Quem vender, expuser a venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, **com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem**, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior.

Art. 184 do Código Penal:

Violar direito autoral

Pena: detenção de 3 meses a 1 ano ou multa.

1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, **com intuito de lucro**, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, ou consistir na reprodução de fonograma ou videofonograma, sem autorização do produtor ou de quem o represente. Pena: Reclusão de 1 a 4 anos.

“Portanto, segundo as leis de direitos autorais, desde que a finalidade se mantenha evangelística e missionária, esse livro pode ser distribuído livre e gratuitamente”.

Para adquirir o livro, acesse o site da Casa Publicadora Brasileira:

www.cpb.com.br

Gilliard Santos de Farias

Editor da Versão Digital

PREFÁCIO



As experiências e recordações da infância e da guerra haviam levado Roger Morneau para longe de Deus de tal maneira, que ele agora O odiava.

Depois da guerra, Roger foi levado, através de um amigo, a adorar os demônios. Então, ele descobriu as boas novas de um Salvador amoroso, e sentiu o desejo de cortar os laços de adoração aos espíritos.

Neste livro, ele narra sua própria história de como o socorro divino o livrou do terrível mundo do satanismo.

Roger J. Morneau faleceu em 22 de setembro de 1998, aos 73 anos de idade.

AGRADECIMENTOS

Tenho satisfação de reconhecer minha dívida de gratidão à Sra. June Strong que, como escritora profissional, emprestou orientação e direção à minha pena, e sem sua ajuda eu ainda não teria escrito o que sei e sinto a respeito dessa questão da guerra espiritual.

Também ao Pastor William R. Larson tenho uma palavra de apreciação. Foi ele quem me convenceu, mesmo antes que eu escrevesse qualquer coisa, a deixar registrada a minha experiência com os espíritos, para que outras pessoas pudessem ser beneficiadas.

Sou agradecido, também, a Ellen e Maynard Cady, que muito me ajudaram durante o tempo de preparo do manuscrito, forçando-me a parar de pensar e de reviver as memórias do passado, e que me levaram muitas vezes para passar um dia em sua casa de campo nas montanhas da Pensilvânia.

Neste livro, foram alterados, em sua maioria, os nomes das pessoas, com o fim de proteger sua privacidade com relação aos eventos narrados.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a uma jovem que há mais de cinco décadas me deu a mão e o coração em casamento, disposta a compartilhar sua vida comigo, mesmo que isso pudesse significar andar pelo vale da sombra da morte.

À MINHA PRECIOSA ESPOSA – HILDA

ÍNDICE

01. Molestado Pelos Espíritos 8 02. Minha Infância 11

03. Viagem ao Sobrenatural 17

04. A Sala de Adoração dos Espíritos 24

05. Espíritos em Ação 34

06. Pressionado a Assumir um Compromisso 42

07. Da Adoração aos Demônios ao Estudo da Bíblia 46

08. O Estudo da Segunda-Feira 53

09. Estudando em Tempo Emprestado 56

10. O Dia das Promessas 61

11. O Sábado Bíblico 67

12. Novo Amanhecer e Nova Vida 70

13. Episódio de Morte 77

14. Contando as Minhas Bênçãos 83

Epílogo 87

Material Extra 88

> Mapas 89

> Fontes das Imagens 90

> Entrevistas em Vídeo e Artigo em PDF 91

> Informações Adicionais 92

CAPÍTULO 1

Molestado Pelos Espíritos

Eu estava pegando um livro para ler quando o papel, com o recado de Roland pedindo que eu lhe telefonasse, começou a levitar pelo quarto e bateu no meu livro aberto com tal força que o livro caiu das minhas mãos e quase do meu colo. Meu primeiro impulso foi dizer uma ou duas coisas ao espírito, mas eu já havia tomado a decisão de não me envolver mais em contato verbal com os espíritos, custasse o que custasse. Colocando o pedaço de papel entre as páginas do livro, continuei a leitura. Poucos momentos depois, uma força invisível arrancou o livro das minhas mãos e o atirou contra a parede do outro lado da sala.

Não por causa do que os espíritos fizeram, mas por respeito ao meu amigo, decidi ligar para ele. Havia um telefone público no corredor, mas neste caso preferi não usá-lo; então, me dirigi a um restaurante no final da rua. Enquanto me assentava na cabine telefônica, dei uma olhada no relógio. Era 1:00 da manhã. O telefone tocou duas vezes. – Alô! Morneau, é você?

– Sim, sou eu.

– Morneau, que diabos! ...O que estou falando? Não foi isto que eu quis dizer.

Tencionava dizer que você está brincando com sua vida. Você perdeu a cabeça?

– Você parece transtornado – repliquei. – Qual é o seu problema?

– Meu problema? Eu não tenho problema. Você é que está em uma grande encrenca e fala como se não tivesse uma única preocupação no mundo. Morneau, sempre admirei seu espírito ousado, mas agora você foi longe demais. Você se voltou contra os espíritos que o têm beneficiado e eles o destruirão. Estou surpreso de que você ainda esteja vivo. Rapaz, estou preocupado com você. Estou sentado ao lado deste telefone a noite inteira esperando pela sua ligação porque me interesso pelo seu bem-estar. Você não tem nada para me dizer?

– É claro que tenho algo para lhe dizer. Mas como posso lhe dizer se você ainda não me deu uma chance de abrir a boca?

Imediatamente, ele continuou:

– Morneau, você não avalia a extensão do problema em que se meteu. Na quarta-feira à noite, de acordo com o sacerdote satanista, você esteve em grande dificuldade com os espíritos. Mas agora é tarde, muito tarde.

– Roland, – interrompi – se você se acalmar, será muito mais fácil de nos entendermos. Agora explique melhor sobre quarta-feira à noite.

Após alguns momentos, ele recuperou a calma.

– Na última quarta-feira, quando entrei em nosso local de culto, fui levado ao escritório do sumo sacerdote. Ele me perguntou se eu o havia visto na semana passada. Sua expressão me deu a entender que algo terrível havia acontecido. Perguntei se você estava morto; imaginei que poderia ter sofrido um acidente. Ele me afirmou que você estava em uma situação ainda mais horrível. Na terça-feira, durante a hora sagrada da meia-noite, um espírito conselheiro apareceu a ele e disse que você estava estudando a Bíblia com os guardadores do sábado, os quais são exatamente as pessoas que o mestre mais odeia na face da Terra. O sacerdote me pediu para tentar encontrá-lo a fim de fazêlo entender acerca do perigo em que se você se encontrava, mas não pude achá-lo.

– Está tudo sob controle – eu disse. – Não estou em perigo tão grande assim.

– Isso é o que você pensa – novamente, aumentou o volume da voz dele. – Hoje, às 18:30, o sumo sacerdote me telefonou para informar que, de acordo com os espíritos, você foi hoje à igreja com aqueles guardadores do sábado, e isto deixou o mestre enfurecido. O que você tem a dizer sobre isso?

– Sim, eu tenho estudado a Bíblia e fui a uma igreja que observa o sábado. Mas pouco me importa o que o querubim caído sente a meu respeito. Se você quiser saber mais a respeito de minhas atividades desta última semana, por que não vem me ver logo mais, pela manhã?

Ao voltar para casa, orei e fui deitar-me. Vinte minutos depois, as luzes se acenderam. Eu as apaguei. Quase instantaneamente elas se acenderam de novo. Resolvi dormir com elas acesas. Poucos minutos depois, quase todas as coisas começaram a sair dos seus lugares. Um quadro saiu da parede, voando através do ar, e se pendurou na parece oposta. Um abajur ficou parado no meio do espaço sem nenhum suporte visível. Ao observar as atividades dos espíritos, compreendi que minhas orações os haviam colocado sob alguma forma de restrição. Eles não podiam conversar comigo, como eu acreditava que eles gostassem de fazer. Imediatamente, mandei que eles saíssem ao comando de Jesus Cristo. O abajur e os quadros caíram no chão. Peguei o abajur e endireitei a sua cúpula, mas deixei os vidros quebrados dos quadros para varrer pela manhã. Agradeci a Jesus pelo Seu amoroso cuidado para comigo e voltei para a cama.

Fui tomado por uma imensa sensação de prazer ao pensar que poderosos espíritos de demônios haviam saído à menção do nome de Jesus. Esse acontecimento também contribuiu para fortalecer minha convicção de que tudo, como eu dissera a meu amigo, estava sob controle.

Passou-se aproximadamente uma hora, e os espíritos voltaram. Mais uma vez ordenei que, em nome de Jesus, eles se retirassem. Sem hesitar, eles foram embora, e eu tentei pegar no sono.

Para meu espanto, às 4:00 da manhã, começaram de novo os irritantes fenômenos. Assentado na cama, eu tentava decifrar por que o Senhor permitira que eles voltassem. Minha conclusão foi que, talvez, eu devesse ouvir por mim mesmo o que os demônios sentiam a respeito de minha aceitação de Jesus como meu Senhor e Salvador.

– Então vocês querem falar comigo. Tudo bem, falem.

– Por que você se recusa a falar conosco? – perguntou um dos espíritos, com uma voz que parecia falar de vários pontos diferentes do quarto.

– Encontrei um Mestre melhor.

– Por que você desistiu de nós, quando tínhamos tanta riqueza reservada para você?

– Vocês já me enganaram por tantos anos que não sirvo mais para vocês.

– Nosso trato com você tem sido correto desde o momento em que você se associou com aqueles que conhecem a verdadeira fonte de riqueza e poder – disse ele, com uma voz que impunha respeito e autoridade.

Percebi que estava falando com um conselheiro-chefe. O próprio ar parecia estar carregado de energia e a presença dele era imponente. Compreendendo que eu não tinha como enfrentar o poder dele, orei silenciosamente: "Senhor Jesus, ajuda-me, por favor!" Uma passagem da Escritura veio à minha mente; uma passagem que o Pastor Taylor havia me mostrado naquele mesmo dia: "Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam. Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no Seu Nome" (João 1:11,12). Imediatamente, tive certeza de que Deus me faria sair vitorioso desse encontro. Uma grande calma tomou conta de mim. Somente mais tarde, compreendi o perigo de tentar dialogar com os espíritos.

Enquanto a conversa continuava, pude perceber que ele estava passando por algum tipo de crise. Aparentemente, ele demonstrava isso. Na realidade, parecia que eu estava detectando as ondas de desespero se apoderarem dele, pois, nesse momento, ele percebia que estava desperdiçando seus esforços na tentativa de reconquistar minha lealdade.

– Ouça com atenção – disse o espírito. – Estou falando a verdade. O mestre tem grandes riquezas reservadas para você, se tão-somente você parar de se associar com o povo que ele odeia e parar de observar o sábado que ele detesta.

– Espírito, creio que você está dizendo a verdade, mas eu não quero as suas riquezas. Elas não são suficientes. Recebi uma oferta melhor por minha lealdade: todo o ouro que eu quiser, e junto com o ouro vida ilimitada para desfrutá-lo. Decidi entregar minha vida a Jesus Cristo.

– Pare de mencionar esse nome! – o espírito "explodiu". – Eu preciso falar com você, mas não mencione este nome. Eu sou um conselheiro-chefe. Meus espíritos associados e eu já fizemos o trabalho de preparar o caminho para que o mestre pudesse fazer chover riqueza sobre você. Conseguimos trazer ao George a fama e a honra de que ele é agora possuidor. E nós fizemos os arranjos para que vocês dois se encontrassem; para que você pudesse compreender os nossos maravilhosos planos para a sua vida. Eu insisto com você. Não deixe passar esta oportunidade.

– Espírito, – disse eu – dez dias atrás eu poderia ter caído na sua conversa, mas não hoje. Agora eu sou o que você poderia chamar de um "ex-adorador de demônios instruído". Meu Mestre agora é Jesus e, com a ajuda dEle, guardarei os Seus mandamentos e me unirei aos observadores do sábado que você odeia. Você me oferece ouro se eu desistir da vida eterna. Pode esquecer. Eu posso esperar até à volta do Senhor. E aí terei todo o ouro que quiser na Nova Terra.

Durante uns dois minutos, o silêncio era quebrado apenas pelo tique-taque do meu relógio-despertador. Evidentemente, o conselheiro-chefe havia se deparado com o imprevisível. Como um general vencido no campo de batalha, ele precisava de algum tempo para arquitetar uma nova estratégia.

– Muito bem – ele disse, finalmente. – Você está recusando a riqueza e a fama do mestre. Portanto, a pobreza será o quinhão da sua vida; isto é, se você conseguir permanecer vivo. De hoje em diante, você vai andar debaixo da sombra da morte.

Ouvi, então, uma gargalhada, como jamais ouvi em minha vida. Ela transmitia um intenso prazer na crueldade. Imediatamente, pensei que era do tipo da gargalhada de Nero, quando os leões lançavam suas patas sobre as

vítimas cristãs na arena romana. Um calafrio subiu-me pelas costas e eu teria ficado provavelmente arrasado, não fora a certeza da proteção de Deus.

– Espírito, – disse eu – quero que você saiba que me entreguei aos cuidados do

Cristo do Calvário e estou preparado para andar debaixo da sombra da morte enquanto Ele estiver ao meu lado. Agora, em nome dEle, lhe ordeno que se retire de mim e não volte mais.

Enquanto ele saía, a porta que dava para a sacada de trás se abriu e bateu contra a parede do quarto com tanta força que a maçaneta quase atravessou o reboco.

CAPÍTULO 2

Minha Infância

Fui o quinto em uma família de oito filhos e nasci em 18 de abril de 1925, em St. Jacques, New Brunswick, pequena cidade perto da divisa com a província de Quebec, leste do Canadá. Os meus pais eram devotos católicos franceses. Da parte de meu pai, duas de suas irmãs eram freiras e seu irmão mais jovem era padre, que mais tarde se tornou monsenhor da Igreja Católica Romana.



Mesmo agora, não posso deixar de admirar a diligência com que meus pais seguiam os ensinos e as exigências de sua Igreja. Tanto quanto eu possa me lembrar, orávamos em família todos os dias. Lembro-me melhor do período de oração da tarde. O rosário era o momento principal do ritual, mas nós também repetíamos a litania dos santos. A litania consistia em invocar os nomes de uns cem santos, ou mais, para pedir que eles orassem por nós. Como crianças, nossos joelhos ficavam doendo de tanto ajoelhar. Mas éramos incentivados a oferecer o sofrimento a Deus que, por Sua vez, poderia usá-lo para aliviar alguma pobre alma do tormento das chamas do purgatório.

Nossa família, também, prestava-se a muitos tipos de humilhação do corpo com o fim de receber o favor de Deus. Se alguém fosse confessar e receber a comunhão na primeira sexta-feira de cada mês, voltava com a certeza de indulgências que beneficiariam alguma pobre alma com cinco mil dias a menos no purgatório. Naquele tempo, isso significava ficar sem alimento e sem água desde a véspera, na noite anterior, até depois da comunhão, na manhã seguinte. (A Igreja Católica já alterou esse regulamento).

Em determinadas épocas do ano, nossa família também tinha o costume de passar uma noite inteira em vigília. Fazíamos rodízio para que cada um de nós se ajoelhasse durante uma hora diante de uma estátua para repetir o rosário e outras rezas. A Quaresma, antes da Páscoa, também era um período de intensa auto-mortificação. Meus pais amavam a Deus e todas as suas atividades giravam em torno de Deus. Agradar a Deus era o principal objetivo deles.

Aos três anos de idade, fiquei muito doente e os médicos suspeitaram que eu não ficaria bom. Na realidade, meu pai chegou a fazer arranjos para o meu funeral. Minha mãe prometeu a Deus que, se eu ficasse bom, ela faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que me tornasse um padre; pois, assim, eu viveria para glorificar o nome dEle e para levar os outros a servi-Lo. Ela conta que eu comecei a melhorar imediatamente e minha recuperação foi rápida e completa.

Chegou o momento da minha primeira comunhão. No entanto, quanto mais eu memorizava o catecismo (os ensinos e mandamentos da Igreja Católica), mais difícil me era harmonizar os seus ensinos com o que eu conhecia do evangelho de Cristo. Antes do sermão, no domingo, o padre lia um capítulo de um dos quatro evangelhos ou de uma das epístolas. Essa parte, eu apreciava muito.

Certa vez, quando eu tinha sete anos de idade, estávamos voltando da igreja para a casa num lindo dia de inverno. O sol brilhava e cerca de vinte trenós puxados a cavalo seguiam um ao outro. O barulho de todos aqueles sinos dos trenós não permitia muita conversa. Todos nós viajávamos em silêncio. Foi quando eu quebrei tal silêncio perguntando a minha mãe por que Jesus foi tão bom para as pessoas quando andou na Terra e Se tornou tão mau depois que subiu ao Céu?

– Por que você faz essa pergunta? – indagou ela.

– Por que um Deus bom queimaria as pessoas no purgatório por centenas de anos, só por causa de pequenas ofensas? – eu perguntei, novamente. – Certamente, Ele não pratica o que ensinou. Você e o papai praticam aquilo que nos ensinam e por que Ele não? Vocês nos ensinam a perdoar as ofensas uns dos outros. Deus também deveria perdoar completamente, não acha?

Ao olhar bem para o rosto dela, pude perceber que esse raciocínio a deixou meio confusa. Meu pai tentou socorrê-la apelando para as autoridades superiores.

– Sabe, meu filho, é como o seu tio Félix, o padre, já disse: Deus odeia tanto o pecado, que teve que associá-lo com uma pesada penalidade para ensinar as pessoas a se apartarem dele (do pecado). Além disso, o Santo Papa conhece outras boas razões para que Deus use o purgatório, e nós não devemos questionar a autoridade do Papa.

Também aprendi e aceitei a doutrina da transubstanciação como qualquer outra criança de minha idade; crendo que, na Eucaristia, o padre transformava o pão e o vinho no corpo e sangue de Cristo literalmente. Mas, no domingo de Páscoa de 1937, ano em que minha mãe faleceu, ouvi algo que me levou a pensar de outra maneira.

O padre lia em um dos evangelhos a respeito da ressurreição de Cristo. O que me fascinava era o fato de que Jesus teve dificuldade em convencer os discípulos de que Ele havia ressuscitado realmente; que Ele era um Ser real, de carne e ossos, e não um espírito. Algumas perguntas interessantes surgiram em minha mente. Será que o Céu poderia ser um lugar real como a Terra, onde pessoas, de carne e osso, podem viver vidas reais, em vez de serem espíritos a flutuar nas nuvens? Por outro lado, se Jesus não é um espírito, como pode fazer parte da hóstia?

Para algumas pessoas, pode ser difícil compreender como uma pequena criança poderia perder sua fé em Deus e se voltar contra a religião da maneira como eu fiz. Talvez, eu consiga explicar, narrando alguns incidentes.

Como juvenil, eu ficava profundamente impressionado com o que ouvia e via na vida dos adultos. Nosso lar era um lugar de paz e alegria. Nossos pais nos deram um bom exemplo de como as pessoas devem relacionar-se. Eles praticavam a bondade e a consideração para com os outros e, com isso, esperavam que fôssemos bondosos e perdoássemos as faltas de uns dos outros. Nossos pais estavam sempre ajudando aos pobres e necessitados. Na minha maneira de ver, eu achava que Deus deveria ser, pelo menos, bondoso e compassivo para com os seres humanos da mesma forma que Ele esperava que nós fôssemos uns para com os outros.

Uma experiência em particular deixou minha mente muito perplexa. Naquele tempo, as pessoas não usavam seus carros durante os meses do inverno e, às vezes, dava muito trabalho fazer um automóvel funcionar bem quando chegava a estação mais quente.

Meu pai resolveu trazer um mecânico que morava em Edmundston para vir passar alguns dias conosco a fim de consertar o nosso carro. Antes de sair para ver o homem, papai disse: “O homem é protestante, mas é um ótimo cidadão e um excelente mecânico. Agora, filhos, prestem atenção. Pode ser que, ao recitarmos a saudação angélica antes de começarmos a almoçar, ele não participe de nossas devoções. Por favor, não fiquem olhando para ele e, acima de tudo, não façam perguntas embaraçosas com relação à religião dele. Entendido?” Enquanto falava, papai olhava diretamente para mim. Todos nós respondemos em uníssono: “Sim, senhor”.

Por três dias, o homem trabalhou no carro, e eu gostava de ficar olhando. Ele era tudo que o papai havia dito e muito mais. Era bondoso, parecia gostar de conversar comigo e não usava vocabulário profano.

Meu pai era o proprietário e gerente de três fazendas, e, naturalmente, tinha muitos empregados. Muitas vezes, ao admitir um novo empregado, eu ouvia dizer: "Amigo, sei que nós vamos nos entender muito bem. Não é difícil me agradar. Mas quero que você nunca se esqueça de uma coisa: minha esposa e eu não permitimos que as pessoas que trabalham para nós blasfemem de Deus ou dos santos. Nós temos filhos que estamos tentando criar para reverenciar a Deus. Portanto, cuide de suas palavras". Apesar desse pedido, eles se esqueciam durante o trabalho e, por suas palavras profanas, "faziam baixar todos os santos do céu" [expressão figurativa utilizada pelo autor].

Mas o mecânico protestante, quando machucava o dedo ou esfolava a pele, apenas dizia: "Ai! Como dói!"

Quanto à saudação angélica, descobri que o mecânico era mais reverente do que nós. Quando papai dizia "Oremos", o mecânico inclinava a cabeça, fechava os olhos e juntava as mãos. Nós nunca fechávamos os olhos e recitávamos a saudação o mais rápido que podíamos.

Depois que o homem foi embora, algo me perturbava e eu não conseguia tirar da cabeça. Era uma frase que eu havia decorado do catecismo: "Hors de L'eglise Catholique Apostolique et Romaine il n'y a point de salut". Traduzindo do francês, quer dizer: "Fora da Igreja Católica Apostólica Romana, não há salvação".

Minha mãe percebeu que algo me preocupava, e procurou descobrir o que era.

– Mamãe, para onde vão os protestantes bons quando morrem? – perguntei.

– Esta é uma boa pergunta, filho. Por que você pergunta?

Repeti o que havia memorizado do catecismo. Ela admitiu que não sabia, e sugeriu que perguntássemos ao meu tio, quando ele viesse nos visitar. Ela deve ter ficado perturbada com minha pergunta, pois na hora do jantar contou ao papai e pediu a opinião dele sobre o assunto.

Ele não teve muito a dizer, mas comentou que achava que Deus não deixaria uma boa pessoa fora do Céu, fosse ela católica ou protestante. "Provavelmente", sugeriu ele, "quando um protestante bom morre, os anjos o levam pela porta de trás". E disse mais:

– Os protestantes não têm a glória de receber as boas-vindas de São Pedro pessoalmente, mas eles não devem se preocupar, contanto que consigam entrar. Eles não devem esperar receber o tratamento reservado às celebridades. Afinal, os seus antepassados cometeram um grave erro quando deixaram a Igreja Católica, e todos os seus descendentes podem esperar por sofrimentos como consequência.

Concluí que seu raciocínio devia estar provavelmente certo, mas aquelas solenes palavras não saíam de minha mente: "Fora da Igreja Católica Apostólica Romana, não há salvação".

Alguns meses se passaram e, finalmente, ouvimos que o meu tio, o padre, estaria visitando todos os parentes. Pedi que papai perguntasse ao tio Félix, quando houvesse uma oportunidade, sobre o destino dos bons protestantes.

Depois de todos terem conversado bastante, papai se virou para o meu tio e perguntou:

– Félix, diga-me por favor, para onde vão os protestantes bons quando morrem?

– Por que você pergunta? – respondeu ele.

Papai, então, explicou o meu questionamento à luz do que estava escrito no catecismo.

– O que Roger mencionou do catecismo está correto – disse o tio Félix. – Não há salvação fora da Igreja Católica, seja lá quem for a pessoa.

Sua afirmação abriu espaço para um demorado debate sobre o assunto. Meu pai dizia que não seria justo da parte de Deus impedir a entrada de um bom protestante no Céu. Enquanto isso, meu tio procurava esfriar o calor da

discussão, sugerindo que, quando um bom protestante morre, sua alma provavelmente vai para o limbo. Supõe-se que este seja o lugar para onde se dirigem as almas das crianças não batizadas, quando morrem. Então, tio Félix concluiu:

– Uma coisa, eu sei: de acordo com a Igreja, nenhum protestante, bom ou mau, irá para o Céu, nem jamais verá a Deus. E lembrem-se, eu não fui o inventor das regras, eu apenas as ensino. Se houvesse qualquer possibilidade de um protestante ir para o Céu, nosso Santo Padre, o Papa, certamente nos teria dito.

Essa experiência deixou gravado em minha mente um grande ponto de interrogação sobre a justiça de Deus.

O tempo foi passando e, uns dois anos depois, a questão da justiça de Deus veio novamente à tona.

Numa linda tarde de julho, alguém passou em minha casa para contar aos meus pais que um vizinho havia morrido de repente, enquanto trabalhava a oito quilômetros de sua casa, aproximadamente. Uma afirmação chocou a todos os que estavam presentes: "Ele morreu sem ter, ao seu lado, um sacerdote que lhe ministrasse o último sacramento da Igreja". Depois de dizer que o irmão do falecido estava trazendo o corpo para casa, o homem saiu meneando a cabeça e dizendo: "É triste, triste, triste".

Posso me lembrar desse incidente como se fosse ontem.

Não demorou muito, e nós vimos uma velha carruagem puxada a cavalos movendose lentamente pela estrada. Um cobertor cobria o corpo, e o condutor estava sentado na frente, com as pernas penduradas, e a face refletindo o seu desespero.

Alguns vizinhos, que vieram à nossa casa para usar o nosso telefone (minha família possuía um dos dois únicos aparelhos telefônicos por muitos quilômetros ao redor), estavam assentados conosco, na varanda da frente. Depois de o féretro ter passado pela frente de nossa casa, minha mãe comentou:

– Se pelo menos ele tivesse um padre ao seu lado para lhe perdoar os pecados mortais, não teria que ir para o fogo do inferno. Nossa esperança é que a alma dele tenha somente pecados veniais [perdoáveis]. Só isso, no entanto, já representa muitos anos nas chamas do purgatório.

– Vamos ter que ajuntar dinheiro para mandar celebrar missas pela paz da alma dele, – disse papai – pois penso que a esposa e os filhos não terão condições de fazer isso.

Um dos vizinhos tomou a palavra:

– Preciso dizer-lhe que pode guardar o seu dinheiro. Estou inclinado a pensar que ele está, agora mesmo, é no fogo do inferno. Vejam, Senhor e Senhora Morneau, esse homem era conhecido por ter os dedos pegadiços. O que quero dizer é que ele, às vezes, se apropriava de objetos que não eram dele.

– Essa acusação é grave – papai respondeu. – E a menos que o senhor tenha provas, eu gostaria que não falasse mais nada.

– Sinto muito, mas o senhor se lembra de que no ano passado, mais ou menos nesta mesma época, o senhor não conseguiu encontrar uma corrente de puxar toras, que havia comprado poucos dias antes? Se o senhor fosse ao galpão dele e procurasse em um determinado lugar, encontraria a sua corrente. Eu a vi ali, poucos dias atrás. Cheguei até a comentar com o falecido sobre isso. Ele disse que a tinha tomado emprestada do senhor, mas que o senhor não sabia.

Por alguns momentos, papai pareceu chocado. Mas logo recuperou a compostura e disse:

– Para mim, isto é uma revelação. Ouçam todos! Quero que todos saibam que, diante de Deus, estou dando ao falecido a corrente que ele tomou emprestada de mim, mesmo que ele não tenha tido a intenção de me devolver. Além disso, caso ele tenha levado qualquer outra coisa de que eu não tenha conhecimento, também dou a ele. Desta forma, a alma dele está livre de qualquer condenação que ele possa trazer sobre si mesmo à vista de Deus.

– Não quero ser irreverente para com Deus, – respondeu o vizinho – mas agora estou achando que o senhor é muito mais bondoso do que Deus. Tenho de admitir que esse é o gesto mais lindo que já vi ou de que já ouvi falar. Na verdade, o senhor deve ser o primeiro ser humano a forçar Deus a tirar uma alma do fogo do inferno e colocá-la no purgatório, até que esteja plenamente purificada para entrar no Céu.

Esse episódio teve um grande impacto sobre mim. Por muitos dias, esse incidente voltava à minha mente e, ao meditar sobre isso, eu concordava com o vizinho – meu pai tinha um caráter mais nobre do que o de Deus, a quem ele servia. Cheguei à conclusão de que Deus era demasiado injusto ao obrigar as almas a sofrerem no purgatório quando seus parentes não tivessem dinheiro para mandar celebrar missas.

A experiência que mais contribuiu para que eu me voltasse completamente contra Deus, porém, foi o falecimento de minha mãe. Na primavera de 1937, ela foi ao hospital para ser submetida a uma cirurgia. Após duas semanas, ela recebeu alta, mas para passar seus últimos dias em casa. Com apenas doze anos de idade, eu tinha a mente muito impressionável.

Certo dia, ao chegar da escola, fui ao quarto dela para beijá-la na testa, como fazia todos os dias.

– Por favor, sente-se – disse ela. – Gostaria de dizer algo que é muito importante para nós dois. Como você sabe, não me resta muito tempo para viver junto de você e quero que você se lembre deste pequeno conselho. Ao ir abrindo o seu caminho através da vida, demonstre a sua apreciação pela bondade dos outros para com você. Agradeça sempre, mesmo que seja apenas um copo de água. As pessoas que expressam sua apreciação por pequenos favores, recebem benefícios muito maiores.

Naquele tempo era costume fazer o velório em casa, em vez de numa capela funerária. Por três dias, os amigos, parentes e vizinhos vieram para prestar suas homenagens e orar pela alma de minha mãe. No dia do sepultamento, muitas pessoas pensaram que mamãe já estava no Céu, ao lado de Deus, devido aos muitos rosários [terços] que foram rezados em favor dela. Mas, o que mais bem nos fez, foi o fato de que papai mandou celebrar missas gregorianas em favor da alma dela.

Como o nosso tio Félix nos explicou, missas gregorianas devem ser a coisa mais maravilhosa que pode acontecer para alma de um ente querido falecido. Ele disse que foi o Papa Gregório I quem as planejou, devido à especial preocupação que tinha para com as almas no purgatório. A família faz os preparativos para que se celebrem trezentas missas simultaneamente em várias paróquias, conventos, mosteiros e em outros lugares, no mesmo dia. De acordo com ele, essas missas têm um poder redentor suficiente para levar uma alma diretamente para o Céu, sem passar pelas chamas do purgatório.

Naquele mesmo dia, ouvi um parente dizer que as missas gregorianas custavam um dólar cada uma ou, em outras palavras, trezentos dólares por todo o plano. Na minha mente, veio o pensamento de que nós éramos verdadeiramente privilegiados, porque o meu pai tinha condições de ajudar minha mãe a ir para o Céu de uma maneira tão bonita. Foi então que me lembrei de uma mulher de nossa paróquia que havia morrido seis meses antes. A família era muito pobre para mandar celebrar qualquer missa e, por isso, ela teria que sofrer no purgatório. Os arranjos para o sepultamento dela tinham deixado meu pai muito revoltado, pois ele era membro da comissão de serviço social de nossa paróquia.

Naquela noite, já assentado à mesa para a ceia, ele decidiu ficar sem comer. Detectando o seu mau humor, mamãe perguntou qual era o seu problema.

– Talvez seja mesmo melhor contar – disse ele. – Passei a melhor parte da tarde no presbitério da igreja, com outros membros da comissão, discutindo os problemas dos pobres de nossa paróquia. O principal item de interesse foi a compra de um caixão para a idosa Annie. Eu não era contra a economia de despesas, mas quando o Padre Paquin perguntou ao diretor da funerária quanto seria possível economizar se retirássemos do caixão o crucifixo e as alças antes do enterro, fiquei revoltado e tive vontade de dar ao bom padre uma parte de meu vocabulário. Entretanto, me contive por respeito ao seu ofício. Para colocar um ponto final à discussão, eu disse que pagaria a diferença. Coisas desse tipo, de alguma forma me irritam. É triste. É triste ser pobre hoje em dia. Especialmente quando chega a hora de morrer.

Ao lembrar-me desses dois incidentes, eu não conseguia deixar de pensar que Deus era tremendamente injusto ao permitir que a miséria continuasse no mundo. Com o passar do tempo, perdi a confiança em Deus e na Igreja, e resolvi que, tão logo tivesse idade suficiente para me manter, não teria nada a ver nem com Deus, nem com a Igreja. No outono de 1937, meu irmão Edgar e eu, fomos colocados pelo meu pai num internato administrado por freiras de L'Hotel Dieu, de St. Basile. A grande quantidade de instruções religiosas que recebi nesse lugar serviram apenas para endurecer ainda mais o meu coração. Pelas aparências exteriores, ninguém seria capaz de imaginar o que estava acontecendo em minha mente. Passo a passo, afastei-me de Deus, com desgosto e ódio. Alguns anos se passaram, chegou a Segunda Guerra Mundial, e com ela o chamado para servir a minha pátria.

CAPÍTULO 3

Viagem ao Sobrenatural

Senti-me atraído pela Marinha Mercante Canadense porque um amigo meu havia servido e me contara como havia gostado. Com a Marinha Real e a Força Aérea Real para nos dar proteção (os navios mercantes eram a linha de sustentação das forças armadas), nós parecíamos ter uma maior sensação de segurança.

Durante dois anos e meio, trabalhei na sala das máquinas dos vários navios aos quais fui designado, trabalhando a maior parte do tempo como foguista [eram navios com caldeiras a vapor]. Lembro-me bem de que, ao começar o meu turno, eu dizia para mim mesmo: “Espero que nenhum torpedo acerte estas caldeiras enquanto eu estiver aqui”. Muitos homens que conheci pereceram no mar. Minha experiência na Marinha Mercante serviu para endurecer-me ainda mais contra Deus e os homens.

Terminada a guerra, era difícil encontrar ocupação em Montreal, porque milhares de jovens que haviam recebido dispensa do serviço militar fervilhavam pelas ruas da cidade em busca de emprego. Decidi aprender um ofício, algo que eu pudesse apreciar e que envolvesse alguma criatividade. Eu não queria trabalhar só para o meu sustento. Por isso, decidi gastar mais tempo procurando emprego, para ter certeza de que, ao optar por um, eu ficaria realmente satisfeito.

Enquanto isso, para me manter ocupado, aceitei um trabalho no 'Windsor Bowling' [clube de boliche], na Rua St. Catherine West. Naquela época, era um dos melhores lugares de Montreal para esse tipo de diversão. Eu era auxiliar do gerente do salão de bilhar. O trabalho não era duro, eu ficava conhecendo muita gente, e era um bom passatempo.

Não estava nesse trabalho por muito tempo, quando entrou um velho amigo que havia servido comigo no início de minha experiência na Marinha Mercante. Felizes em saber que nós dois ainda estávamos vivos, jantamos juntos naquela noite e conversamos sobre muitas coisas.

Um assunto sobre o qual meu amigo Roland falava com muito entusiasmo era o seu novo interesse pelo sobrenatural. Contou-me de quão contente estava por ter conhecido um grupo de pessoas que se comunicava com os os mortos. O médium espírita havia colocado Roland em contato com seu pai, falecido quando ele tinha apenas dez anos de idade. O espírito de seu pai já lhe havia dado muitos conselhos concernentes ao futuro.

Embora fosse interessante ouvir as experiências de Roland com o sobrenatural, aquilo me parecia misterioso. Não demorou muito e ele perguntou se eu estaria interessado em assistir a uma dessas sessões.

– Pode ser que o médium espírita consiga fazer com que você fale com o espírito de sua falecida mãe. Você gostaria disso, não é?

O entusiasmo dele diminuiu, quando ele percebeu que eu estava tão agitado que nem podia responder. Após alguns segundos de silêncio, ele continuou:

– Você não teria medo de falar com a alma de sua falecida mãe, teria?

De alguma forma, consegui responder que não, mas gostaria de ter um pouco mais de tempo para pensar, pois jamais havia cogitado sobre isso.

Ele me olhou direto nos olhos e disse:

– Morneau, você está com medo, eu sei só pelo jeito do seu olhar. Está escrito no seu rosto. Puxa, você mudou muito desde a última vez que o vi. O Roger Morneau que eu conheci não tinha medo de nada. Lembro-me do tempo em que você e eu, e outro seis novatos, éramos marinheiros e o primeiro-oficial aproximou-se de nós, dizendo que precisava de um voluntário para subir ao topo do mastro principal do navio, no dia seguinte, para pintar a parte mais alta. “Qual de vocês vai subir?”, perguntou ele. “Não é muito alto, tem apenas 22 metros. Mas, a pessoa que subir, necessitará de muita calma quando estiver lá em cima. Vai ter que sair da tábua em que se sentou enquanto era içado com uma corda, e deitar de barriga sobre o topo do mastro [que tinha 60 centímetros de largura] para poder pintar a parte de trás”. Estávamos todos morrendo de medo de subir, e ficamos aliviados quando você disse ao primeiro-oficial que subiria. Falar em coragem, companheiro, era com você. Agora, não me diga que vai ficar fora dessa, de vir comigo à nossa próxima sessão, vai?

Depois de um discurso como esse, eu não poderia recusar. De repente, eu tinha que manter aquela imagem de que Roger Morneau não tinha medo de nada. Estava fisgado.

Foi assim que, certo sábado, ao anoitecer, me encontrei com Roland em uma casa em que um médium visitante seria o hóspede de honra. Fomos apresentados a alguns dos presentes, e nos sentimos honrados ao sermos apresentados a um casal muito distinto. O homem era um profissional de espetáculos, líder de uma banda de 'jazz' que estava fazendo grande sucesso. Sua banda tocava nos mais elegantes clubes noturnos.

Terminada a sessão, algumas das visitas se preparavam para sair, quando o líder da banda virou-se para sua esposa e disse:

– Querida, o que você acha de irmos embora? Já está ficando tarde.

A esposa estava, nesse momento, conversando com o médium. Ela o achou muito interessante.

– George, por que você não vai para casa primeiro, a fim de descansar? – respondeu ela – Quero ficar aqui mais um pouco, e depois pego uma carona com os Belanger [outra família].

Ele concordou com a ideia e saiu da casa exatamente no momento em que Roland e eu estávamos saindo. Já do lado de fora, George aproximou-se de nós e perguntou:

– Companheiros, vocês têm carro?

– Não, – disse eu – nós vamos pegar o bonde, a duas quadras daqui.

– Será um prazer dar-lhes uma carona. Entrem.

Durante a sessão daquela noite, Roland e eu dissemos, em nossas conversas informais, que havíamos servido na Marinha Mercante durante a guerra. O médium evocou o (suposto) espírito de um dos companheiros de trabalho de Roland, que morrera quando o navio deles afundou.

Ao entrarmos no carro de George, ele começou a fazer perguntas a respeito dos perigos do nosso trabalho durante a guerra. Mas não demorou quase nada e já estávamos em nosso endereço. Ele fez, então, uma sugestão:

– Que tal irmos a um restaurante para comermos alguma coisa? Vocês poderiam, ao mesmo tempo, contar mais um pouco das suas aventuras durante a guerra. Isto me fascina. As despesas correm por minha conta e depois lhes dou uma carona até às suas casas.

George nos levou à Rua St. Catherine West, parte da cidade de Montreal conhecida por seus restaurantes de alto nível. De repente, ele manobrou seu 'Lincoln Deluxe' através de uma via estreita que dava nos fundos de um de seus restaurantes prediletos, e o estacionou atrás de um 'Cadillac' preto, dizendo:

– Joe está aqui. Ele é o proprietário, e uma ótima pessoa.

Ao entrarmos, uma recepcionista informou que teríamos de aguardar na sala de espera até que uma mesa se tornasse disponível. Enquanto nos dirigíamos para lá, Joe avistou George de longe e veio para cumprimentá-lo.

Informado de que estávamos aguardando uma mesa, Joe disse que não era necessário. Poucos minutos antes, alguém havia telefonado para cancelar uma reserva. A mesa era nossa. Ele nos conduziu até ela, retirou o sinal de "reservado" e nos fez tomar os nossos assentos.

Uma garçonete aproximou-se e tomou nossos pedidos de bebidas. Ela disse que poderíamos ter que esperar um pouco mais do que o normal pela nossa comida, pois o lugar estava superlotado. George pediu uma dose dupla de sua bebida alcoólica favorita para passar o tempo. Então, respondemos às suas perguntas com respeito à Marinha Mercante, e falamos de nosso interesse e de nossas atividades relacionadas ao sobrenatural.

Nossa comida demorou para chegar, e pedimos mais uma rodada de bebidas. George ficou tagarela e se pôs a contar muitas coisas que, sob circunstâncias normais, não teria contado. Por exemplo, perguntei se ele se importava de nos falar um pouco sobre como havia alcançado tanta fama em sua profissão.

– Com muito prazer – disse ele. Na verdade, vou contar-lhes o real e verdadeiro motivo do meu sucesso, algo que nem minha esposa sabe. Mas vocês têm que prometer que guardarão isto em segredo absoluto.

Garantimos que tudo o que ele mencionasse seria mantido em sigilo.

– Vocês sabem alguma coisa a respeito do culto aos demônios?

– Eu não – respondi. – Por que você quer saber?

Sem dar resposta à minha pergunta, ele indagou:

– Há quanto tempo vocês estão envolvidos com a feitiçaria?

– George, eu não sei em que ponto você está querendo chegar. O que você está tentando dizer?

– O que quero dizer é: há quanto tempo vocês estão pretendendo entrar em comunicação com os mortos?

– Quanto a mim, faz pouco tempo – respondi.

– Vejo que vocês dois têm muito a aprender com respeito ao sobrenatural. Vocês estão perdendo tempo em irem a essas sessões espíritas. Não me entendam mal, essas sessões têm seu lugar. São um bom passatempo para as mulheres, no sentido de que elas se sentem confortadas ao pensarem que estão recebendo orientação para suas vidas através de alguma pessoa amada falecida. Vejam bem, hoje eu fui à sessão só para fazer minha mulher feliz. Vou com ela umas duas vezes por ano para fazê-la sentir que me preocupo com os seus interesses. Essa é a única razão. O que ela não sabe é que eu aprendi a ir à própria fonte desse poder, onde uma pessoa pode encontrar a ação real – isto é, adoração aos demônios.

De tudo o que ele nos disse, uma frase ficou gravada em minha mente.

– George, você poderia esclarecer a pergunta que nos fez, poucos momentos atrás: "Há quanto tempo vocês estão pretendendo entrar em comunicação com os mortos?" O que quis dizer com o verbo "pretender"?

Ele sorriu, olhou para o seu relógio e disse:

– É muito tarde para explicar isso hoje, mas deixem-me dizer o seguinte: vocês não têm mantido conversa com os mortos.

E voltou a falar de seu sucesso pessoal.

– Vejam bem, por muitos anos, eu parecia ser um fracasso, tentando organizar e manter a minha própria banda de 'jazz'. Então, tive a sorte de conhecer o culto aos demônios e, através desse grande poder, tenho obtido tudo o que

sempre desejei. É claro que tive que aprender a fazer certos rituais antes que os espíritos começassem a trabalhar em meu favor.

Seu rosto se iluminou com um grande sorriso.

– Daquele dia em diante, o sucesso foi instantâneo para mim e para minha banda.O reconhecimento veio da noite para o dia. Sem nenhum esforço de nossa parte, nós fomos descobertos (apesar de termos estado ali o tempo todo) e aclamados como uma das grandes bandas em nosso gênero musical. Por alguma razão, todos os repórteres ficaram entusiasmados conosco. Nós nos tornamos o assunto da cidade. As mais importantes personalidades do mundo do rádio comentavam a nosso respeito e, em pouco tempo, nós alcançamos o topo.

George tomou mais um gole de seu copo, puxou mais uma tragada de seu cigarro e continuou:

– Nós temos estado em constante demanda desde então. O dinheiro só vai entrando. Nossos preços são os mais altos na indústria fonográfica. As pessoas gostam de dançar ao som da nossa música. Na realidade, os espíritos tomam conta de nós; em outras palavras, eles se apossam de nós e nos dão energia, e nós repassamos essa influência para o público. Eles gostam do que recebem e sempre voltam para buscar mais da mesma coisa.

Reclinando-se e acendendo mais um cigarro, ele começou a rir e disse:

– Vocês vão gostar desta. Há um mês, fui entrevistado num programa de rádio e me diverti muito. Seis das mais altas personalidades do mundo do rádio de Montreal e de Toronto, conversavam comigo. Tudo o que eu dizia parecia fasciná-los. Até eu ficava admirado com as minhas respostas improvisadas. Eu nunca havia sido tão sagaz. Gostei muito da atenção que me deram. Quase chegou a um estado de adoração. E mais, estavam o tempo todo tentando me decifrar. E quando nos despedimos, ainda não haviam conseguido.

Olhando mais uma vez para o relógio, ele disse:

– Companheiros, está ficando muito tarde. Que tal irmos para casa?

Enquanto esperava pela conta, George comentou:

– Esse meu sucesso é fácil de entender, uma vez que a pessoa compreenda o enorme poder dos espíritos e o processo envolvido em fazer com que esse poder funcione em favor de si mesmo.

Admirados com tudo o que ele nos contou, Roland e eu, pedimos que ele nos contasse mais a caminho de casa.

– Sinto-me até na obrigação de lhes contar minha experiência, pois acredito que vocês estão procurando alguma coisa mais poderosa para o benefício de suas vidas. E sei que não irão encontrar isso frequentando sessões espíritas, como a que viram nesta noite. Ou, expressando-me de outra forma: por que vocês iriam querer jogar em times inexpressivos quando poderiam estar nos melhores e maiores times?

Meu amigo pediu, então, que ele nos dissesse como entrar nos grandes times do mundo dos espíritos.

– Vocês dois são jovens muito corajosos – disse George – e já fizeram muito pela nossa pátria. Agora, vou fazer algo grande por vocês. Farei os arranjos para que ambos possam assistir ao nosso próximo culto aos espíritos.

George, então, deu uma olhada para um lado e depois para o outro, meio indeciso, e finalmente disse:

– Só quero ter certeza de uma coisa. Presumo que vocês não têm nenhumareverência por Cristo, estou certo? Só estou perguntando porque nesse culto não pode haver ninguém leal ao Deus cristão. Isso poderia ser desastroso.

Nós lhe asseguramos que já havíamos blasfemado de Deus e que já havíamos ultrapassado o ponto de retorno.

– Percebi isso, esta noite, – ele continuou – quando os espíritos evocados pareciam favorecer a vocês dois acima das demais pessoas ali presentes. Espero que minha pergunta não tenha ofendido vocês. Tive que perguntar para ter dupla certeza de que está tudo bem com vocês.

Embora eu estivesse um pouco relutante em assistir a uma reunião de adoradores de demônios, meu amigo Roland não manifestou nenhuma hesitação em fazê-lo. Ele raciocinava que, já que íamos para o inferno, para sermos queimados por toda a eternidade, poderíamos pelo menos ir familiarizando-nos com o pessoal antes de chegarmos lá.

Achei que George nunca mais faria contato conosco, pois estava bêbado quando fez o convite; e na manhã seguinte, provavelmente, não se lembraria da metade do que tinha falado na noite anterior. Mas, passados alguns dias, ambos recebemos telefonemas instruindo-nos a estarmos prontos para as oito da noite, quando ele passaria para nos levar.

Essa noite inesquecível começou com George nos ensinando os muitos detalhes da sociedade secreta que ele pertencia. Ele não era um motorista rápido e parecia relutante em ultrapassar os bondes em movimento. Fizemos, provavelmente, mais de cem paradas antes de chegarmos ao nosso destino, e isso nos deu bastante tempo para conversar.

George disse que não deveríamos ficar surpresos se encontrássemos algumas das pessoas mais ricas e influentes de Montreal, e mencionou pelo menos uma meia dúzia dos nomes mais notáveis. Isso me surpreendeu, pois já imaginava encontrar alguns tipos de aparência rude. Pelo contrário, porém, todos eram muito gentis, vestiam-se impecavelmente e tinham personalidade muito agradável. Eles nos fizeram sentir como se nos conhecessem por muito tempo e como se já fôssemos parte do grupo.

A reunião começou quinze minutos após a nossa chegada. Foi bastante informal. As pessoas passaram duas horas contando as fantásticas realizações que haviam conseguido através da ação dos espíritos, especialmente transações comerciais que haviam resultado em grandes lucros pessoais, como consequência de suas habilidades em usar a clarividência e a telepatia mental (com a ajuda dos espíritos) para influenciar as pessoas em suas decisões.

Um homem contou como, pelo uso da astrologia e da adivinhação, ele havia se tornado conselheiro de várias pessoas ricas em seus investimentos, e estava, por sua vez, tornando-se rico também. Ele explicou como um espírito demoníaco pairava ao lado dele durante cada consulta e lhe dava informações precisas – audíveis a ele, mas não aos clientes – sobre como e quando investir.

– Essas pessoas ricas têm o capital para investir, – disse ele – e eu tenho o 'know-how' [experiência] para ajudá-las a multiplicar os seus rendimentos.

Muito impressionado, meu amigo Roland perguntou a este homem se ele não tinha medo de ser roubado nas transações. Então, ele disse:

– Eu dou conselhos e recebo uma porcentagem do lucro da transação. Como você bem sabe, a astrologia funciona apenas como uma fachada. Eu não me preocupo. Meu espírito familiar me protege. Deixem-me ilustrar: um casal tentou privar-me da porcentagem combinada em uma rentável transação imobiliária-industrial. Eles me deram um cheque que representava uma vultosa quantia e eu fiquei satisfeito, até que o meu espírito familiar mandou que lhes perguntasse onde estavam os 1700 dólares adicionais que faziam parte da minha correta comissão naquele investimento. A esposa desmaiou e o esposo ficou aterrorizado. Rapidamente, ele explicou que eles não tinham nenhuma intenção de me enganar e que o restante do dinheiro estaria em minhas mãos dentro de 24 horas.

Após cada história de sucesso, a pessoa sempre louvava ou dava crédito a um espírito específico, citando o seu nome e, muitas vezes, se referia ao espírito como senhor de sua vida.

Durante o tempo em que estive envolvido com os adoradores de demônios, observei que, ao testemunharem de como os espíritos lhes favoreciam, eles frequentemente se referiam ao espírito como “senhor deus”. Por exemplo, alguém dizia: “Foi maravilhoso ver o poder do senhor deus Belzebu manifestar-se em meu favor no dia tal”. Ou alguém perguntava: “Fulano, como tem passado desde a última vez que o vi?” A resposta seria: “Muito bem, obrigado, os deuses têm realmente beneficiado a minha vida de maneiras maravilhosas”.

Naquela noite, alguém me impressionou muito. Ele era médico, e explicou como os espíritos lhe haviam dado grandes poderes de curar e hipnotizar, incluindo a habilidade de tirar a dor e estancar a hemorragia em feridas e cortes profundos.

Após contar algumas fascinantes histórias de cura de pacientes seus, ele afirmou que precisava descer à sala de culto. Disse ele: “Com licença, meus amigos, preciso fazer atos de devoção a fim de ser revigorado pelo senhor deus Nehustan. Dependo de seu poder vivificador para reviver e curar meus pacientes”.

Uma hora após o início da reunião, chegou alguém atrasado. Várias pessoas o cumprimentaram, referindo-se a ele como 'Charmer' [encantador]. Já tarde, naquela noite, ao voltarmos para casa, perguntei ao George:

– O que você tem a dizer sobre aquele cavalheiro de boa aparência? Alguns chamaram-no de 'Charmer'. Esse nome tem algum significado especial?

– Sim, o nome tem um significado especial, mas não posso falar-lhes nada sobre ele agora. Depois que vocês tiverem frequentado várias de nossas reuniões, façam-me lembrar e lhes falarei sobre ele. É uma pessoa fascinante. Na verdade, nós acreditamos que ele é o maior 'charmer', ou hipnotizador, que já andou pelas ruas de Montreal. A propósito, companheiros, fiquei contente em ver como vocês foram bem aceitos por todos nesta noite. Isso me fez sentir bem. Entendam, somos um grupo muito unido. Na realidade, não foi fácil obter permissão para trazê-los comigo a esta reunião. De início, esse privilégio me foi negado. Mas, através da ação de um espírito conselheiro, que apareceu ao nosso líder, que estava de férias nos EUA, recebi um telefonema dando a autorização. Então, abriu-se o caminho para que vocês pudessem associar-se conosco e tornar-se, eventualmente, membros de nossa sociedade. Futuramente, falarei mais sobre isso.

Senti-me um tanto desconcertado quando ouvi George assumindo que me tornaria um deles. Roland, no entanto, estava encantado com a coisa toda.

– Após algumas visitas, – disse George – vocês poderão descer e ver a nossa sala de culto. Creio que vocês ficarão bastante impressionados. Só não será possível vocês entrarem na sala de adoração aos deuses, porque é necessário que o sacerdote satanista esteja presente, e isto só depois de receber a permissão dos espíritos.

Essa reunião ocorreu em uma casa particular, uma luxuosa residência de Montreal. Enquanto andávamos pelo andar principal, podíamos escutar, vindo do andar de baixo, sons muito semelhantes aos da música religiosa e dos cânticos usados pelo povo da Índia. Vez por outra, algumas pessoas iam ao andar de baixo e, após uns trinta minutos, retornavam. Toda essa atividade fez com que George se inclinasse para mim, enquanto estávamos sentados no sofá, para dizer em voz baixa: “Nossa sala de culto fica no andar de baixo. Falarei mais sobre isso ainda esta noite, depois que formos embora”.

Umas seis semanas depois de termos conhecido o homem chamado 'Charmer', perguntei certa noite, ao voltarmos para casa, se George poderia falar-nos mais a respeito dele. Então, ele disse:

– Claro, vocês precisam ouvir mais a respeito dessa fascinante pessoa. Mas, primeiro, quero que vocês lembrem que nós somos, de um modo geral, um grupo de cidadãos leais às leis. Não conheço um de nós que não tiraria a sua camisa para ajudar o próximo. E nós, realmente, nunca tiramos vantagem das pessoas com os poderes que os espíritos nos têm passado. Mas, no caso do 'Charmer', bem, ele é um pouco diferente de todos nós. Aparentemente, ele tem uma fraqueza de caráter e, por causa disso, usou o seu poder hipnótico ou o seu dom, de uma maneira indevida. Eu diria que ele perdeu o senso de direção por algum tempo. Ele é um homem de negócios muito capaz. É dono de dois clubes noturnos, e tem tido muito sucesso. Como já disse, ele é um poderoso hipnotizador. Ele pode colocar uma pessoa sob o seu encantamento, ou transe hipnótico, em menos de dez segundos, se esta pessoa concordar em olhar diretamente para os seus olhos. Sendo dono de dois clubes noturnos, ele tem muito contato com pessoas que trabalham nos meios artísticos. Os conjuntos e grupos trabalham, em sua maioria, por um contrato médio de quatro a seis semanas, e depois seguem para outra área. Ficamos sabendo que alguns grupos estavam se desintegrando ou perdendo um de seus membros depois de se haverem apresentado em um de seus clubes. E o artista desistente, era sempre do sexo feminino. Há uns seis meses, o 'Esquadrão Anti-Vícios' da Polícia de Montreal fez uma 'blitz' numa casa de prostituição de alto luxo. Todas as moças que lá estavam, eram artistas de grupos e conjuntos que haviam se apresentado nos clubes dele. Vejam, essas moças jamais teriam entrado nessa situação se não tivessem concordado com em deixar que alguém as hipnotizasse. Quem faz isso, nunca poderá, daí em diante, resistir ao hipnotizador.



Aspecto de Montreal I (década de 1940)

CAPÍTULO 4

A Sala de Adoração aos Deuses

Quando Roland e eu fizemos nossa terceira visita à assembleia de adoradores de demônios, George nos informou que o sacerdote satanista estaria presente, tendo recentemente retornado de uma viagem aos EUA. Ele estava bastante confiante de que o sacerdote nos olharia com simpatia e que, sem dúvida, nos permitiria o acesso à sala de adoração aos deuses.

Ao entrarmos, fomos apresentados a algumas pessoas que ainda não conhecíamos, e logo começamos a conversar com os que vieram desejar-nos uma boa noite. Pouco depois, o sacerdote entrou. Apertando as mãos das pessoas e dirigindo-lhes algumas palavras, ele veio se aproximando de nós. Quando chegou até nós, George disse:

– Reverendo, gostaria que conhecesse estes dois finos cavalheiros.

Conversamos com ele por uns momentos, e ele nos surpreendeu com algumas coisas que disse. Por exemplo, quando George comentou que nós tínhamos servido na Marinha Mercante, o sacerdote mencionou os nomes dos navios em que estivéramos, bem como alguns detalhes dos quais ninguém tinha conhecimento. Tenho que admitir que isto nos impressionou bastante. Ele, então, pediu licença e disse que gostaria de ter uma breve conversa conosco em algum outro momento durante aquela noite.

Não só as suas palavras, mas também a sua própria presença, refletiam um ar secreto e misterioso. Seu olhar era penetrante, sua cabeça calva e, ao falar, sua voz grave e profunda se fazia acompanhar por um pequeno sorriso. Sua estatura, por si só, era imponente. Eu diria que era a mesma do General Charles de Gaulle [militar renomado e ex-presidente da França, que tinha uma estatura elevada].

Depois de uma demorada sessão de testemunhos aos deuses, o sacerdote novamente se juntou a nós, numa conversa agradável. Ele disse que os espíritos lhe haviam dado muitas informações a nosso respeito e tinham manifestado o desejo de beneficiar a nossa vida e de conceder-nos grandes dádivas.

Quando a maioria das pessoas já havia saído, ele nos convidou para visitarmos a sala de adoração aos deuses.

Para se compreender melhor quão perturbadoras e quase chocantes seriam para mim as revelações que logo iria receber, devo descrever as imagens mentais que a minha criação católica havia incutido em minha mente a respeito do diabo e de seus anjos caídos. Em minha infância, os adultos me haviam ensinado que o diabo e seus anjos estão no fogo do inferno, no centro da Terra, cuidando da infindável tarefa de impor vários tipos de tortura às almas daqueles que morreram em estado de pecado mortal. Os adultos descreviam os demônios para nós, crianças, como um tipo de criatura, meio animal, tendo chifres, cascos e cuspindo fogo. Ao entrar em minha adolescência, concluí que essa coisa toda era ridícula, e que provavelmente era invenção de alguma mente muito fértil, que durante os séculos passados quis se aproveitar dos supersticiosos e ignorantes. Posteriormente, questionei a própria existência do diabo e seus anjos.

Descemos as escadas com o sacerdote, que parecia estar se deleitando em nos mostrar o seu santuário. Enquanto íamos andando, ele ia nos contando como um espírito havia desenhado o projeto e a arquitetura do local.

Ele apontou para os complexos detalhes de delicada beleza ao longo da escadaria. Posso lembrar-me ainda hoje dos entalhes que ornavam o seu maciço balaústre, das esplêndidas decorações nas paredes e do enorme candelabro sobre o primeiro patamar.

O espaçoso santuário me encheu de admiração. Um ar de segredo e mistério enchia o local, dando a impressão de que uma grande influência tinha trabalhado ali para fascinar a mente humana, a fim de que esta respondesse em reverência e submissão, sem fazer perguntas.

As salas eram luxuosas e magníficas. Havia ouro por toda parte. As lâmpadas e muitos outros objetos eram laminados ou enfeitados com esse metal. O sacerdote disse que alguns dos objetos eram de ouro maciço. Embora o lugar não estivesse intensamente iluminado, os objetos de ouro pareciam brilhar com grande resplendor.

Creio que foi a abundância de lindas pinturas a óleo que mais prenderam a minha atenção. Cerca de 75 pinturas de 120 por 80 centímetros estavam penduradas nas paredes. O sacerdote satanista disse que, se tivéssemos perguntas, ele ficaria feliz em poder respondê-las.

– Quem são as pessoas de nobre aparência retratadas nessas pinturas? – perguntei.

– São os deuses dos quais vocês ouviram falar durante as sessões de testemunho. Como conselheiros-chefes, eles têm domínio sobre legiões de espíritos. Depois que eles se materializaram para que nós pudéssemos fotografá-los, nós mandamos fazer estas pinturas. Por serem merecedores das maiores honras, nós colocamos embaixo de cada pintura um pequeno altar para que as pessoas possam, em suas devoções, acender velas, queimar incenso e cumprir os rituais solicitados pelos espíritos.

Ao andarmos um pouco mais, chegamos a um altar no qual estava uma vara com uma serpente de bronze enrolada ao seu redor. O sacerdote mencionou que o altar era dedicado ao deus Nehustan, cujo poder o médico, que nós ouvimos em nossa primeira visita, tinha utilizado de maneira maravilhosa. Comentou a respeito dos grandes milagres que o deus de bronze efetuou para os filhos de Israel, quando eles queimaram incenso diante da serpente de bronze feita por Moisés séculos antes (ver Números 21:4-9; II Reis 18:4; João 3:14).





Ilustração: Moisés com a serpente de bronze Bandeira da Organização Mundial de Saúde

No extremo da sala havia um grande altar, acima do qual havia uma pintura, em tamanho real, de um indivíduo de aparência majestosa. À pergunta de meu amigo, o sacerdote respondeu:

– Este altar é dedicado ao mestre de todos nós.

– Como se chama ele? – perguntei.

O seu rosto se revestiu de uma expressão de orgulho.

– “Deus conosco”.

Hoje, ao me lembrar dessa pintura e de como a admirei muitas vezes, devo dizer que o indivíduo ali pintado tinha feições que denotavam um intelecto superior. Tinha a testa alta, o olhar penetrante, e uma postura que dava a impressão de que fosse uma pessoa de ação e de grande dignidade.

Eu não esperava por essa resposta do sacerdote e ela não foi realmente clara. Certamente, ele não podia estar se referindo a Jesus Cristo. Não, não podia estar. Mas, será que estava... ?

– Quer dizer que este é o verdadeiro retrato de Satanás? – consegui perguntar, afinal.

– Sim, é. E você, provavelmente, deve estar se perguntando: onde foram parar suas medonhas e animalescas características? – Ele riu e acrescentou: – Perdoe-me por rir, mas, acredite, não estou rindo de você neste estado mental desconcertado. Na realidade, acho divertido perceber que os espíritos de demônios conseguiram ser tão habilidosos em esconderem a sua verdadeira identidade que, mesmo nesta época de avanço científico e grande cultura, a grande maioria dos cristãos ainda acredita na teoria dos chifres e cascos.

Então, sua expressão facial mudou e passou a refletir um ar de profunda preocupação ao dizer:

– Hoje é solenissimamente importante que as gerações vindouras sejam levadas a crer que o mestre e seus espíritos associados não existem. Somente desta maneira poderão governar com êxito os habitantes deste planeta nas décadas que estão pela frente.

Seu rosto tomou uma expressão de confiança.

– Nada é mais importante para os espíritos do que desenvolver formas de transformar os seres humanos em membros do reino vindouro de Satanás.

Enquanto olhávamos os vários altares e pinturas, o sumo sacerdote explicou que os espíritos de demônios são, na realidade, especialistas em várias áreas de atividade. Tendo sua experiência medida em milênios, eles estão engajados em uma luta feroz pelo controle da mente dos homens, uma luta contra as forças de cima.

Quando Roland perguntou por que os espíritos estavam gastando tanto tempo para enganar a humanidade, o sacerdote respondeu que cada um que eles conseguissem levar a se desqualificar para ser um membro do reino de Cristo, automaticamente se tornava um membro do reino de Satanás, a ser estabelecido em breve aqui na Terra. Aqueles que desceram à sepultura sob a liderança de Satanás, seriam um dia restaurados à vida por ele. Cristo e Seus seguidores, continuou ele, elaboraram um plano para dar fim ao grande conflito entre as duas forças, fazendo chover fogo do céu sobre os seguidores de Satanás, mas isto não lhes faria dano, porque os espíritos demoníacos já podem, agora, dominar o fogo, de maneira que o fogo não tem poder para queimar os seres humanos. E acrescentou que, caso eu duvidasse do que ele estava dizendo, eu poderia ir à Índia, ou outras áreas do mundo em que a magia negra houvesse evoluído para transformar-se em uma ciência, e eu poderia ver pessoas andando sobre brasas vivas sem queimar um único fio do pelo de suas pernas.

Ao sairmos da sala de culto, mencionei que estava um tanto confuso a respeito de Satanás e seus anjos. Com minha criação católica, eu havia aprendido que Satanás e seus anjos estavam no fogo do inferno com as almas daqueles que haviam morrido no estado de pecado mortal. Onde estava a verdade?

O sacerdote satanista concordou em dedicar tempo para nos dar o que ele chamou de “uma visão real das coisas”:

– Senhores, entendo que a visita à nossa sala de culto suscitou algumas interrogações na mente de vocês. Primeiramente, deixem-me dizer-lhes que nós, membros de nossa sociedade secreta, aqui em Montreal, somos a elite dos adoradores de espíritos. Quando a luta entre as forças de cima e as do nosso grande mestre chegar ao fim, e ele permanentemente estabelecer o seu reino aqui na Terra, receberemos elevadas posições de autoridade e honra. Seremos ricamente recompensados por termos tomado partido do lado que agora parece ser o mais fraco – entendem o que estou dizendo?

[Sacerdote]. Há muitos milênios, o nosso grande mestre tinha jurisdição sobre inumeráveis hostes de seres em um vasto Universo. Mas, sendo mal-interpretado, ele foi forçado a fugir do seu domínio, juntamente com outros espíritos que simpatizaram com ele. Os habitantes deste planeta o receberam bondosamente. Como resultado de seu superior intelecto, ele se tornou o proprietário legal do planeta, ao levar os proprietários originais a cederem

seus direitos quando creram que alguma coisa que ele lhes disse era realmente verdade. Alguns podem chamar isso de engano, mas ele estava simplesmente seguindo a lei da auto-sobrevivência, um instinto natural em todos os grandes líderes.

[Sacerdote]. Quando ficaram sabendo que o seu rival – Cristo – viria ao mundo após assumir a natureza humana, de forma a atrair a humanidade para Si mesmo, o nosso mestre e seus conselheiros-chefes decidiram seguir uma estratégia semelhante à que originalmente os capacitou a tomarem posse deste seu novo domínio.

[Sacerdote]. Este plano de ação requereria que todos os espíritos de demônios cuidadosamente aconselhassem os humanos a viverem de tal maneira que se desqualificariam para se tornarem membros do reino de Cristo. Os espíritos estimulariam as pessoas a darem mais atenção aos seus sentimentos do que à Palavra de Cristo e Seus profetas. Não poderia haver melhor maneira de os espíritos assumirem o controle da vida das pessoas, sem que estas percebessem o que estava ocorrendo. Os espíritos sugeririam todos os tipos de doutrinas e ideias errôneas e a humanidade as aceitaria prontamente por ter um forte sentimento com relação a elas.

O sumo sacerdote, com o rosto radiante de fascinação pelo que acabara de nos contar, pediu permissão para tomar mais uns pouco minutos de nosso tempo para ilustrar o que tinha dito. Quando reafirmamos nosso profundo interesse e desejo de saber mais a respeito das atividades dos espíritos, ele continuou:

– Se os cavalheiros se recordam, Salomão, rei de Israel, foi dotado com grande sabedoria e atraiu a atenção de um grande número de poderosos governantes [ver I Reis 4:29-34]. Ao mesmo tempo, o nosso grande mestre ficou preocupado em ver Salomão recebendo toda essa atenção e decidiu fazer um esforço supremo para controlar o mundo inteiro. Até esse ponto, o nosso mestre havia conseguido estabelecer a idolatria em todas as partes de Israel. Foi, então, decidido que certos conselheiros-chefes levariam Salomão a sentir orgulho de si mesmo. Em segundo lugar, eles o levariam a sentir-se fortemente impressionado, em nome dos melhores interesses da nação, a estabelecer alianças com as nações ao seu redor, embora muitos de seus conselheiros tivessem insistido para que ele não as fizesse. O plano do nosso mestre tornou-se um enorme sucesso. Quando chegou o dia em que, pelo exemplo de Salomão, o povo de Israel adorou a Astarote, deusa dos sidônios; Camos [ou Quemos], deus dos moabitas; e Milcom, deus dos filhos de Amom [ver I Reis 11:33] – quando o povo se prostrou diante de ídolos que representavam espíritos de demônios – o nosso grande mestre sentiu que o seu triunfo foi completo. Seu grande objetivo fora alcançado. Na realidade, o mundo inteiro estava sob seu comando.

[Sacerdote]. Cavalheiros, creio que a essa altura vocês já perceberam a grande sabedoria e destreza do nosso mestre em ocultar a sua verdadeira identidade. Assegura aos seus dedicados agentes que a sua diligência será um dia recompensada, quando eles virem as gerações da Terra de pé diante deles em humilde obediência, reconhecendo que o seu mestre é realmente um grande deus. O grande mestre não deixa nada ao léu da sorte. Com planos bem amadurecidos e grande cuidado, ele coloca as suas armadilhas a fim de cativar a mente de milhões dos mais sábios mortais, obtendo assim a lealdade destes na vida presente e por toda a eternidade.

Vibrando de entusiasmo pela causa de Satanás, o homem continuou a contar-nos a respeito do que ele chama de "a mais respeitável assembleia de espíritos já reunidos em um único lugar na face deste planeta":

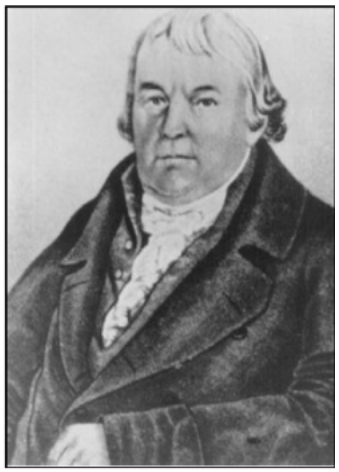
– No início do século dezoito, Satanás e seus espíritos-conselheiros realizaram um grande concílio geral de preparo para a revolução industrial que logo chegaria ao mundo. Satanás previu que essa revolução seria imediatamente seguida de uma era de descobertas científicas e de iluminação intelectual. Introduziria também os tempos do fim, e o encerramento do conflito entre as forças do bem e do mal. Sendo que Satanás estivera a estudar as profecias da Bíblia, ele entendeu o significado de Daniel 12:4, que descreve o tempo do fim, como "muitos correrão de uma parte a outra, e a ciência se multiplicará". Percebeu que esse seria o tempo ideal para separar os seres humanos de seu Criador, desta forma levando multidões à perdição. Esse momento oferecia a melhor maneira de expandir o seu reino vindouro tão extensamente que restariam poucas pessoas para deixarem este planeta quando Cristo as viesse buscar, no final da era cristã.

Fazendo uma pausa, o sacerdote gabou-se de que Cristo, na realidade, não voltaria à Terra em poder e glória, mas renunciaria a todas as Suas reivindicações ao planeta, reconhecendo que este, de direito, e legalmente, pertence a Satanás.

– Então, o grande mestre ressuscitará nosso povo de suas sepulturas, estabelecerá aqui o seu reino eterno. Após demoradas deliberações – disse ele, voltando ao assunto do concílio geral de Satanás – o concílio terminou, tendo produzido planos para estratégias que desqualificariam grandes multidões para o reino de Cristo. Estes, automaticamente, se tornariam parte do reino de Satanás. O comitê executivo adotou um plano de três partes. A primeira parte seria convencer os seres humanos de que Satanás e seus anjos, na realidade, não existem. A segunda parte procuraria obter controle total sobre as pessoas pela introdução do hipnotismo como uma ciência nova e benéfica. Homens de grande cultura – explicou o sacerdote – perpetuariam, sob a direção de espíritos amigos, a doutrina da imortalidade da alma, levando pessoas sob seu encanto hipnótico a fazerem uma suposta regressão temporal a suas vidas passadas. Esses indivíduos fariam, então, vívidas descrições de eventos históricos desconhecidos para eles, a não ser sob o encanto hipnótico. Para dar ainda mais poder à ilusão, – continuou o sacerdote espírita – algumas vezes os espíritos fariam com que a pessoa hipnotizada falasse fluentemente alguma língua estrangeira da qual não tivesse nenhum conhecimento prévio. Isto ajudaria Satanás a descristianizar o mundo ocidental, através da avenida do misticismo. A terceira parte do plano de Satanás seria destruir a Bíblia sem, na realidade, dar fim a ela. Satanás expulsaria a crença em Deus da mente de milhões de pessoas através da teoria da evolução.

O sacerdote afirmou que Satanás havia selecionado indivíduos de grande intelecto para levar avante o seu plano.

– Ele escolheu um médico austríaco, chamado Franz Mesmer, para transformar ohipnotismo, de um brinquedo do oculto em uma nova ciência. Mesmer deu origem à teoria chamada “magnetismo animal” [mais tarde chamada de “Mesmerismo”]. Os espíritos o levaram a crer que um misterioso fluido penetra o corpo humano, permitindo que certas pessoas tenham uma poderosa influência sobre outras. Por ocasião de sua morte em 1815, o hipnotismo, como forma de anestesia, já havia começado a adquirir uma certa aura de respeitabilidade entre muitos médicos europeus. Eles descobriram que a sua prática médica parecia mais eficaz do que nunca antes.



Franz Anton Mesmer (1734-1815)

Fazendo uma pausa, com um grande sorriso no rosto, o sacerdote satanista continuou:

– Eles nem faziam ideia de que, na realidade, estavam sendo energizados pelos espíritos amigos. O plano de Satanás, de destruir a Bíblia sem, na realidade, acabar com ela, é a coisa mais sagaz da qual já ouvi falar – ele riu. – Charles Darwin, nascido em 1809, e Thomas Huxley, nascido em 1825, foram ambos submetidos à influência dos espíritos quando ainda eram bem jovens, pois os médicos usaram o hipnotismo como anestésico. Os espíritos decidiram que, quando os dois meninos se tornassem adultos, seriam os instrumentos para levar avante a religião que nós conhecemos como a teoria de evolução. Vinculando essa teoria à revolução científica, que estava se espalhando por todo o mundo, a maioria das pessoas nem a reconheceram como uma religião – uma religião que atravessou todas as fronteiras denominacionais e arrebanhou até os não-religiosos.

Para minha admiração e surpresa, o sacerdote afirmou então que “os espíritos consideram qualquer um que ensine a teoria da evolução como sendo um ministro daquele grande sistema religioso, e que tal indivíduo receberá uma

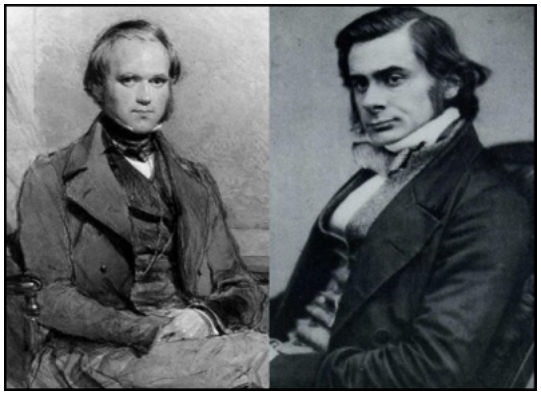
unção especial do próprio Satanás. Ele lhe dará grande poder para induzir à cegueira espiritual, convencer e converter. Na realidade, ele tem essas pessoas em tão elevada estima que ele nomeia uma comitiva especial de anjos para acompanhá-las pelo resto da vida. Esta é a maior honra que Satanás pode dar a uma pessoa perante a galáxia".

O sacerdote explicou que Satanás e seus conselheiros chegaram à conclusão de que poderiam usar a teoria da evolução para destruir o próprio alicerce da Bíblia.

– Poderiam colocá-la contra a semana da criação, a queda do homem e o plano da redenção. O que estava em jogo aqui era de tão grande vulto que, o próprio Satanás, colocou-se como tutor de Charles Darwin na montagem dos princípios de seus conceitos científicos.

Com evidente orgulho, o sacerdote explicou como os espíritos podem tomar uma pessoa aparentemente sem nenhuma importância e elevá-la a posições de honra e respeito. O nome dessa pessoa pode tornar-se até imortal.

– Um bom exemplo é Thomas Henry Huxley que, até a intervenção dos espíritos,era apenas um cirurgião na Marinha Britânica. Os espíritos o capacitaram a tornar-se famoso como zoólogo, conferencista e escritor. Ele operou maravilhas em tornar a teoria de Darwin aceitável ao público, mesmo introduzindo a ideia de que o homem é um descendente do macaco. Tendo sido um sacerdote católico, – o nosso guia concluiu – posso dizer que é impossível que alguém creia na semana da criação, queda e plano da redenção, e seja ao mesmo tempo um adepto do evolucionismo. Uma tão grande mistura de ideias tem que ser a maior forma de blasfêmia ao Criador.



Charles Darwin (1809-1882) Thomas H.Huxley (1825-1895)

(A propósito, devo mencionar que esta sociedade de espíritas nunca se referia a Deus por este nome, mas sempre O chamava de Criador. Somente Satanás e seus anjos eram tratados como deuses).

A essa altura, algo me perturbava.

– Como pode alguém considerar a teoria da evolução como uma doutrina religiosa? – perguntei. – Todos sabem que é apenas uma teoria, algo que se assume por parecer ser a melhor forma de explicar como a vida aparentemente surgiu na Terra.

Os olhos do sacerdote brilhavam com novo entusiasmo, ao responder:

– Uma doutrina religiosa é qualquer coisa que aproxime alguém para mais perto de seu deus. Pode ser um conceito, uma atividade, ou até alguma coisa aparentemente não relacionada com religião. Mas, se serve para promover os ideais de Satanás, o grande deus deste mundo, então é uma doutrina religiosa no mais completo significado da palavra. Na realidade, eu recebi esta definição diretamente de um espírito conselheiro.

Depois de ter aceitado Jesus como meu Salvador, comecei a estudar a Bíblia para ver como a crença na teoria da evolução poderia desqualificar uma pessoa para o reino de Deus. Comecei a entender como isto era possível ao considerar as palavras de Jesus com respeito à blasfêmia contra o Espírito Santo (ver Mateus 12:31-32).

Veja bem, quando alguém declara que não pode mais acreditar na criação de Deus, que não pode mais levar a sério o conceito da queda da raça humana, e que os seres humanos não passam de animais altamente evoluídos, esse indivíduo está, de uma forma muito real, acusando o Espírito Santo de ser um espírito mentiroso. Considerando que a Bíblia foi escrita sob a inspiração direta do Espírito Santo, esse indivíduo está dizendo que o Espírito Santo não é digno de confiança.

Depois de termos conversado mais um pouco com o líder espírita, ele nos perguntou:

– Vocês têm mais alguma pergunta que gostariam de fosse respondida?

Enquanto estivéramos a observar as pinturas, eu havia notado que o altar de Satanás parecia ser de mármore maciço, medindo aproximadamente 2,80 metros de comprimento por 80 centímetros de largura.

– O altar do mestre parece ser um bloco maciço – eu observei. – Como colocaram um objeto tão pesado aqui embaixo?

O sacerdote sorriu.

– Você é um bom observador, Sr. Morneau. Ou, poderia ser que o mestre imprimiu esta observação na sua mente para que ele lhe pudesse revelar o grande poder dele? E, por falar nisso, meus jovens, um dos espíritos conselheiros me disse que o mestre tem um propósito muito especial para a vida de vocês dois. Deixem-me, então, falar-lhes a respeito do poder dos espíritos. Mas, primeiro, vocês se importam se eu acender meu charuto?

Estávamos, nesse momento, sentados nos sofás perto de uma janela panorâmica, que nos dava uma linda vista da cidade banhada em um mar de luz. Tive a impressão de que o sacerdote tinha imenso prazer de falar do maior interesse de sua vida – as atividades dos espíritos demoníacos. E nós tínhamos todo o tempo para ouvir. Disse ele:

– O altar do mestre foi colocado em sua atual localização através do mesmo poder que os sacerdotes druidas usaram para erguer as enormes estátuas de Stonehenge – o poder dos espíritos ou, em outras palavras, o processo de levitação. Os espíritos me revelaram as grandes realizações dos sacerdotes druidas, entre os antigos celtas na França, Inglaterra e Irlanda, há mais de 28 séculos. Foi-me mostrado que ao meio-dia e à meia-noite, na fase da lua cheia, os druidas levitavam blocos de rochas pesando até 28 toneladas, e os colocavam em sua exata posição, na construção de seus lugares de adoração.



Stonehenge

Fumou umas duas tragadas de seu charuto, inclinou-se para trás e continuou:

– Já conhecedor de suas realizações, senti que poderia ter o mesmo privilégio para exercer e usufruir. Por isso, notifiquei minha gente com respeito às minhas intenções de dar ao mestre um sinal de nossa afeição na forma de um lindo altar. Eles acharam que, se eu tinha fé para crer que os espíritos o colocariam no seu lugar designado, eles se responsabilizariam pelo custo e pelo transporte até a entrada dos fundos do nosso lugar de culto. Sem hesitação, mandei encomendar um altar feito de mármore branco de 'Carrara'. Nada é demais quando é para o mestre.

[Sacerdote]. Sei por experiência que o poder dos espíritos não tem limite, quando se trata de trabalhar em favor daqueles que creem na palavra do mestre. Minha fé foi grandemente recompensada quando, durante o nosso serviço devocional da meia-noite, eles levitaram o altar de mármore até o seu presente lugar.

[Sacerdote]. Casualmente, cavalheiros, os senhores foram grandemente honrados nesta noite, embora não tenham percebido. Enquanto estávamos perto do altar do mestre, contemplando aquela linda pintura que é, na realidade, apenas uma sombra de sua beleza e glória, o mestre apareceu e permaneceu de pé, junto ao extremo do altar, durante uns três minutos, e prestou atenção à nossa conversa. Foi por isso que sugeri que nos ajoelhássemos daquela forma. Como pude perceber, o consentimento de vocês ao meu pedido trouxe grande alegria ao coração do mestre.

[Sacerdote]. Talvez seja do interesse de vocês saberem que não temos sentido a presença do mestre em nosso meio já por quase três meses, como resultado do fato de que a Organização das Nações Unidas tem estado a elaborar planos de paz. Isto tem requerido a total atenção do mestre, pois é um trabalho que ele não ousa delegar a ninguém mais. Paz na Terra não está nos melhores interesses de seu reino. Por isso, ele tem a gigantesca tarefa de delegar às legiões de agentes espirituais aquilo que eles necessitam fazer para confundir e manter os sentimentos pessoais agitados entre os líderes da humanidade. Os problemas que esses espíritos causarem manterão esses líderes sempre ocupados com a busca de soluções, de tal forma que nunca encontrem tempo de se reunirem.

De tudo que eu havia ouvido, um ponto se destacava: a afirmação de que o quadro da pintura de Satanás era uma vaga expressão de sua beleza e glória. Decidi trazer o assunto à tona mais uma vez. Usando a terminologia que julguei apropriada para a ocasião, perguntei:

– Reverendo, poderia esclarecer, por favor, alguma coisa que o senhor disse há pouco? Não estou seguro de haver captado muito bem.

Reiterei o que era e aguardei a resposta. Disse ele:

– Sim, amigos, a pintura do mestre não passa de uma pálida revelação dele. Quando um espírito se materializa, geralmente esconde a beleza e glória de seu estado natural de existência. Se um espírito se fizesse visível a nós aqui, agora, sem nos proteger de seu brilho, nós não poderíamos olhar para ele sem lesar os nossos olhos. Por exemplo, durante minha última viagem aos EUA, um conselheiro-chefe me apareceu no quarto do hotel, em Chicago. Ele veio com a mensagem urgente de que a pessoa que eu havia deixado encarregada aqui, estava para estragar todo o trabalho que os espíritos haviam feito para que vocês entrassem em contato com a nossa sociedade. Eu lhes falo mais sobre isso num futuro próximo. De qualquer forma, o brilho dele ofuscava tanto que eu não podia olhar para ele. Depois de dar-me alguns conselhos, ele saiu. Mas o impacto daquela luz foi tão grande que eu fiquei parcialmente cego por cerca de trinta minutos.

Alguns minutos depois, tentei fazer uma ligação pelo telefone, mas, como não conseguia achar os números no aparelho, tive que pedir auxílio da telefonista.

Conversamos um pouco mais com o sacerdote e ele nos deu muitas outras informações a respeito da adoração aos demônios. Então, naquela noite, antes de sairmos, ele nos fez jurar que guardaríamos em segredo tudo o que havíamos visto e ouvido.

O sumo sacerdote recitou, então, um encantamento, que nós íamos repetindo após ele e, para selarmos o nosso pacto, depositamos um pouco de pó de incenso lentamente sobre a chama da vela preta, fazendo com que ela queimasse intensamente, enchendo a sala com um agradável aroma.

Após voltar para a minha residência, descobri que era impossível dormir naquela noite, pois não conseguia parar de pensar na visita à sala de culto. Era difícil assimilar a ideia de que Satanás e seus anjos realmente existem e são seres lindos – e não criaturas medonhas. Pela minha criação católica, minha mente havia sido desviada da realidade a tal ponto que era difícil aceitar a nova ideia. Foram necessários dois meses de manifestações sobrenaturais para que eu aceitasse os anjos caídos pelo que são – seres lindos e extremamente inteligentes.

CAPÍTULO 5

Espíritos em Ação

Cerca de duas ou três semanas depois da visita à sala de adoração, tive mais uma oportunidade de discutir acerca de Satanás e seus anjos com o sumo sacerdote. Quando mencionei que eu pensara encontrar pessoas de aparência

rude, ele caiu em risos.

– Os adoradores de espíritos, bem como os membros de qualquer sociedade, variam muito. Frequentemente, refletem a cultura local. Ao viajar, você poderá notar que, onde é maior o índice de analfabetismo, a superstição prevalece. Essas pessoas farão uso das mais degradantes formas de culto. Em tais casos, os espíritos se deleitam em induzir as pessoas a agirem assim porque sabem que isto entristece o seu grande rival, Cristo – que disse que atrairia todos os homens a Si. Mas, inúmeras vezes através dos séculos, os espíritos têm demonstrado que Ele estava errado. Milhões e milhões já desceram à sepultura sem jamais terem ouvido falar de Seu nome e, menos ainda, crido nEle.

Enquanto falava, o sacerdote satanista levantou-se de sua cadeira e começou a andar pela sala. Com as mãos para trás, cruzadas, ele olhava para o chão e, vez por outra, olhava para mim.

– Quanto a nós, aqui em Montreal, estamos, por assim dizer, no extremo mais brilhante desse espectro. A natureza nos dotou de faculdades mentais muito superiores às da maioria que vive nesta área. É por isso que o mestre tem até se desviado de sua rotina para nos mostrar a realidade das coisas no mundo dos espíritos. Ele tem um trabalho especial para cada um de nós... e pare de olhar para mim como se não acreditasse no que estou lhe dizendo!

Sem dúvida, o meu rosto deve ter aparentado o meu choque com o que ele havia dito até ali.

– Por favor, perdoe-me se de alguma forma eu o ofendi – eu disse. – Acredito no que me falou, mas ainda tenho muito a aprender a respeito da vontade do mestre. Tudo o que já presenciei aqui na sua casa de culto é muito novo e diferente daquilo em que fui criado.

– Não quis maltratá-lo, acredite – respondeu ele. – E você não me ofendeu. É que, às vezes, eu levo as coisas, provavelmente, de uma maneira muito séria. Mas eu não estava me gabando quando falei a respeito da nossa gente aqui em Montreal. Foi o mestre que me explicou tudo aquilo pessoalmente.

A essa altura, ele voltou à cadeira de sua escrivaninha, assentou-se, acendeu um charuto e começou a fumar. Então, continuou:

– Quanto a você e seu amigo Roland, foi-me mostrado, há um ano, que eu os encontraria aqui em nossa casa de culto, mas eu já havia me esquecido. Como já contei a vocês, eu estava num hotel, em Chicago, quando um conselheiro-chefe me apareceu, me deu informações a respeito de vocês e me orientou a telefonar com urgência para a pessoa que eu havia deixado encarregada durante a minha ausência. Ele já estava por arruinar todo o trabalho que os espíritos haviam feito para colocar vocês em contato conosco. Telefonei para o homem imediatamente e, antes que eu tivesse a chance de dizer qualquer coisa, ele contou como George havia pedido permissão para trazer você e seu amigo a uma sessão de louvor, e como ele lhe havia negado esse privilégio. É claro que transmiti a ele os desejos do conselheiro-chefe. Em seguida, fiz uma ligação a George para dizer que seria um prazer ter vocês conosco. Como pode ver, o mestre tem grande apreciação por cada um de nós. Por isso, pare de se subestimar.

Ao voltar para casa naquela noite, passei mais uma noite quase sem dormir. A conversa com o sacerdote não parava de passar pela minha mente.

Certa noite, meu amigo Roland teve que trabalhar algumas horas extras e não teve tempo de me telefonar antes de eu sair para a reunião. No bonde, enquanto ele ia para casa, teve a ideia de que, se ele fosse direto para a reunião, não chegaria muito atrasado. Decidiu fazer uma conexão na esquina da Rua St. Catherine com o Boulevard St. Laurent, e dali fazer uma ligação telefônica para mim na casa de culto. Mas ele havia esquecido em casa o número do telefone. Se pelo menos pudesse se lembrar do endereço, poderia pedir o auxílio da telefonista. Tirou do bolso uma caderneta e uma caneta, mas, por mais que se esforçasse, não conseguia visualizar o número do edifício que ele já havia visto tantas vezes. Qual não foi sua surpresa quando, ao murmurar para si mesmo, dizendo: “Gostaria que os espíritos me ajudassem”, uma força invisível moveu a caneta em sua mão, escrevendo não só o número do prédio, mas também o nome da rua em linda caligrafia.



Cruzamento da Rua St. Catherine com o Boulevard St. Laurent

Ele ficou deleitado com essa façanha, até que a telefonista informou que o número não constava na lista telefônica.

Ao mesmo tempo, George e eu estávamos nos perguntando o que teria acontecido ao nosso amigo. Então, George teve uma ideia:

– Vamos pedir que Gerard, o vidente, localize Roland.

Após algumas palavras de encantamento, Gerard, fechando os olhos e colocando os dedos na sua fonte, disse:

– Vejo Roland, que acaba de entrar na loja de charutos 'United', na esquina da Rua St. Catherine com o Boulevard St. Laurent. Agora, ele está falando com a telefonista. Ele quer o nosso número, mas foi informado de que não consta na lista. Com a ajuda do meu espírito familiar, vou transmitir a ele um pensamento. Ah! Ele já recebeu. George, ele está ligando. Fique perto para atender, pois ele vai pedir para falar com você.

George dirigiu-se para o aparelho do outro lado da sala. Logo que tocou, alguém atendeu e disse que a ligação era para George.

Quando Roland chegou, estava deleitado com sua experiência com os espíritos.

Mostrou-nos aquele pedaço de papel com a linda escrita e disse:

– Vou colocá-lo num quadro. Nunca vi uma caligrafia mais linda.

Então, virando-se para o sacerdote, perguntou:

– Por que o espírito não me deu o número do telefone junto com o endereço?

– Você não pediu – respondeu ele. – Faça-se de acordo com a sua fé. A experiência que você teve esta noite é um brinquedo de criança em comparação com aquilo que os deuses têm em mente para vocês dois. Mas vocês têm que exercer fé nos espíritos e esperar grandes coisas deles. Vocês precisam é testemunhar, algumas vezes, o poder e a inteligência dos espíritos em ação e, assim, creio que poderão exercer uma quantidade de fé suficiente para que eles possam ajudá-los de maneiras mais grandiosas.

Talvez duas ou três semanas depois, quando Roland e eu entramos naquela linda casa, o sacerdote satanista nos cumprimentou e acrescentou:

– Nesta noite, vocês testemunharão uma das mais interessantes sessões. Um antigo conhecido meu está visitando a cidade. Ele é um preeminente professor de História, historiador no mais completo sentido do termo, e tem se associado com algumas das mais destacadas universidades francesas. Seu conhecimento de fascinantes detalhes da História tem feito com que ele se sobressaia em sua área. Ou, diria melhor, os espíritos o têm tornado grande. Eles lhe têm fornecido muitos fatos desconhecidos da História. Nesta noite, através de um médium, serão revelados muitos detalhes das campanhas militares de Napoleão Bonaparte. Neste momento, o professor está fazendo suas devoções na sala de culto. Enquanto isso, deixem-me dizer o que vai acontecer.

Acomodando-nos, ouvimos com atenção a explicação do sacerdote sobre o que deveria ser uma "sessão muito interessante":

– Um médium em transe permite que um espírito entre em seu corpo, tomando total controle de suas faculdades físicas e mentais, e, torna-se assim, um meio para que o espírito se comunique com os seres humanos. No passado, cerca de seis a doze espíritos entravam no corpo do médium em transe, em ocasiões diferentes. Um espírito pode conhecer os detalhes de alguns pontos da História, mas pode carecer de informações de outros aspectos. Um outro, que estava presente e envolvido com os acontecimentos de um momento específico, pode, então, tomar o lugar do primeiro. Os espíritos são tão precisos que podem reproduzir não apenas as palavras, mas as tonalidades e qualidades da voz da pessoa que eles estiverem citando.

Alguns momentos depois, o sacerdote satanista saiu para verificar se seu amigo já havia concluído suas devoções. Não demorou muito e voltou para anunciar que todos os interessados em testemunhar a sessão deveriam dirigir-se à sala de culto.

O sacerdote apresentou o historiador visitante à assembleia e pediu que seis voluntários viessem à frente. Os espíritos escolheriam um deles para servir como o seu canal de comunicação para aquela noite. Os seis indivíduos se colocaram em pé diante do sacerdote. Este, por sua vez, invocou os deuses para que manifestassem seus grandes poderes a nós, fazendo com que os espíritos que haviam dirigido e dado assistência a Napoleão Bonaparte em suas campanhas militares revelassem os detalhes solicitados pelo historiador visitante. Enquanto o sacerdote fazia um pequeno ritual, um espírito entrou no corpo de um dos homens e começou a falar. A voz tinha um sotaque de francês parisiense e uma tonalidade que comandava atenção.

O espírito nos informou que ele era um conselheiro-chefe especializado em assuntos militares, com jurisdição sobre legiões de espíritos. Considerando que o assunto era muito complexo, ele ia precisar de mais dois dos cinco homens restantes para servirem de canais para os espíritos.

Os dois homens tremeram um pouco, seus olhos se fecharam e os espíritos sugeriram que fossem chamados de Remi e Alphonse. Os olhos do homem possesso pelo conselheiro-chefe permaneceram abertos, mas não se mexeram; e suas pálpebras não piscaram durante uns 45 minutos.

O sacerdote virou-se para o historiador e disse: "Os deuses estão honrando os seus pedidos". O visitante levantou-se com prancheta e caneta nas mãos. Primeiro, ele elogiou os espíritos, reconhecendo que, no passado, eles lhe haviam dado informações que o ajudaram a tornar-se um dos maiores em seu campo de conhecimento. Por alguns minutos, ele conversou com os espíritos, dirigindo-se a eles como Sr. Remi, Sr. Alphonse e Sr. Conselheiro. Então, ele fez pergunta após pergunta, e as respostas vinham sem hesitação.

A certa altura, a entrevista referiu-se a uma conversa que houve entre Napoleão e um de seus comandantes. O conselheiro-chefe afirmou que seria preferível que Remi e Alphonse reproduzissem o diálogo ocorrido entre os dois homens, com o fim de serem mais precisos. As vozes mudaram por completo, como se duas pessoas distintas estivessem falando.

Virando-me para George, eu disse:

– Isso é fantástico!

Com um sorriso, George respondeu:

– Se você acha isso impressionante, espere até que você possa ouvir os espíritos reproduzindo as vozes de pessoas que você conheceu e sabe que estão mortas há muito tempo. Isso, sim, mexe com a cabeça de qualquer um!

O historiador, após ter obtido respostas para todas as suas perguntas acerca das proezas militares de Napoleão Bonaparte, disse ao conselheiro-chefe que necessitava de informação adicional sobre um discurso pronunciado pelo Prefeito Camillien Houde sobre as escadas que dão acesso ao Paço Municipal de Montreal, pouco antes do Canadá entrar na Segunda Guerra Mundial.

O conselheiro-chefe comentou que ele e seus auxiliares não poderiam ajudá-lo, pois todas as suas atividades haviam sido realizadas na Europa. Mas, logo que saíssem, um outro conselheiro-chefe tomaria o seu lugar e

forneceria toda a informação que ele desejasse solicitar.

Os corpos dos dois últimos homens escolhidos como médiuns tremeram, seus olhos se abriram e, em suas próprias vozes, perguntaram por quanto tempo haviam sido parte das comunicações dos espíritos. Quanto ao homem que havia sido ocupado pelo conselheiro-chefe, o seu corpo tremeu um pouco, seus olhos se fecharam e abriram de novo, e um outro espírito disse:

– É um prazer dar-lhe assistência na revelação do desconhecido. Eu estava presente quando o Prefeito Camillien Houde fez o seu discurso contra o serviço militar compulsório dos franco-canadenses nas forças armadas. O que gostaria de saber?

O historiador reiterou sua apreciação ao conselheiro-chefe pela contínua liderança dos espíritos em sua vida.

– Devido ao fato de que não havia ninguém presente que pudesse taquigrafar o discurso, circulam hoje várias versões. O nobre conselheiro tem algum modo de esclarecer o assunto para nós?

– Tenho prazer de dar uma reprodução, palavra por palavra, do discurso do Sr.Houde.

Seguiu-se, então, algo que me deixou maravilhado além de minha capacidade de explicar. Eu nem podia acreditar. Ali estava uma voz que ouvira pelo rádio, provavelmente, centenas de vezes através dos anos. Camillien Houde era um político veemente e controvertido. Ele nunca hesitava em dar a sua opinião a respeito de alguém ou de alguma coisa.

No final da década de 1930, Camillien era assunto quente para os meios noticiosos de língua francesa. Suas atividades, como prefeito de Montreal, constantemente se transformavam em notícias. As estações de rádio gravavam seus discursos e comentários, e os transmitiam repetidas vezes, de forma que era fácil reconhecer sua voz. E, agora, eu estava ouvindo aquela voz familiar, mas desta vez reproduzida através da agência de um espírito demoníaco. Nós o ouvimos por uns vinte minutos.

Há algum tempo, contei essa experiência para alguém, e esta pessoa me disse que poderia ter sido o espírito, ou a alma do falecido Camillien que estivesse fazendo o discurso. Naquela ocasião, porém, Camillien estava vivo e com saúde. Ele não morreu senão em 12 de setembro de 1958 [cerda de doze anos depois]. Como disse o espírito demoníaco, era uma reprodução da voz e das palavras do Sr. Houde.



Camillien Houde (1930)

Naquela noite, enquanto nos levava para casa, George mencionou sua crença de quando uma pessoa morre, ela morre. E, quando as pessoas afirmam manter comunicação com os espíritos dos mortos, na realidade, são os espíritos demoníacos que estão personificando os seus entes queridos falecidos.

Naquela ocasião, achei essa informação interessante, mas não voltei a dar-lhe muita consideração. George não quis ampliar o assunto, e sugeriu que nós pedíssemos que o sacerdote nos desse mais explicações quando houvesse uma oportunidade.

Aconteceu que, na noite do domingo seguinte, nós discutimos esse assunto com o sacerdote. Ele deu a Roland e a mim um interessante relato de como os espíritos demoníacos personificam os mortos, e disse que via nisso uma ilustração da astúcia deles com o fim de desencaminhar os seres humanos. Tive a impressão de que o homem sentia grande deleite e satisfação em relatar exemplos específicos de como os espíritos já haviam enganados grandes líderes.

O sacerdote também fez alusão a três ou quatro relatos bíblicos, mas, como eu não tinha conhecimento da Bíblia nessa ocasião, não fiquei muito impressionado, exceto quando ele mencionou, como obra-prima, a experiência de Saul, rei de Israel, com a feiticeira de En-Dor (ver I Samuel 28). Ele contou como os espíritos haviam levado Saul a viver sua vida dando ouvidos aos seus sentimentos, em vez de à palavra de Deus. E como eles o separaram completamente de seu Criador, fazendo-o cometer uma grande abominação aos olhos do Deus dos hebreus, conseguindo, dessa maneira, sua destruição.

– Naquele momento da História, nosso mestre não poderia ter obtido glória maior do que esta para si mesmo: fazer com que o executivo maior da nação de Israel se ajoelhasse perante um espírito demoníaco diante de todos os habitantes das galáxias.

O homem disse que os espíritos demoníacos têm trabalhado através dos séculos para convencer as pessoas a aceitarem o conceito de que os seres humanos têm uma alma inerentemente imortal. Ele explicou como os espíritos têm imenso deleite em personificar entes queridos falecidos ou pessoas famosas falecidas – tudo na tentativa de convencer a humanidade de que a personalidade humana não perece juntamente com o corpo.

Ao explicar por que os humanos aceitam tão facilmente o conceito de que eles continuam a viver após a morte, ele disse que uma tremenda mudança ocorreu no intelecto do homem após Adão e Eva terem acreditado no engano de Satanás (ver Gênesis 3).

– Desconfiança e incredulidade para com o Criador tornou-se parte da natureza humana – disse ele. – Por outro lado, tornou-se parte de sua fibra mental responder à voz de nosso mestre e seus espíritos associados.

Roland e eu, fomos surpreendidos pelo sacerdote quando ele declarou que a crença na vida após a morte é uma forma de idolatria através da necromancia. Na realidade, eu quase caí de minha cadeira quando ele afirmou que os espíritos demoníacos estão constantemente profanando as igrejas cristãs por atraírem milhões de cristãos a uma forma de adoração aos espíritos, que os leva à idolatria sem que disso se deem conta.

– Contrariando a opinião popular, – continuou ele – a necromancia não consiste apenas em invocar os espíritos dos mortos para se comunicar com eles. Em razão de os seres humanos serem completamente mortais e não possuírem uma alma imortal, a necromancia tem a ideia inerente de que os mortos, na realidade, entram em uma esfera de existência mais elevada do que a que tinham quando estavam vivos. De acordo com o grande mestre, – explicou o sacerdote espírita – as pessoas nem precisam buscar a ajuda dos supostos espíritos dos mortos para serem enredadas pela necromancia. A própria crença na vida após a morte – argumentou ele – constitui necromancia, porque dá aos espíritos demoníacos a oportunidade de personificarem os mortos. Quando as pessoas acreditam em suas próprias mentiras, o mestre recebe o respeito e a reverência devidos ao seu grande e glorioso nome. Ademais, os espíritos se divertem e se comprazem por terem levado as pessoas à idolatria.

Enquanto o sacerdote satanista continuava a exaltar Satanás e sua sabedoria, fui invadido por uma grande tristeza. Meu coração chegou a doer ao lembrar-me da devoção de meus pais e avós à memória de seus familiares falecidos. Eles se haviam sacrificado e se negado em muitas coisas com a finalidade de ajuntar o dinheiro necessário para mandar celebrar missas, na intenção de encurtar o período de tempo que essas almas teriam que passar no purgatório antes de entrarem no gozo celestial. Quando compreendi que todo aquele sacrifício havia sido em vão, o choque foi quase tão grande como o que senti quando minha mãe faleceu.

No domingo seguinte, o sacerdote espírita fez uma preleção, sob o título de “A Idolatria Cristã”. Tratava de maneira muito mais detalhada a condição do homem na morte, e explicava como os espíritos de demônios

conseguiram estabelecer e manter a crença no purgatório com o objetivo de desviar de Cristo a mente de milhões de pessoas. O sacerdote se gabava da vantagem que os espíritos levam sobre o Criador quando se trata de fazer as pessoas acreditarem em alguma coisa.

– O Criador – disse ele – não pode mentir, nem tampouco induzir os sentimentos das pessoas para que creiam na Sua palavra. Ao invés disso, Ele quer que aceitem Sua palavra simplesmente porque confiam que Ele sempre fala a verdade. Em contrapartida, os espíritos podem mentir e tirar vantagem do fato de que os seres humanos dão ouvidos aos seus sentimentos quando a questão é decidir o rumo de suas vidas. Os espíritos exploram essa fraqueza ao máximo, fazendo com que as pessoas tenham fortes sentimentos com relação às coisas que os espíritos querem que elas creiam. Eles enchem a mente humana com pensamentos errôneos. As pessoas aceitam tais ideias naturalmente e sempre farão isso.

O grupo de adoradores de espíritos estava maravilhado com a habilidade de Satanás para enganar as pessoas e, quando o orador mencionou que Satanás e seus anjos têm, na realidade, milhões de cristãos envolvidos com a idolatria sem nem mesmo o saberem, a plateia ficou em pé para aplaudi-lo.

Mais uma vez, o sacerdote gabou-se de que o mestre enganou o mundo inteiro com a crença na imortalidade da alma, a despeito do esclarecimento e conhecimento científico de nossa era. Nesse momento, aconteceu algo maravilhoso que posteriormente me ajudou a aceitar a Cristo e a unir-me, eventualmente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi uma pergunta levantada por alguém:

– E quanto aos adventistas? Você não pode considerá-los enganados como o resto do mundo. Por que eles resistem ao grande engano?

– Você está correto – respondeu o sacerdote. – Os adventistas ainda não foram enganados. Primeiro, deixem-me explicar por que eu os ignorei. Existem tão poucos deles em comparação com o restante da população mundial, que nem passou pela minha mente mencioná-los. Em segundo lugar, a razão pela qual eles ainda não caíram no engano é que eles não são pessoas comuns. Permitam-me explicar. O que vou dizer pode chocar algum de vocês, mas é verdade, quer queiram, quer não. O fato de os adventistas celebrarem o sábado bíblico da criação, torna impossível que os espíritos os enganem. O Criador dá ajuda especial a eles, bem como grande entendimento espiritual. E assim, nesse sentido, eles não são pessoas comuns.

Esta experiência singular serviu para me ajudar a tomar minha decisão por Cristo. Depois de ter aceitado a Jesus como meu Senhor e Salvador, tornei-me um ávido estudante da Bíblia. Como um ex-espírita, senti a necessidade de conhecer bem a Palavra de Deus para poder ajudar outros na questão do espiritismo.

Serviu também para registrar uma profunda impressão de que a Bíblia declara que a necromancia – crença de que os seres humanos têm uma existência consciente após a morte e pode se comunicar com os vivos – é uma abominação diante de Deus. Agora, eu percebia que ela é, na realidade, uma forma de idolatria blasfema, que rouba de Deus a glória devida ao Seu Santo Nome. É exatamente isto que nós fazemos quando atribuímos aos mortos faculdades que pertencem ao Criador, tais como a imortalidade. Em I Timóteo 6:16 está escrito que Deus é "o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver".

Meu encontro com o espiritismo deixou-me extremamente consciente de que a crença na vida após a morte faz parte de uma lista de nove atividades que expõem as pessoas ao mundo sobrenatural dos espíritos. Todas elas são chamadas abominações, nas Escrituras.

Através de Moisés, Deus disse a Seu povo: "Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR; e por estas abominações o SENHOR, teu Deus, os lança de diante de ti" (Deuteronômio 18:1012). Deus considerava tão perigosas as práticas do ocultismo que qualquer pessoa encontrada em Israel envolvendo-se nelas devia ser apedrejada (ver Levítico 20:26,27).

Ao realmente estudar a Bíblia pela primeira vez em minha vida foi uma surpresa ver como o Senhor é claro ao afirmar que os mortos não têm consciência. Em Eclesiastes 9:5 e 6, li esta esmagadora revelação: "Os vivos sabem

que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma... porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm parte em coisa alguma do que se faz debaixo do Sol".

As passagens, porém, que mais me impressionaram aparecem no livro de Jó: "O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece. ...Os seus filhos recebem honras e ele não o sabe; são humilhados, e ele não o percebe" (Jó 14:1,2 e 21).

Espíritos demoníacos amigos

Já usei, várias vezes, o termo "espíritos amigos" [ou "familiares"]. Talvez eu devesse explicar explicar melhor. O sumo sacerdote do grupo espírita deixou bem claro que os espíritos das hostes de Satanás são bem organizados e ele lhes confia tarefas de acordo com as habilidades inerentes de cada um. O sacerdote afirmou que os anjos caídos são divididos em três grupos distintos.

Ele definiu os espíritos amigos como possuidores de grande intelecto que têm habilidade de personificar os mortos. Na realidade, eles têm imenso prazer de aparecer como supostos espíritos de entes queridos falecidos. Sua especialidade é trabalhar no mundo religioso. Eles perpetuam os antigos erros que têm funcionado tão bem para Satanás através dos séculos e estão sempre dispostos a introduzir novos erros à medida que se tornem necessários.

"Já os guerreiros" – segundo ele – "se concentram em semear a discórdia nas famílias e desentendimentos entre os amigos, parentes e vizinhos. Tais espíritos adoram criar atrito entre as raças e os diferentes segmentos da sociedade. E, àqueles que têm a melhor folha de serviços em provocar a separação entre as pessoas, enchendo-as de ódio. Satanás delega a tarefa de provocar guerras abertas entre as nações".

"Os opressores" – continuou o sacerdote – "são um grupo peculiar, pois só encontram prazer em produzir miséria e destruição entre os seres humanos. Eles sofreram algum tipo de esgotamento mental quando o mestre e seus espíritos associados foram mal compreendidos e banidos para este planeta, jamais tendo se recuperado dessa angústia. Odeiam amargamente o Criador e acham que a única forma de se vingar dEle é destruindo a vida dos que foram criados à Sua imagem".

O que ele revelou a mim e a Roland, naquela noite, influiu muito, alguns meses depois, na minha decisão de afastar-me do culto aos demônios.

CAPÍTULO 6

Pressionado a Assumir um Compromisso

Certa noite, enquanto Roland e eu conversávamos com o sacerdote satanista, ele mencionou que havia chegado o momento para nós dois exercitarmos nossa fé no poder dos espíritos, pois o mestre o havia instruído a esse respeito.

– Vocês podem pedir um dom, entre muitos, – disse ele – se tão-somente estiverem dispostos a professar abertamente fé no mestre.

Isso consistiria em participarmos de um ritual, no qual afirmaríamos perante a assembleia que reconhecíamos que Satanás era um grande deus, o supremo soberano do planeta Terra, disposto a conceder maravilhosos dons aos crentes. Então poderíamos pedir para nós qualquer dom que desejássemos. Finalmente, selaríamos nossa confissão de fé, depositando um pouquinho de incenso em cima das brasas vivas do altar de Satanás e ajoelhando-se diante dele.

O meu amigo nem hesitou. Embora eu sentisse vontade de pensar um pouco mais antes de tomar uma decisão, Roland apresentou muitas razões por que aquela era a noite ideal para eu tomar esse importante passo em minha vida. Embora eu tenha, agora, vergonha de admiti-lo, acabei cedendo e me submetendo à coisa toda. Pedi o dom de adivinhar e pretendia usá-lo da seguinte forma: enquanto eu estivesse dormindo, durante a noite, sonharia com os nomes e os números dos cavalos vencedores da próxima corrida a ser realizada em determinado hipódromo. Então, eu iria até à bilheteria e apostaria neles. Naquela mesma noite, tive um sonho desses. Vi claramente os vencedores de três corridas do sábado seguinte, com três dias de antecedência!

No dia designado, fui à bilheteria e lá estavam os nomes que eu havia visto em meu sonho. Como não tinha muito dinheiro, apostei uma pequena quantia nas duas primeiras corridas e ganhei cerca de 60 dólares. O terceiro cavalo pagava 21 a 1, pois estava longe de ser um dos favoritos. Mas, considerando que os espíritos me haviam informado corretamente até ali, resolvi investir 20 dólares. O cavalo chegou em primeiro lugar e eu fui o único a me dirigir à banca de apostas para receber. Peguei os 420 dólares, disse "Muito obrigado", e saí. Caminhando confiante, de posse de minha nova sorte, dirigime a uma das muitas lojas finas de roupas masculinas da Rua St. Catherine e comprei um excelente terno, feito sob medida, no valor de 200 dólares.

Experiências semelhantes ocorreram nos sábados subsequentes. Não demorou muito e o proprietário das bancas de apostas pediu que o seu gerente me conduzisse ao seu escritório. Ele queria ter uma conversa comigo. Após falarmos por alguns minutos, ele percebeu que eu não entendia muito sobre corridas de cavalos.

– Estou surpreso – disse ele – com fato de você saber tão pouco sobre o assunto de corridas de cavalos e mesmo assim conseguir escolher tão bem os vencedores. Você se incomoda de me contar quem lhe fornece as informações?

Quando percebeu que comigo não dava para chegar a lugar nenhum, ele disse:

– Sai muito caro ter você frequentando o nosso estabelecimento. Gostaria que se retirasse e não voltasse mais. Se desejar o endereço de outras bancas de apostas em Montreal, posso até lhe fornecer uma lista.

Era gostoso aproveitar a minha súbita prosperidade, mas ela não me fazia realmente feliz. Roland, por outro lado, dizia estar vivendo a melhor fase de sua vida, enquanto os espíritos trabalhavam de maneira fantástica para ele.

Certa noite, aconteceu algo que, realmente, me perturbou. Após várias pessoas terem dado seu testemunho sobre o que os espíritos haviam feito por elas, o sacerdote satanista sugeriu que descêssemos à sala de culto para uma sessão de louvor aos deuses.

– Nós falaremos a língua do Céu – disse ele. – Isto traz muita felicidade ao nosso mestre e aos conselheiros-chefes.

Sua afirmativa me intrigou, mas senti que, talvez, aquele não era o melhor momento para perguntar como os adoradores de demônios podiam falar a língua do Céu.

Já assentados na sala de culto, cada um recebeu um hinário (refiro-me a um hinário cristão). Na verdade, o sacerdote mencionou três denominações cristãs que usavam aquele hinário. Após executar um breve ritual diante do altar, ele pediu à assembleia que abrissem os hinários em certo hino e que cantasse juntamente com ele. Os cânticos continuaram durante uns vinte minutos. Sem pronunciar uma única palavra, permaneci sentado, quase em estado de choque.

Mais tarde, ao voltarmos para cima, o sacerdote dirigiu-se a mim e, sorrindo, comentou:

– Notei que você não tomou parte em nossa sessão de louvor aos deuses. Importa-se em dizer-me por quê?

– Eu simplesmente não poderia profanar aqueles hinos cristãos da forma como vocês fizeram. O fato de eu não gostar de Alguém não é razão para se cantar profanidades contra Seu nome.

– Entendo como se sente, mas após algum tempo você se ajustará. É como uma pessoa que, pela primeira vez, testemunha o sacrifício de um animal vivo. No princípio, é chocante, mas depois de testemunhar algumas vezes, a pessoa se acostuma. A propósito, estamos contando com você e Roland para juntos celebrarmos nossa grande festa aos deuses, num retiro que temos nas Montanhas Laurentianas. Como você sabe, o dia primeiro de novembro é uma data muito sagrada para o nosso povo. Falarei mais sobre isso quando nos encontrarmos na próxima semana.

Ao voltarmos para casa naquela noite, pedi que George esclarecesse alguma coisa que eu havia observado durante a sessão de louvor. Após haverem cantado por algum tempo, algumas pessoas começaram a usar uma outra língua diferente do francês, mas a melodia continuava a mesma do hino cristão.

Ele explicou que os espíritos tomaram o controle da mente deles, levando-os a louvarem a Satanás e seus conselheiros-chefes na língua dos espíritos, capacitando assim seres humanos a lhes darem culto em uma forma

mais elevada de adoração. Essa cerimônia, ele explicou, tivera um duplo propósito. Em primeiro lugar, só o fato em si, de adoradores de demônios cantarem hinos cristãos, já ridicularizara o nome de Cristo. Em segundo lugar, quando os espíritos de demônios assumiram o controle da mente de alguns que estavam cantando, levando-os a louvarem a Satanás e seus conselheiros-chefes na língua dos espíritos com a melodia de hinos cristãos, isto se constituíra na mais alta forma de blasfêmia contra o Deus do Céu e isto agradara a Satanás sobremaneira.

Várias referências a sacrifícios de animais vivos haviam chamado minha atenção e pedi que George nos falasse a respeito deles. Ele explicou que esses rituais eram oferecidos por eles no dia primeiro de novembro, em um determinado lugar nas Montanhas Laurentianas, mas ele preferia que o sacerdote nos explicasse essas coisas. As circunstâncias, porém, acabaram impedindo que eu obtivesse informação.

Naquela ocasião, eu desconhecia que os anjos caídos eram sabedores de que Deus estava trabalhando para trazer-me em breve ao lugar em que eu teria a oportunidade de ouvir a respeito do Seu grande amor para com os indignos seres humanos, de Seu plano de redenção, e de Sua justiça no trato com a raça humana. Os espíritos decidiram, então, pressionar-me rapidamente para que eu assumisse um profundo compromisso com a adoração aos demônios. Eles queriam que eu ultrapassasse o ponto sem retorno, como explicarei logo adiante.

Ao entrar em nosso local de culto, numa quarta-feira à noite, eu jamais poderia imaginar que o fazia pela última vez. Ao cumprimentar aqueles amáveis indivíduos que haviam feito tudo para que nós nos sentíssemos parte de seu grupo, com o fim de agradar os espíritos, ter-me-ia sido impossível imaginar que apenas dez dias depois as mesmas pessoas seriam inimigos maldosos, planejando a minha destruição e dispondo-se a gastar uma enorme quantia de dinheiro para colocar um prêmio pela minha vida.

A sessão de testemunhos foi realmente impressionante e, quando terminou, o sacerdote conversou rapidamente com Roland e comigo, dizendo-nos que os espíritos estavam ansiosos por beneficiarem nossa vida de uma maneira muito especial. No dia primeiro de novembro, dali a duas semanas, se nós tão-somente assumíssemos, num ritual de iniciação, um compromisso definitivo para com essa sociedade secreta, os espíritos nos revelariam, então, os seus planos para as nossas vidas.

Quando perguntei ao sacerdote por que tínhamos que passar pelo ritual de iniciação antes de conhecermos os planos deles para conosco, ele respondeu que era uma questão de exercer fé nos espíritos. Sem fé, era impossível agradar ao mestre; agradá-lo, porém, resultaria em muitos benefícios para nós.

– Senhores, venham comigo, por favor. Quero mostrar-lhes como o mestre recompensa as pessoas.

Nós o acompanhamos a uma sala, de onde eu ouvira sair, mais cedo naquela noite, ao passar diante da porta fechada, o fantástico ruído de máquinas de escrever. Ele bateu à porta e alguém respondeu: “Entrem, por favor”. Ao entrarmos, encontramos um homem preenchendo vários envelopes comerciais, com muitas folhas tamanho ofício, datilografadas.

– Julien, você já conhece estes homens – disse o sacerdote. – Mas duvido que eles saibam qual é sua ocupação, ou como os espíritos melhoraram sua vida depois que você começou a fazer o bem aos outros. Foi por isso que eu os trouxe aqui, para que pudessem ouvir você mesmo contar a sua experiência com os espíritos, depois de ter sido iniciado em nossa sociedade.

O homem nos contou que, como um jovem advogado, ele pensava estar destinado a passar a vida pesquisando materiais de referência ou casos de julgamento dirigidos por uma grande firma de advocacia. Mas a boa sorte lhe veio quando, pela orientação dos espíritos, ele conheceu a adoração aos demônios. Sua vida mudou da noite para o dia.

Após a sua iniciação, os espíritos informaram que tinham uma tarefa especial para ele. Ele ajudaria as pessoas que haviam cometido crimes contra a sociedade, mas que não estavam recebendo a assistência legal tão necessária para evitar a cadeia.

Os espíritos queriam que ele iniciasse o seu próprio negócio imediatamente. Ele ofereceria aos advogados o serviço exclusivo de preparação de sumários de defesa para os seus casos de justiça criminal. Os espíritos fariam a maior parte do trabalho.

Informaram também que já haviam sido enviadas cartas a certos advogados de língua francesa de todo o Canadá, dizendo que ele forneceria aos advogados todos os materiais necessários para defender e ganhar causas que, no passado, haviam perdido por não terem tido tempo necessário para o preparo. Em pouco tempo, as respostas começaram a chegar.

Em seguida, os espíritos lhe disseram que tudo o que precisava fazer era trabalhar

na casa de culto em qualquer quarta-feira que precisasse da ajuda deles. O esforço dele consistiria em ir alimentando as três máquinas de escrever com todo o papel necessário, até que os espíritos terminassem o preparo de cada sumário, em sua totalidade.

Na mesa à sua frente, estavam três máquinas de escrever e cinquenta pilhas de papéis. Essas pilhas tinham uma espessura que variava entre um e seis centímetros. Ele explicou que todo material havia sido datilografado tão rápido quanto ele conseguia colocar papel nas máquinas. Continha todos os procedimentos a serem seguidos durante os julgamentos, bem como antecedentes históricos de casos semelhantes julgados no passado, e outros detalhes.

Quando o sacerdote perguntou como era a aceitação dos seus serviços entre os advogados, ele declarou que eles simplesmente se deleitavam em fazer uso de seus serviços, devido aos excelentes resultados obtidos. E quando o sacerdote perguntou quanto dinheiro o seu trabalho representava, Julien respondeu que envolvia vários milhares de dólares. Ao fazermos menção de sair, ele nos convidou para voltarmos e ver os espíritos trabalhando, sempre que estivéssemos no prédio e ele estivesse ocupado com o seu projeto.

O sacerdote repetiu o seu pedido para que nós concordássemos em ser iniciados no culto deles. Meu amigo Roland concordou, mas eu não podia.

– Sinto muito, mas não posso lhe dar essa resposta imediatamente – eu disse. – Daqui a uma semana, lhe darei uma resposta definitiva.

Sem que eu soubesse naquele momento, aquela foi a última vez que me despedi do sacerdote satanista e, então, fui para casa. Ao me deitar, naquela noite, não conseguia dormir. O pensamento de ser iniciado no culto satânico ficava girando em minha mente. Deveria prosseguir com aquilo ou não?

As experiências dos poucos meses anteriores desfilavam diante de mim e enchiam minha mente com muitas perguntas sem respostas, relacionadas com as forças do bem e do mal. Mesmo tendo descoberto fatos incríveis a respeito do sobrenatural, eu tinha o pressentimento de que muito mais do que eu já havia visto devia estar envolvido nisso. Percebi que não se podia confiar em tudo o que os espíritos de demônios haviam declarado a respeito das injustiças de Deus em Seu trato para com eles. Onde seria possível encontrar a verdade? “Certamente não nas igrejas cristãs”, pensei, “ou eu já teria ouvido algo a respeito”.

Em minha perplexidade, senti que, de alguma forma, eu precisava de ajuda para tomar uma decisão inteligente, e uma sensação quase esmagadora de incapacidade fezme exclamar em alta voz: “Se há um Deus no Céu que Se importa comigo, me ajude!” Pouco depois de falar essas palavras, virei-me para um lado e peguei no sono. A próxima coisa de que me lembro é que o despertador tocou. Naquela quinta-feira de manhã, fui trabalhar envolto em meus pensamentos.

Pouco depois de ter encontrado Roland e ter começado a frequentar as sessões espíritas, comecei um novo emprego, para o qual havia feito minha inscrição algum tempo antes. Isto quer dizer que tive de aprender um ofício, o de bordador, em uma firma especializada nesse tipo de serviço às indústrias de roupas de Montreal.

Enquanto trabalhava na minha máquina de bordar, eu não conseguia parar de pensar a respeito da decisão que teria que tomar dentro de uma semana. Sexta-feira, ao meio-dia, eu já havia chegado a uma conclusão. Eu não tinha outra opção senão ir adiante com a iniciação.

CAPÍTULO 7

Da Adoração aos Demônios ao Estudo da Bíblia

Às três horas da tarde, a sirene tocou como de costume, para dar início ao intervalo de quinze minutos de descanso. Ao passar em frente ao escritório, enquanto me dirigia para fora do prédio, Harry, um dos proprietários, pediu que eu desse uma passada pelo escritório dele quando voltasse do intervalo. Ele precisava falar comigo.

Quando voltei e entrei em seu escritório, ele me ofereceu um cigarro e disse:

– Roger, gostaria de pedir-lhe um favor. Com certeza, você me viu hoje de manhã andando pela fábrica com um certo senhor, mostrando a ele nossa empresa. Bem, eu o contratei para trabalhar aqui. Ele começa na segunda-feira de manhã.

– Patrão, isso é muito interessante, mas o que tem a ver comigo?

– Ouça bem o que vou dizer. Isso é muito importante para mim. Depois que ele saiu, não pude pensar em mais nada a não ser no problema dele. Ele é um cristão, mas guarda o sábado. Antes de aceitar o emprego, ele mencionou que, por causa de suas convicções religiosas, ele gostaria de sair do trabalho às 15:30 nas sextas-feiras e que compensaria as horas nos outros dias da semana, para que pudesse, dessa maneira, preparar-se para a observância do sábado.

– Harry, estou ouvindo, mas não sei onde você quer chegar.

– Estou vendo que você não está familiarizado com o fato de que o sábado bíblico começa no pôr-do-sol sexta-feira e termina no pôr-do-sol do sábado. Como judeu, entendi perfeitamente o que ele queria dizer e prometi que faríamos os arranjos necessários para a satisfação dele. Mas tive vergonha de perguntar qual é a religião dele. Aqui está o que eu gostaria que você fizesse. Vou colocar Cyril para trabalhar na máquina próxima a sua e, à medida que vocês forem fazendo amizade, procure descobrir qual o nome da Igreja dele e qual a natureza das suas crenças religiosas. Não dê a menor impressão de que lhe contei qualquer coisa. Use muito tato, tome todo o tempo necessário, ainda que tenha que esperar uma semana, ou duas, para tocar no assunto. Isso realmente me intriga. Um cristão que guarda o sábado bíblico. Nunca ouvi uma coisa dessas, senão hoje.

Sentindo uma urgente necessidade de corrigir Harry, com respeito ao sábado e ao correto dia da semana a ser observado, eu disse:

– Você não sabe que o domingo é o sétimo dia da semana? Aprendi isso quando era menino na escola. As freiras nos explicaram que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo. Mas deve ter havido um erro no calendário gregoriano. Com efeito, o domingo deveria estar, no calendário, no lugar em que se lê "sábado".

Com um sorriso, Harry abriu uma das gavetas de sua escrivaninha, pegou um dicionário, folheou-o até achar o verbete "sábado", e pediu que eu mesmo lesse: "Sábado – o sétimo e último dia da semana". Em seguida, explicou que os judeus nunca haviam perdido de vista o ciclo semanal e que o sábado bíblico é, na realidade, o sétimo dia da semana, ou o sábado, tal qual indicado no calendário.

Quanto ao calendário gregoriano, ele disse que este, embora tenha envolvido uma correção cronológica, não afetou e nem alterou o ciclo semanal de forma alguma. Foi apenas uma compensação pelo fato de que o calendário e o movimento do Sol haviam deixado de ser sincrônicos, num total de dez dias através de um período de 1600 anos. Sugeriu ainda que eu pesquisasse sobre o assunto em uma boa enciclopédia e lhe passasse os meus achados no domingo à tarde, já que havíamos combinado jogar bilhar juntos nesse dia.

Admiti ao patrão que eu não tinha muita cultura em se tratando de religião, agradeci pelo fato histórico interessante, e voltei ao meu posto de trabalho, tendo concordado em obter a informação que ele queria acerca das crenças religiosas de Cyril.

Enquanto trabalhava, não conseguia pensar em outra coisa senão no que Harry e eu havíamos conversado, e mal podia esperar pelo final do expediente para poder ir a biblioteca pública para pesquisar um pouco. Então, pensei: "Por que me preocupar com religião? Que bem me fará? É uma perda de tempo". Mas, novamente, senti um forte desejo de investigar o assunto.

Terminado o expediente, dirigi-me à biblioteca municipal e, em poucos minutos, tinha todos os fatos relacionados com o calendário gregoriano. Descobri que meu patrão estava correto sobre o assunto.

O Papa Gregório XIII decretou que o dia seguinte à quinta-feira, 4 de outubro de

1582, seria a sexta-feira, 15 de outubro de 1582, com o fim de trazer a celebração da Páscoa de volta ao tempo estabelecido pelo Concílio de Niceia. Este Concílio havia regulamentado que a Igreja Católica deveria observar a Páscoa no primeiro domingo após a primeira lua cheia que ocorre após o equinócio vernal [da primavera].

Na manhã da segunda-feira, Harry apresentou o novo empregado a todos nós na fábrica. "Ele se chama Cyril Grossé, e é um exímio bordador. Cyril é bem-vindo à nossa empresa, e sua presença aqui, com certeza, há de contribuir para o prestígio da nossa firma".

Harry conduziu, então, Cyril à máquina próxima da minha, dizendo-lhe que deveria ser fácil, para ele, trabalhar com a máquina nova. Então, virou-se para mim, dizendo:

– Cyril, apresento-lhe Roger. Vocês dois deverão tornar-se bons amigos, pois vão trabalhar juntos nos mesmos projetos. Roger, procure responder qualquer pergunta que Cyril venha ter a respeito de qualquer projeto de trabalho. E, se vocês necessitarem de qualquer coisa, é só me chamar.

Passados uns 45 minutos, comecei a ter dificuldades com minha máquina de bordar. Entre outras coisas, ela saltava alguns pontos. Isto quer dizer que eu tinha que desmanchar uma parte do trabalho e começar de novo. Depois de ter acontecido isso algumas vezes, minha paciência se esgotou e comecei a condescender com um velho hábito, ao qual eu dava o nome de "fazer os santos descerem do Céu" [falar palavras obscenas].

Posteriormente, chamei meu patrão para checar os ajustes de minha máquina. Ele veio, reajustou a tensão das bobinas, e examinou várias outras peças que poderiam estar causando o problema, mas não adiantou muita coisa.

No intervalo da dez horas da manhã, Cyril e eu nos dirigimos ao lado de fora do prédio para respirarmos um pouco de ar fresco, e conversamos a respeito das minhas dificuldades. Perguntei se ele sabia de qualquer coisa que eu pudesse fazer para resolver o meu problema. Ele coçou o queixo um pouco e, então, disse:

– Já que você pediu minha opinião, eu creio que sim. Roger, por favor, tenha mais cuidado com o nome de Deus. Eu podia ouvir a sua voz acima do barulho das máquinas e podia notar que não estava orando para pedir ajuda.

A resposta dele me surpreendeu um pouco, mas ele o fez de tal modo que conseguiu expressar-se sem me ofender. Ao mesmo tempo, vi nisso a oportunidade de descobrir aquilo que Harry queria saber.

– Cyril, perdoe-me se falei qualquer coisa que o tenha ofendido – respondi, imediatamente. – Não foi essa a minha intenção. A propósito, entendo que você é uma pessoa muito religiosa. Importa-se de dizer-me a Igreja pertence?

– Sou adventista do sétimo dia – respondeu ele.

– Poderia, rapidamente, dizer em que crê e por quê?

Cyril explicou que o nome de sua Igreja explica a razão de sua existência.

– Os adventistas do sétimo dia dedicam-se à proclamação de dois grandes fundamentos bíblicos. Primeiro, a observância do sábado como o memorial da criação, chamando todas as pessoas a adorarem Aquele que criou o céu, a terra, o mar e as fontes das águas [Apocalipse 14:6,7]. Segundo, os adventistas aguardam a breve volta de Cristo, em cumprimento da Sua promessa de ressuscitar os justos mortos e trasladar os justos vivos. Possuindo corpos imortalizados, eles viajarão através do espaço com o Senhor até ao reino de Deus, onde Ele está agora, preparando lares para todos os que esperam por esse maravilhoso acontecimento.

Nesse momento, nosso intervalo já estava quase acabando e nós voltamos aos nossos postos de trabalho. Mencionei a Cyril que, embora eu não tivesse nenhum interesse em tornar-me frequentador de igreja, gostaria de ouvir mais a respeito de suas convicções religiosas.

– Roger, será um prazer responder a qualquer pergunta que você tiver acerca de minhas crenças.

Aquele dia de outubro estava especialmente lindo, e um pensamento invadiu a minha mente.

– Cyril, que tal almoçarmos juntos ao ar livre? Poderíamos nos assentar na plataforma de carregamento atrás do prédio. Eu gostaria que você me contasse mais a respeito de sua religião.

– Parece-me uma boa ideia – disse ele.

Já dentro da fábrica, descobri, para surpresa minha, que a máquina em que eu trabalhava estava funcionando perfeitamente bem.

Comecei a pensar acerca de tudo que acabara de ouvir. O Criador da humanidade chamando as pessoas para se lembrarem dEle como o Doador da vida e, então, demonstrarem sua gratidão através da observância de um memorial. Muito interessante, eu pensei. O retorno de Cristo à Terra e a ressurreição. Pessoas possuindo corpos imortalizados, viajando através do espaço para um Céu real. A forma com que Cyril falava dessas coisas fazia com que tudo parecesse real.

O horário do almoço pareceu-me o mais breve que já experimentei. Tivemos os mesmos 60 minutos de sempre, mas a forma com que a Palavra de Deus se abriu diante de mim para solucionar os mistérios de minha vida, fez com que a hora parecesse 15 minutos apenas.

– Cyril, o que você falou me interessa muito, mas suscitou várias interrogações em minha mente. Importa-se de responder algumas delas? – disse eu.

– É claro que não. Diga-me o que você tem em mente. Espero poder ser útil. – respondeu ele, ficando à vontade.

Para ter certeza de que eu o havia compreendido corretamente, comecei com um resumo do que ele havia dito.

– Você mencionou a ressurreição dos mortos por ocasião da volta de Cristo, e pessoas com corpos imortalizados indo para um Céu real. Você afirmou que isto aconteceria em cumprimento da promessa de Jesus aos Seus discípulos. Agora, diga-me: o que acontece com as almas imortais das pessoas quando morrem, e o que fazem elas entre a morte e a ressurreição?

Encostei-me contra a parede do prédio, dei uma mordida grande em meu sanduíche, e imaginei que ele levaria um bom tempo para se sair dessa. Mas ele me perguntou, imediatamente:

– Roger, você ficaria muito desapontado se eu lhe dissesse que você não tem umaalma imortal?

– Eu mesmo não, mas sei de muita gente que ficaria. Como você explica isso?

– A palavra “imortal” aparece apenas uma vez na Bíblia [I Timóteo 1:17], e as escrituras aplicam o termo a Deus. Agora, com toda honestidade, você acha que seria certo você e eu afirmarmos que temos uma alma imortal quando a Bíblia declara que apenas Deus tem a imortalidade? [I Timóteo 6:15,16].

Quando ouvi essa resposta, quase deixei cair o meu sanduíche. Eu não contava com esse tipo de resposta, mas o que ele disse fazia muito sentido.

– Você quer dizer que, quando uma pessoa morre, ela morre completamente? Que não tem mais consciência de nada? – continuei.

– Exatamente. Na verdade, o apóstolo Paulo, em sua Epístola aos Romanos, incentiva todos os cristãos a buscarem a imortalidade [Romanos 2:7]. É óbvio que ele não sugeriria que nós a buscássemos se nós já a tivéssemos.

Seu modo de raciocinar causou um grande impacto sobre minha mente, especialmente porque eu nunca ouvira um cristão falar assim. Dei-lhe corda para que falasse mais.

Ele explicou que Jesus, durante o Seu ministério na Terra, referiu-se à morte como um sono. “Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo. Disseram-Lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme estará salvo. Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono. Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu” (João 11:11-14).

E ele ainda reforçou sua posição com o texto de II Timóteo 1:10, que diz que o nosso Salvador Jesus Cristo destruiu a morte, trazendo a luz à vida e a imortalidade através do evangelho.

Quando pedi que ele esclarecesse essa afirmação, Cyril disse que Satanás e seus espíritos demoníacos têm imenso prazer em confundir e desencaminhar a raça humana. Desde o dia em que levaram nossos primeiros pais a abrir a porta da miséria para si mesmos e seus descendentes através da desobediência, esses espíritos maus têm elaborado cuidadosos planos para levar os mortais a focalizarem sua atenção em filosofias e ideias humanas. Dessa forma, a humanidade perderia de vista as grandes bênçãos prometidas por Deus.

– É lamentável admiti-lo, mas os planos do inimigo têm tido um sucesso enorme – disse ele.

"Aqui está um homem que entende a estratégia de guerra do inimigo", pensei comigo mesmo. Mais uma vez, pedi que ele continuasse.

– A maior bênção deveria cumprir-se na vinda do Messias. Novamente, é lamentável dizer: os israelitas, aqueles a quem foram confiados os oráculos de Deus, tornaram-se tão confusos com respeito ao Messias que, quando andou entre eles, a maioria O rejeitou e, um dia, gritou "crucifica-O!" Uma das mais preciosas promessas de Deus havia sido a ressurreição dos mortos e a esperança da vida eterna. Nos dias dos apóstolos, porém, os saduceus (uma classe de judeus cultos), acreditava e ensinava ao povo comum que não havia ressurreição [Atos 23:8]. Em contraste, muitas das nações vizinhas mantinham a filosofia de que, quando as pessoas morrem, entram num mais elevado nível de existência. Devemos entender, de acordo com II Timóteo 1:10, que os ensinamentos do Senhor, bem como o Seu grande sacrifício no Calvário, aboliram a morte e deitaram abaixo todos os ensinamentos errôneos sobre o assunto. O evangelho de

Cristo indica, claramente, que a vida eterna e a imortalidade serão concedidas, ou doadas, aos justos por ocasião da ressurreição deles na segunda vinda de Cristo, e não antes. E que, quando uma pessoa morre, não tem noção do tempo, mas dorme o sono da morte.

Então, disse eu:

– Cyril, foi o Espírito de Deus que tornou possível que vocês, todos os adventistas do sétimo dia, escapassem do engodo da doutrina da alma imortal. Estou chegando à conclusão de que esse é o engano mais devastador que os espíritos demoníacos perpetraram contra nós, seres humanos. Você tem muito por que agradecer.

Senti-me inclinado a falar sobre a minha ligação com os espíritos, mas achei que, se o fizesse, isso poderia custar a minha vida. Ao invés disso, fiz mais uma pergunta:

– Espero que você não se aborreça comigo, mas poderia contar-me um pouco mais sobre a volta de Jesus e a ressurreição?

Meu jovem companheiro de trabalho tentou sintetizar a resposta, citando I Tessalonicenses 4:13, 14 e 16-18. "Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em Sua companhia, os que dormem... Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do Arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com essas palavras".

Ao voltarmos para os nossos postos de trabalho, comentei com Cyril:

– Você tem o mais maravilhoso conceito da vida. Qualquer pessoa que tem essa esperança, realmente possui alguma coisa de grande valor.

Naquela tarde, enquanto trabalhava em minha máquina de bordar, minha mente se transformou, sem que ninguém soubesse, em um campo de batalha para um feroz conflito entre o Espírito de Deus e os espíritos ímpios de Satanás. Primeiro, comecei a entender por que os demônios devotam um ódio tão intenso ao Redentor do mundo. Compreendi, também, por que eles têm inventado centenas de teorias para confundir e desencaminhar os seres

humanos, especialmente a ideia de que os homens são imortais. E, para dar força a essa doutrina diabólica, os demônios – como eu já havia descoberto – aparecem às pessoas fazendo-se passar por espíritos dos entes queridos falecidos.

Pela primeira vez na vida, discerni um Deus de amor. Ao mesmo tempo também, tornei-me consciente de que era um homem perdido. Tal como vejo agora, experimentei, até certo ponto, aquilo que hão de experimentar as pessoas abaixo dos muros, e fora, da Nova Jerusalém: olhando para cima e vendo os remidos dentro da cidade, os ímpios gritarão: "Tarde demais!"

Percebendo que estava espiritualmente perdido, comecei a suar muito, mesmo estando a temperatura razoavelmente fresca dentro do prédio. Abri meu colarinho, arregacei as mangas da minha camisa, mas não adiantou muita coisa. Lembro-me bem, resolvi ir ao sanitário masculino. Ao entrar ali, tranquei a porta e, com o coração angustiado, agarrei-me à tampa da caixa de descarga, querendo firmar-me, pois estava com muita tontura. Pesadas gotas de suor escorriam pelo meu rosto e caíam com regularidade dentro da água do vaso.

"É tarde demais", parecia gritar a minha mente repetidamente. "Tarde demais!" Eu queria gritar com todo o volume da minha voz, mas não emiti nenhum som. Agora, se desvanecera meu ódio a Deus, e minha vida ímpia se estendia diante de mim. Ao mesmo tempo, eu compreendia que era vítima de perseguição satânica.

Os espíritos demoníacos me oprimiam, agora, com uma sensação de desânimo que eu nunca havia sentido – e, que desde então, nunca mais senti. Eu sentia a presença deles fisicamente, a ponto de ter dificuldade para respirar. Era como se alguma coisa estivesse a me privar de oxigênio.

Silenciosamente, em meu desespero, e quase sem fôlego, falei: "Que Deus tenha piedade de mim". Não foi a minha intenção fazer uma oração, mas, para minha surpresa, a condição de sufoco deixou-me imediatamente, bem como a sensação de desespero.

Depois de lavar o rosto com água fria, voltei à minha máquina. Enquanto trabalhava, minha mente foi invadida pelo pensamento de que, talvez, o Doador da vida ouvira meu grito, expulsando os espíritos maus. Mas, por que teria feito isso? Eu havia devotado ódio a Deus e blasfemado o Seu nome. Ele nunca poderia perdoar-me. Não obstante, ninguém, exceto o Deus do Céu, poderia ter me livrado da forma como eu acabava de sentir.

Outra ideia que me passou pela cabeça foi a seguinte: embora eu mesmo não pudesse ser perdoado, nem esperar a vida eterna do modo que Cyril havia explicado, talvez, fosse a intenção do Criador usar alguém tão indigno como eu para trazer uma bênção à vida daqueles a quem Ele amava e queria ter na Terra renovada.

Eu não podia pensar em outra coisa, senão que Deus havia feito com que eu conhecesse Cyril, que tinha tanto conhecimento acerca das realidades eternas. Todavia, seria possível que o Deus do Céu tivesse ouvido o meu grito por socorro alguns dias antes quando, na minha casa, eu dissera: "Se há um Deus no Céu que Se importa comigo, que

Ele me ajude!"

"Ele Se importa, sim, Ele Se importa!" Eu quase gritei essas palavras, com todo o volume de minha voz, para que todos na fábrica pudessem ouvir, mas me contive. Vendo, agora, que Deus tinha real interesse em mim, decidi pedir que Cyril me falasse mais a respeito do que ele havia encontrado na Bíblia. Se Deus tinha consideração por mim (uma pessoa tão indigna como eu), Ele deveria interessar-Se por muitas outras pessoas. Estas seriam boas pessoas, mas que ainda são desconhecedoras do desejo de Deus para com elas.

Talvez, se eu me envolvesse com o bem-estar eterno dos outros, Deus poderia me livrar do poder dos espíritos demoníacos e eu poderia viver o resto da minha vida feliz, com o pensamento de que, mesmo não podendo ser salvo, eu poderia informar muitas pessoas deste mundo sobre o terrível conflito que se tem arrastado nos bastidores, tendo o objetivo de levá-los a tomarem decisões inteligentes por Cristo.

Não demorou muito, e comecei a sentir grande indignação pelo fato de os demônios terem desencaminhado a raça humana. Ali, naquele momento, eu decidi romper com eles.

Naquele dia, após o encerramento do expediente, disse a Cyril que gostaria de ir caminhando com ele até a parada do bonde para conversar um pouco mais. Enquanto íamos andando, perguntei s ele estaria disposto a estudar a Bíblia comigo. Ele disse que seria um prazer. Então, perguntou:

– Você gostaria de começar no próximo final de semana? A partir daí, poderíamos estudar a Bíblia uma ou duas vezes por semana.

– Cyril, por motivos que agora não posso revelar, é muito importante para mim que comecemos esta noite. Teremos nosso encontro na minha casa ou na sua?

Então, ele me convidou para o estudo na casa dele, às 19:00. Ao nos despedirmos,

ele ainda parecia surpreso com a minha insistência em começarmos naquela noite. Naquele momento, nenhum de nós sabia que, dali a uma exata semana, teríamos concluído uma série de 28 estudos bíblicos.

CAPÍTULO 8

O Estudo da Segunda-Feira

Fui apresentado à sua esposa e, depois de conversarmos alguns minutos, Cyril mencionou que ele queria explicar seu vínculo com a Igreja Adventista do Sétimo Dia. O tempo não havia permitido que ele entrasse nesses detalhes, lá no local de trabalho. Na realidade, ele ainda não era membro da denominação, mas estava frequentando regularmente a igreja, e já tinha feito os preparativos para ser batizado no sábado seguinte.

Sem que sua esposa soubesse, ele estivera lendo todas as publicações da Igreja que Cynthia tinha em casa e, fazendo isso, ele se havia tornado um fervoroso estudante da Bíblia. Havia obtido, também, uma compreensão mais profunda das Escrituras ao estudá-las com o Pastor L.W. Taylor e, por isso, já havia tomado a decisão de unir-se à Igreja.

Cyril sugeriu que Cynthia dirigisse os estudos. Concordei com a ideia e curvei minha fronte juntamente com meus novos amigos, enquanto ele fez uma breve oração.

Sua esposa sugeriu que seguíssemos um plano de estudos intitulado “28 Estudos Bíblicos Para Pessoas Muito Ocupadas”. Cada tema consistia de quinze a vinte perguntas e necessitaria, aproximadamente, de uma hora de estudo. O plano me pareceu bom e começamos com o primeiro, cujo título era “A Palavra de Deus”.

Em pouco tempo, já havíamos concluído o primeiro tema. Fiquei encantado com o que aprendi sobre as revelações de Deus para os homens. A lição número dois tinha que ver com o segundo capítulo do livro de Daniel, examinando a ascensão e queda dos grandes impérios mundiais, e a segunda vinda de Cristo ao nosso mundo. Cyril sugeriu, então, que marcássemos um horário para examinarmos juntos as profecias de Daniel. Imediatamente, perguntei se poderíamos ter tal estudo ali mesmo, naquele momento. Eles concordaram e, então, continuamos.

De todos os textos lidos, o que mais me impressionou foi este: “Mas, nos dias destes reis, o Deus do Céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre” (Daniel 2:44).

Depois de ler esse texto, eu queria saber o que mais Daniel tinha aprendido acerca do estabelecimento do reino de Cristo na Terra. Cynthia chamou minha atenção ao capítulo sete: “O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o Seu reino será reino eterno, e todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão” (Daniel 7:27).

Ela disse, também, que as palavras de Jesus, em Mateus 5:5, cumpririam-se, então: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra”. Descobri, também, que as pessoas que habitarão a Terra serão os ressuscitados e os trasladados por ocasião da volta de Jesus.

Já havíamos completado o terceiro estudo, e eu nem percebera o tempo passar. Nunca antes eu ouvira tais coisas. Elas me prenderam o coração e eu queria mais. “Qual é o assunto do próximo estudo?” No momento, não me lembro do título, mas recordo que despertou em mim um desejo tão intenso de ouvir o que a Palavra de Deus tinha a dizer sobre aquele tema específico, que senti a necessidade de convencê-los a estudar mais aquele tema naquela noite.

Acendendo mais um cigarro e aspirando duas tragadas profundas, comentei que, se Cyril fizesse a gentileza de esvaziar o cinzeiro para mim, eu poderia aguentar mais uma hora de estudo. Ele o esvaziou e, com cortesia, o trouxe de volta. Então, eu disse:

– Não devemos perder tempo algum, para que vocês não tenham que ir para a cama muito tarde.

Eles responderam que, geralmente, se recolhiam para dormir por volta das 23:00.

– Ótimo, – disse eu – são nove e pouco da noite. Estamos indo bem em nossos estudos, não desperdicemos nenhum tempo.

Lembro-me da reação deles, como se fosse ontem. Cynthia deu uma olhada para o esposo, tenho um grande ponto de interrogação em seus olhos. Cyril indicou que deveríamos continuar. Enquanto isso, eu já estava fumando meu último cigarro, e a metade dele já havia sido queimada. Então, perguntei se eles se importavam se eu fumasse um charuto. Além do mais, eu tinha o costume me gratificar toda vez que sentia estar realizando alguma coisa de valor. Estudar a Bíblia com eles estava sendo, na minha opinião, a coisa mais proveitosa que eu já havia feito na vida.

Sem hesitar, Cyril respondeu:

– Queremos que você se sinta em casa, enquanto está aqui conosco. Fique à vontade.

E eu fiquei, da única maneira que eu sabia. O ar da sala ficou azulado com tanta fumaça. Tenho a firme convicção de que o Espírito de Deus havia ido antes de mim para ajudá-los a compreenderem a força com que o fumo me dominava, e a aceitarem minha inconveniência com o fim de me conduzirem a Jesus.

Através dos anos, tenho agradecido muitas vezes a Deus pela maneira com que eles enfrentaram essa situação delicada. Por sete dias consecutivos, estudamos a Bíblia – foram quatro horas por noite. Somente quando chegamos ao tema da saúde é que entendi o que o fumo estava me causando, e o quanto eles fizeram para me suportar. E esse assunto não foi senão um dos últimos da série de 28 estudos.

Quando perguntei por que eles me toleraram fumando durante os estudos, Cynthia explicou:

– Nós estávamos felizes em sua companhia, e quando você manifestou o desejo de voltar, após a primeira noite de estudos, Cyril e eu resolvemos que, mesmo que nossa vida fosse encurtada uns dois anos por causa dos seus cigarros, não nos importaríamos desde que você estudasse a Palavra de Deus e se tornasse um seguidor de Jesus.

Voltemos, agora, ao quarto tema de estudo. A Palavra de Deus estava abrindo realidades eternas diante de mim e, sentindo o desejo de receber mais e mais da mesma coisa, perguntei qual era o tópico do estudo número quatro.

– Podemos estudar o número quatro agora? Daí, deixarei vocês irem dormir.

Uma expressão de grande surpresa tomou conta do rosto deles. Cyril respondeu:

– Que tal planejarmos mais uma noite nesta semana para estudarmos o número quatro?

– Espero que você me permita voltar amanhã para o estudo número cinco. Isto é, se eu ainda estiver vivo.

De alguma forma, eu pressentia que os espíritos demoníacos poderiam me destruir. Não contei tudo o que eu realmente sentia, mas eles compreenderam meu apelo de urgência e concordaram em realizar o quarto estudo.

Na primeira vez em que meu amigo Roland e eu visitamos a assim chamada "sala de adoração aos deuses", o sacerdote nos fizera jurar sigilo com respeito a tudo que tínhamos visto e ouvido. Ele falava e nós íamos repetindo o encantamento após ele, e selamos o pacto depositando um pouquinho de incenso sobre a chama de uma vela preta. O sacerdote salientou que, ao sairmos, teríamos de manter silêncio total, com o fim de evitar o grande desagrado dos espíritos.

Algum tempo depois, quando assistimos àquilo que os adoradores de demônios gostam de chamar de "sessão de louvor aos deuses", o sacerdote explicou o grande perigo de despertar a ira dos espíritos. Como exemplo, ele mencionou o caso de um indivíduo que foi desleal em algo que muitos poderiam considerar de pouca importância. Apesar de ele morar em um prédio considerado à prova de fogo, os espíritos queimaram o edifício com tudo o que havia dentro dele, inclusive o traidor com sua esposa. George nos contou que havia conhecido esse casal.

Em outro caso, os espíritos passaram uma hora inteira atormentando um membro infiel em sua casa. Eles lançaram com grande força todos os pertences da casa contra as paredes, reduzindo grandes peças do mobiliário a pedaços. Hospitalizado em estado de choque, depois que os vizinhos o encontraram em sua casa, o homem quase enlouqueceu.

Com essas experiências gravadas na mente, foi-me natural considerar as horas de estudo como um bônus, e isso me levou a pressionar pelo quarto estudo. A ousadia com que me aventurei a estudar a Bíblia sob tais condições não foi o resultado do esforço humano. Da maneira que vejo hoje, foi o resultado direto de ser alimentado, naquele dia, pela Palavra de Deus – a "Palavra Operante". A Palavra de Deus é vida. Ela tem o poder de motivar uma pessoa, a ponto de ousar desagradar o príncipe das trevas.

Deus havia proposto que eu ouvisse as grandes verdades de Sua Santa Palavra, e isso tornou-se em realidade. Os espíritos de demônios não tiveram nenhuma maneira de impedir que isso acontecesse.

Quando terminamos o quarto estudo, marcamos um novo encontro para às 19 horas da noite seguinte. Antes de sair, sugeri que Cyril lesse uns dois versos das Escrituras e fizesse uma pequena oração. Ele abriu a Bíblia no livro dos Salmos: "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. Portanto, não temeremos ainda que a terra se transtorne e os montes se abalem no seio dos mares; ainda que as águas tumultuem e espumejem, e na sua fúria os montes se estremeçam" (Salmos 46:1-3).

Eu estava para sair, já com a mão na maçaneta da porta, quando me ocorreu perguntar quais os assuntos dos próximos temas. Um deles seria: "O estado dos mortos".

Ao despedir-me, dizendo "Boa noite", a sensação que tive foi que mal poderia esperar até o horário combinado para o próximo estudo. Na realidade, minha principal preocupação não era esperar o tempo passar. Eu estava no bonde, enquanto me dirigia para casa, e me perguntava se ainda estaria vivo no dia seguinte, terça-feira, às 19 horas. Realmente, acreditava que, naquela noite de segunda-feira, eu seria visitado pelos espíritos – e, contra os seus ataques, eu não tinha, em minha própria força, nenhum método de defesa. Mesmo assim, não temia a morte. Mesmo sendo tão indigno, o Espírito do Senhor estava abençoando minha vida pelo amor de Jesus.

Quando me deitei, as palavras das Escrituras, que Cyril havia lido, voltavam constantemente à minha mente, e a próxima coisa que percebi foi o toque do alarme do meu despertador, na terça-feira de manhã. Era hora de levantar e sair para o trabalho. Até hoje, as palavras do capítulo 46 do livro de Salmos significam muito para mim, porque me têm ajudado a olhar para cima, para Deus, o Manancial da vida, a Fonte de todo o poder. Por mais sombrias e desesperadoras que sejam as perspectivas. Ele pode operar uma maravilhosa mudança a fim de livrar os desemparados das mãos do destruidor.

CAPÍTULO 9

Estudando em Tempo Emprestado

Terça-feira, às 19 horas em ponto, eu já estava na residência do casal Grossé. O foco principal de nossa atenção seria a condição ou o estado dos mortos. Descobri que a Bíblia é muito clara sobre esse assunto e oferece respostas a algumas perguntas, tais como: São os seres humanos possuidores de imortalidade? Podem os mortos louvar o Senhor? Será que a esfera condicional dos mortos se constitui uma fonte potencial de conhecimento?

A resposta à primeira pergunta veio em alto e claro som. Somente Deus tem a imortalidade (I Timóteo 6:15,16). Em outras palavras, o homem é mortal, pura e simplesmente.

O texto: "Os mortos não louvam o Senhor, nem os que descem à região do silêncio" (Salmos 115:17) respondeu à segunda pergunta com a rapidez de um relâmpago. Quebrou em mil pedacinhos os ensinos religiosos de minha infância.

A resposta à terceira pergunta começou a revelar-me o amor e a justiça de Deus em Seu trato com criaturas pobre e mortais como nós. Foi o que encontramos no livro de Jó: "O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece... Os seus filhos recebem honras, e ele o não sabe; são humilhados, e ele o não percebe" (Jó 14:1,2 e 21).

Tive uma sensação de tão grande alívio após ler essa passagem, que disse ao casal: "É muito bom saber que os nossos queridos falecidos não estão nem no purgatório sofrendo, nem no Céu vendo as tribulações de seus queridos na Terra, mas estão todos dormindo na sepultura até à manhã da ressurreição".

Foi, então, que o Espírito Santo me deu a compreensão de que a morte é o oposto da vida, um estado de completa extinção da vida, um estado de inexistência. Agora, eu compreendia o total equívoco do conceito de que o homem tem uma alma imortal, especialmente depois de ler o registro da criação de Adão: "Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Gênesis 2:7). Entendi claramente que o fôlego de vida é o meio através do qual Ele vivifica e sustenta a nossa estrutura física. É através dele que o coração bate, o sangue flui, os pulmões se expandem e os membros se movem. E quando Deus remove esse meio, a vida cessa.

Ao declarar nas Escrituras que o homem passou a "ser" alma vivente, – ao contrário da crença popular de que o homem recebeu uma alma – Deus neutraliza todas as avenidas que Satanás e seus espíritos demoníacos poderiam usar para desencaminharnos, pretendendo ser e aparecendo como se fossem os espíritos de entes queridos falecidos que, supostamente, partiram para um mais elevado nível de existência.

Ao chegarmos à conclusão do estudo sobre o estado do homem na morte, abriu-se diante de mim uma perspectiva completamente nova sobre o caráter de Deus. Fiquei profundamente impressionado diante do pensamento de que o mundo cristão tem representado a Deus de uma forma grandemente má.

Para entender e avaliar a minha experiência durante aquela semana, você precisa imaginar nunca ter possuído e nem estudado uma Bíblia. A alegria da vida não é real quando, tão logo você descobre alguma coisa boa para desfrutar, lá vem o pensamento de que amanhã a morte poderá colocar um ponto final em tudo. Você sempre fica frente a frente com a eternidade, mas "eternidade" de quê? Os outros não sabem nada a mais do que você. Um dia, então, de uma maneira muito inesperada, você encontra alguém tendo em mãos um Livro, escrito pelo próprio Doador da vida. Todas as perguntas não respondidas, que atormentaram a sua mente durante anos, recebem agora uma explicação inteligente – e mais ainda.

Descobri que, através da doutrina da ressurreição, a Bíblia abre o caminho pelo qual o homem pode obter a imortalidade. "Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista de imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (I Coríntios 15:51-55).

Jesus, o Príncipe da vida, quando vier na Sua segunda vinda, em companhia de Seus anjos celestiais, conferirá a imortalidade àqueles que fizeram dEle o seu Senhor. Irá restaurar a vida daqueles que a perderam por amor a Ele. A ressurreição é o grande evento contemplado pelos santos escritores como o objeto de sua esperança.

Embora tivesse sofrido a perda de todas as coisas por amor a Cristo, o apóstolo

Paulo ainda tinha essa alegria, colocando sua esperança na ressurreição dos mortos (Filipenses 3:7,8,10,11). Ele dirigia seus pensamentos continuamente para o Céu: "Pois a nossa pátria está nos Céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da Sua glória (Filipenses 3:20,21). Também achei interessante que, ao falar de suas tribulações na Ásia, – a ponto de desesperar-se da própria vida – ele confiou em Deus, que há de ressuscitar os mortos (II Coríntios 1:8,9). Ele não comentou que esperava encontrar o Senhor por ocasião de sua morte, como ensina a teologia moderna [esta baseada na má compreensão de Filipenses 3:23], mas colocou sua esperança na ressurreição.

Ao procurar nas Sagradas Escrituras o tempo designado para que os justos recebam a sua recompensa e os ímpios a sua condenação, descobri que estas não ocorrem por ocasião da morte, mas por ocasião das duas ressurreições. Fiquei maravilhado com as palavras de Jesus: "Ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos" (Lucas 14:13,14).

Descobri que Paulo dirigia sua atenção para a segunda vinda de Cristo, quando receberia pessoalmente de Jesus aquilo que ele chamou de "coroa da justiça". Já no fim de sua vida, esse cansado mas valente soldado da cruz, carregava nas costas as marcas das cinco quarentenas de açoites (II Coríntios 11:24). Sustentava-o, porém, a esperança que tinha na ressurreição. Embora compreendendo que em breve estaria diante da espada do seu algoz, Paulo ergue a voz para dar uma mensagem que infundiria coragem a muitas gerações do povo de Deus, definindo o tempo, ou o momento, em que todos receberão a recompensa da vida eterna:

"Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me estão guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a Sua vinda" (II Timóteo 4:6-8).

Através de todo o estudo sobre a ressurreição do corpo, ainda latente no fundo de minha mente estava o pensamento de que, se os escritores do Novo Testamento acreditassem que o homem tem uma alma imortal que vai para o Céu por ocasião da morte, eles certamente fariam menção de que Cristo traria essa alma de volta, por ocasião de Sua vinda, para juntá-la ao seu antigo corpo. Não encontrei tal ideia em lugar nenhum, mas encontrei muitos textos das Escrituras que provam exatamente o oposto. Por exemplo, no décimo quinto capítulo de I Coríntios, Paulo discorre bastante sobre os mortos justos e a ressurreição, falando repetidas vezes que as pessoas que dormiram serão despertadas quando Jesus voltar.

O último ponto de minha descoberta – por sinal, um dos mais impressionantes – sobre o tema da ressurreição, aparece na Epístola aos Hebreus. O décimo primeiro capítulo fala da fé do povo de Deus através de várias épocas, mencionando suas tribulações e dificuldades, sua coragem e sua esperança na ressurreição e na vida eterna, e como foram sustentados pela fé mesmo diante da própria morte.

"Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnio e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra. Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados" (Hebreus 11:35-40).

"Se eu tão-somente pudesse ter essa linda esperança da ressurreição e da vida eterna, e viver de acordo com ela" – pensei eu. Foi quando alguma coisa varreu todo aquele entusiasmo que estava crescendo em minha mente. "Que tolice, a minha: pensar que Deus me perdoaria o ódio que eu havia alimentado contra Ele por tanto tempo. Não, Ele nunca me perdoaria. Era melhor tirar da cabeça essa esperança de vida eterna. E ainda havia a tal da minha associação com os espíritos. Deus nunca me perdoaria. Esqueça isso, Morneau, é tarde demais".

Aconteceu que Cynthia leu o texto final, que concluiria o estudo e que aconselha todos os cristãos a viverem "no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tito 2:12,13).

Essa passagem me levou a expressar ao casal Grossé a minha apreciação pela graciosa disposição deles em estudar a Bíblia comigo. Também mencionei que gostaria de poder viver com a esperança de ver a gloriosa manifestação do Senhor, mas que minha vida tinha sido tal que tornava esse desejo impossível.

– Ainda existe esperança – disse Cynthia. – Nós temos um grande Sumo Sacerdote, Cristo, o Justo, que ministra em nosso favor no Santo dos Santos, no santuário celestial. Ele veio e morreu na cruz do Calvário para tornar-Se o nosso Sumo Sacerdote. É somente através dEle que podemos encontrar a salvação.

"Se ela soubesse do meu envolvimento com os espíritos, ela não diria que ainda existe esperança" – pensei.

– Existe esperança para você – continuou ela. – É claro que exiSt. Em Jesus existe esperança para cada um de nós. Existe esperança enquanto estivermos vivos para pedir ajuda de Jesus. Deixe-me mostrar para você.

Então, ela abriu a Bíblia e leu: "Não temos Sumo Sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça em ocasião oportuna" (Hebreus 4:15,16).

Tomei a Bíblia das mãos dela, e disse:

– Deixe-me ver isso.

Creio que o que me levou a pegar a Bíblia foi o fato de que o Espírito de Deus estava enchendo a minha mente de esperança. Certa vez, no tempo em que servi na Marinha Mercante do Canadá, lancei uma corda a um homem que havia caído no mar. Ele apanhou a corda e se agarrou firmemente a ela. Agora, sentindo-me igualmente perdido, eu enxergava uma corda de esperança e rapidamente a agarrei.

Já estava ficando tarde e, por isso, sugeri que Cyril fizesse uma oração antes de me despedir. Perguntei também se poderia voltar na noite seguinte e eles concordaram. Então, depois da oração, fui para casa.

Enquanto me dirigia para casa, já dentro do bonde, – com suas rodas rangendo, suas portas abrindo e fechando ruidosamente, passageiros entrando e saindo, e o condutor anunciando os nomes das próximas ruas – eu olhava pela janela com os olhos fixos no calçamento. Meus pensamentos estavam totalmente concentrados naquilo que Cynthia havia dito. Eu ainda podia ouvir o eco de suas palavras: "Existe esperança para você. É claro que exiSt. Em Jesus existe esperança para cada um de nós. Existe esperança enquanto estivermos vivos para pedir ajuda de Jesus".

Então, uma voz pareceu sussurrar-me aos ouvidos, dizendo que existe esperança para pessoas desesperadas e indignas – até mesmo para adoradores de espíritos.

Trinta e dois anos depois, o casal Grossé, minha esposa e eu, nos encontramos na cidade de Toronto, no Canadá. Pouco após a experiência de minha conversão, eles haviam se mudado para os EUA e, desde então, nunca mais nos havíamos visto. Ao evocar as lembranças daquele outono de 1946, Cyril fez uma afirmação que me emocionou – porque nela eu vi a misericordiosa operação do Espírito de Deus e de Seu amor para comigo. Cyril declarou:

"Já estava casado fazia vários meses quando comecei a receber estudos bíblicos de Warren Taylor, pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Montreal. Eu não tinha nenhum problema em crer no que ele dizia porque tudo o que ele fazia era ler textos da Bíblia. Certa noite, então, ele me apresentou a lição sobre o sábado. Aquilo me fez lembrar de um dia, em Halifax [Província de Nova Scotia, Canadá], quando perguntei para minha avó qual era o dia correto de repouso. O estudo não me deixou totalmente convencido. Naquela noite, sem dizer nada a ninguém, orei a Deus, pedindo que Ele me ajudasse a crer no sábado. Pedi que Ele me concedesse a capacidade de convencer apenas uma pessoa sobre o sábado, e eu tomaria isso como sinal de que Ele queria que eu o observasse.

"Na segunda-feira seguinte, fui para o meu trabalho, como de costume. Entretanto, eu estava inquieto e resolvi deixar o emprego. Tendo ouvido falar de uma nova fábrica que precisava de novos empregados com o meu talento específico, fui naquela tarde apresentar-me para ser entrevistado e, para minha surpresa, consegui o emprego e um salário melhor. Então voltei a meu antigo local de trabalho e dei o aviso prévio requerido pela lei.

“Finalmente, chegou o dia de iniciar meu novo emprego. Naquela manhã de segunda-feira, tomei meu lugar ao lado de um empregado que tinha dois hábitos estranhos. Primeiro, ele fumava como uma locomotiva. Senti-me agradecido porque era permitido abrir as janelas. O outro hábito era que, toda vez que a máquina dele emperrava, ele me surpreendia com profanidades incríveis. Eu me havia esquecido de orar a Deus, mas Deus nunca esquece a oração de Seus filhos. Eu nem podia imaginar que aquele jovem que trabalhava ao meu lado pediria – e até exigiria – que eu estudasse a Bíblia com ele, a começar naquela mesma noite. Eu não sabia dos sérios problemas que atormentavam a vida de Roger Morneau enquanto ele trabalhava com sua máquina naquela manhã, em Montreal, no Canadá”.

Aquela noite, quase sem dormir, poucos dias antes de conhecer Cyril, e aquela oração de apenas uma frase que fiz logo ao amanhecer, de antemão haviam sido vistas pelo Doador da vida, e Ele já estava preparado para me dar a ajuda de que eu mais necessitava.

Quando Cyril orou a Deus, falando de sua necessidade de incentivo para guardar o sábado, e de seu desejo de compartilhá-lo com alguém, o Todo-Poderoso respondeu com estas palavras: “Eu tenho, exatamente, esta pessoa para você”. Então, o Espírito Santo colocou-Se em ação, fazendo com que Cyril mudasse de emprego.

E quando minha mente estava sendo tão fortemente pressionada para tomar a mais importante decisão de minha vida, Deus estava ali para me ajudar. O Seu Santo Espírito já havia elaborado perfeitamente todos os detalhes – estou pensando, especificamente, em Harry, meu patrão judeu, com sua obsessão de saber a que Igreja Cyril pertencia, e o pedido que me fez para ajudá-lo a descobrir.

Os temas bíblicos que estudamos naquela noite de terça-feira deram-me uma visão panorâmica das realidades eternas. O Espírito de Deus me abençoou com uma certeza tal que não foi necessário entrar em investigações teológicas profundas – coisas que teriam requerido muito mais tempo para assimilar. Por encontrar-me em situação de crise, o meu tempo não era meu para que eu o usasse a meu bel-prazer. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria um confronto com os espíritos. A sensação que eu tinha era de que estava vivendo em tempo emprestado.



O casal Grossé (1992)

CAPÍTULO 10

O Dia das Promessas

Você se lembra de que eu havia prometido dar ao sacerdote satanista minha resposta sobre o meu ingresso na sociedade secreta, até aquela quarta-feira. Os espíritos haviam se comprometido a beneficiar minha vida de um modo muito especial. Mas, em apenas dois dias, fiquei conhecendo algumas das grandes promessas da Palavra de Deus.

Assim foi que, naquela quarta-feira, dirigi-me para o trabalho pensando nas promessas, e o que deveria fazer com todas elas. Foi um dia muito sério. Eu me pus a pensar mais e falar menos, enquanto mil e um pensamentos

cruzavam minha mente. Terminado o expediente, à cinco da tarde, resolvi para casa a pé em vez de tomar o bonde. Estava muito tenso para saborear qualquer alimento, e resolvi ficar sem jantar. Eu teria que fazer um desagradável telefonema ao meu amigo Roland para informar que, por razões que eu não poderia mencionar naquele momento, não poderia ir à costumeira sessão de louvor aos deuses naquela quarta-feira à noite, e que ele, por favor, dissesse ao sacerdote que eu faria contato com ele logo que fosse possível.

Enquanto andava sem pressa pela Rua Bleury, no sentido norte, passei em frente a várias lojas, sem lhes dar nenhuma atenção. Mas, por uma razão que não consigo explicar, dei uma rápida olhada através de uma vitrine. Andei mais ou menos uns dez metros, quando tive o lampejo de que havia visto uma Bíblia. Voltei e olhei de novo. Ali estava, na frente de todos os objetos usados à venda, uma Bíblia nova.

O nome da loja era algo parecido com "Penhoras e Pechinchas do Samuel". Por trás da Bíblia, havia um cartaz pintado à mão, que dizia: "Bíblia em promoção especial, hoje. Entre para uma verdadeira pechincha".

Entrei e fui avançando devagar através da loja cheia de gente. Os objetos estavam amontoados nos balcões de ofertas e era difícil encontrar espaço para andar entre eles. Armários com ternos para homens ocupavam grande parte da sala, enquanto guitarras e todo tipo de instrumentos musicais pendiam no teto. Cartazes e mais cartazes promoviam pechinchas e mais pechinchas.

Um velho de pequena estatura se aproximou de mim e disse:

– Posso ajudá-lo?

– Estou interessado na Bíblia em promoção que está na vitrine. Quanto o senhor quer por ela?

– Sim, a Bíblia. Já vou buscá-la para você.

– Senhor, não vá buscá-la. Eu só quero saber o preço, pois não tenho muito dinheiro.

Mas ele foi assim mesmo.

– Você tem o suficiente para comprar esta Bíblia, tenho certeza. Faz uma hora que a coloquei na vitrine. Eu a coloquei em oferta especial.

Ele não parava de falar, e eu me esforçava para ser cortês, devido à idade dele.

– Se você quiser uma Bíblia por um bom preço, nunca vá a uma loja de Bíblias. Procure sempre um lugar como eSt.

A esta altura, ele já havia ido e voltado, passando por todas as bugigangas sem derrubar nenhuma. Ele deve ter sido um acrobata em sua juventude, pensei. Colocando-a em minhas mãos, ele disse:

– É linda, não é mesmo?

– Quanto custa? – eu insisti.

– Você não terá que pagar o preço normalmente elevado das lojas de Bíblias. O preço de uma Bíblia dessa, provavelmente, seria quinze dólares, ou mais. Deixe-me mostrar por quê.

Ele abriu no Novo Testamento, e continuou:

– Eu não entendo muito de Bíblias, mas sei que as que têm algumas partes impressas em vermelho, como esta, são as melhores.

Novamente, tentei perguntar quanto ele queria pelo livro, mas ele me venceu mais uma vez.

– Eu já estava decidido a colocar um bom preço nesta Bíblia, mas, quanto mais converso com você, mais baixo fica o preço.

– Ótimo. Continue conversando até chegar a um dólar e cinquenta centavos, e eu tirarei esse valor do meu bolso para pagar.

– Está vendida. Dê-me um dólar e cinquenta.

Na realidade, não era essa a minha intenção, e comecei a explicar que eu não queria me aproveitar dele e que ficaria contente em pagar o preço que ele achasse justo. – Não, eu não quero um centavo a mais. Quando coloco um preço, este é o preço.

Enquanto eu lhe passava o dinheiro, ele disse:

– É claro que não vou empacotá-la para você. Esse valor não pagaria nem o papel do embrulho. Você se importa de levá-la assim?

– Claro que não – respondi e fui saindo da loja.

Ao sair, fechando a porta atrás de mim, parei, e entrei novamente. Um pensamento estalou em minha mente.

– Algum problema? – perguntou o vendedor.

– Senhor, esse foi um dos negócios mais incomuns que eu já fiz. Diga-me a verdade, por que o senhor me vendeu esta Bíblia dessa maneira? Parecia que o senhor queria se ver livre dela?

Olhando diretamente para os meus olhos, ele respondeu:

– Filho, esta é, sem dúvida, uma Bíblia roubada. Ela entrou aqui juntamente com outros objetos que dois jovens me venderam. Até aquele momento, eu estava tendo um bom mês de vendas, mas, uma hora antes de você entrar aqui, ocorreu-me que foi exatamente depois de haver comprado esta Bíblia que os negócios pioraram. Imediatamente, a coloquei em promoção na vitrine. Leve-a, filho, vá para casa, tenha uma boa leitura e que Deus o abençoe.

Nesse mesmo instante, lembrei-me da passagem de Hebreus 4:15 e 16, e dizendo

“Muito obrigado!”, saí da loja. Que alegria senti no coração ao andar pela rua com minha Bíblia nova de baixo do braço. Não me havia sentido assim desde o tempo em que era mais jovem. Era como uma nuvem de tristeza que estivera a me cobrir e que, agora, era levada embora pelo vento. Na realidade, eu me senti tão bem que o apetite voltou. Ao passar diante de uma lanchonete de judeus, resolvi comprar um sanduíche para comer em casa. No pouco tempo que ainda me restava antes de ir à casa de Cyril a fim de continuar os estudos bíblicos, eu aproveitaria, também, para ler a Bíblia.

Aconteceu, então, alguma coisa que intensificou ainda mais o meu interesse pelo livro de Hebreus.

Quando entrei em meu apartamento, percebi que era mais tarde do que eu imaginava. Rapidamente, coloquei a Bíblia sobre a minha cadeira de balanço e me virei para levantar as persianas de uma janela. Ao fazer isso, empurrei a cadeira com o meu cotovelo fazendo com que a Bíblia caísse. “Oh, não”, exclamei, “minha Bíblia nova no chão!”

Ela caiu aberta, com o capítulo sete de Hebreus virado para cima. “Este, no entanto, porque continua para sempre, tem o Seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:24,25). Meus olhos se moveram um pouco, e li mais adiante: “Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal Sumo Sacerdote, que Se assentou à destra do trono da Majestade nos Céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” (Hebreus 8:1,2).

Através desses textos, eu ouvi Jesus declarar-Se um Redentor vivo, amoroso e poderoso, capaz de salvar completamente aqueles que buscam a Deus através dEle. E isso incluía Seu poder de controlar [restringir] os demônios.

Enquanto me dirigia à casa do casal Grossé, li a Epístola aos Hebreus inteira. E, ao voltar para casa, eu a li novamente. Quando cheguei em casa, eu a li pela terceira vez.

O livro de Hebreus me fascinou. Ele me mostrou que a intercessão de Cristo em favor do homem, no santuário do Céu, é tão essencial à salvação como o foi Sua morte sobre a cruz. Isso causou uma profunda impressão sobre a minha mente.

Eu vi Jesus como alguém que ama os indignos de amor. Como alguém que é capaz de consertar tudo. Percebi que o Senhor da glória permitiu que os homens O pregasse numa cruz "para que, por Sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo" (Hebreus 2:14). Agora, eu entendia que a minha única esperança era colocar minha confiança nos méritos do sangue dAquele que é poderoso para salvar todos os que O buscam.

Dos quatro temas estudados naquela quarta-feira à noite, na casa de Cyril, um destaca-se acima dos outros. Seu título: "O destino dos ímpios".

A esta altura, a Bíblia já havia me revelado o Doador da vida como um Deus de amor, que amou "ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). Esse fato foi reforçado por duas passagens bíblicas adicionais, de uma maneira que eu nunca mais esqueceria. Primeira: Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para condená-lo, mas para salvá-lo (João 3:17). Segunda: Deus quer salvar todos os homens (I Timóteo 2:4). Desta maneira, descobri que é o amor que move Deus em todas as Suas relações para com a humanidade.

Eu me perguntava: "Que faria Deus com aqueles que rejeitassem a Sua oferta? Transformaria-Se no tipo oposto, isto é, passaria a encontrar prazer em torturá-los eternamente, como a maioria dos cristãos parecia crer?" Eu estava curioso para ver o que a Bíblia tinha a dizer sobre isso.

Nosso estudo se concentrou, primeiramente, na origem do mal, seu autor, e o que Deus fará com ele depois que o pecado chegar ao seu fim. No livro do profeta Isaías está escrito: "Como caíste do Céu, ó estrela da manhã [Lúcifer], filho da alva" (Isaías 14:12). Ezequiel descreve o elevado intelecto de Lúcifer e a exaltada posição que ele teve no governo de Deus: "Assim diz o Senhor Deus: Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias... Tu eras o querubim da guarda ungido, e te estabeleci... Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que fostes criado até que se achou iniquidade em ti" (Ezequiel 28:12-15).

Lúcifer deixou de admirar a beleza do caráter de Deus para admirar a si mesmo. "Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do resplendor" (Ezequiel 28:17). Ele multiplicou por muitas vezes os seus interesses próprios até que chegou o momento em que optou por um curso de ação que, na opinião dele, o colocaria em condição de igualdade com Deus e superior a Cristo.

Isaías complementa: "Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao Céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo" (Isaías 14:13,14).

Interessantes como possam ser as alusões bíblicas à rebelião de Satanás, o que mais prendeu minha atenção foi o que Deus fará com esse querubim e seus anjos caídos depois de eles haverem demonstrado o seu verdadeiro caráter perante o Universo.

Ezequiel declara: "Eu [Deus], pois, fiz sair do meio de ti um fogo que te consumiu, e te reduzi a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os povos que te contemplam... vens a ser objeto de espanto e nunca jamais subsistirás" (Ezequiel 28:18,19). O Doador da vida dará fim ao autor do pecado e da morte. O diabo nunca mais existirá.

Após ler essa passagem da Escritura pela primeira vez, pensei comigo mesmo e depois disse ao casal: "Como podem alguns teólogos cristãos pregar que Satanás terá vida eterna em um lago de fogo, quando a Bíblia ensina tão claramente o contrário?"

A Senhora Grossé explicou que eu não deveria ficar assim tão surpreso. Um terço dos anjos, seres de elevado intelecto, ficaram tão confundidos no Céu que tomaram posição ao lado de Lúcifer, até sob risco de sua ruína

eterna (ver Apocalipse 12:4,9).

Então, vimos o que a Bíblia tem a dizer sobre o destino eterno dos ímpios. Salmos 37:20 declara que "os ímpios... perecerão, e os inimigos do Senhor serão como o viço das pastagens; serão aniquilados e se desfarão em fumaça". Essa passagem indica, claramente, a extensão da destruição daqueles que houverem rejeitado a misericórdia de Deus e persistido em sua auto-destruição.

Em minha mente, voltei aos dias de minha infância. Era costume das pessoas que moravam no campo, naquele tempo, fabricar sabão caseiro. Meu pai, geralmente, fazia isso nos meses frios de inverno, quando era mais confortável trabalhar com fogo. Era preciso derreter grandes quantidades de gordura animal e fervê-las por muitas horas sobre um fogão a lenha, no galpão.

Meu irmão Edgar e eu nos divertíamos lançando pedaços de gordura animal sobre o fogão barulhento. Gostávamos de observar quanto tempo essa substância levava para queimar e desaparecer.

Assim, também, a Bíblia declara que, à semelhança da gordura no fogo, Deus erradicará da face do nosso planeta todos os ímpios e todos os vestígios do pecado.

Finalmente, encerramos nosso estudo com a leitura e reflexão de uma passagem que descreve a recompensa dos ímpios: "Pois eis que vem o dia e arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo... Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que preparei, diz o Senhor dos Exércitos" (Malaquias 4:1-3).

Cyril afirmou que o grande Monarca do Universo, embora seja um Deus de amor, é um Deus de justiça, ao mesmo tempo. Não devemos esquecer que, enquanto o elemento amor controla o Seu ser, aqueles que rejeitam o Seu amor e o Seu infinito sacrifício através da morte de Seu Filho no Calvário, terão trazido condenação sobre si mesmos. Carregarão sobre si a culpa de rejeitar o Espírito da graça.

– Virá o dia – continuou Cyril – quando Deus executará a sentença de morte que as pessoas terão trazido sobre si mesmas. Será morte eterna, "porque o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23).

Foi aí que compreendi que a doutrina do tormento eterno, pregada em muitos púlpitos cristãos, tem contribuído para que Deus seja expulso da mente e da vida de centenas de milhares de pessoas. Nos anos de minha juventude, eu também caíra vítima desse sofisma.

Compreendi também que, para se obter uma correta compreensão do estudo sobre o destino dos ímpios à luz da Palavra de Deus, é preciso começar com o fato de que a lei do amor é próprio fundamento de Seu governo. Dessa premissa, se originam todas as ações de Deus para com as pessoas que Ele criou. Portanto, é impossível crer na doutrina do tormento eterno. Esse estudo contribuiu especificamente para remover de meu coração tudo o que me havia tornado amargurado com relação a Deus.

Posteriormente, Cyril me explicou que os milhares de anos de sofrimento da humanidade são o resultado direto das ações de Lúcifer no Céu, quando iniciou a sua grande rebelião. Pela exaltada posição que ele ocupava no governo de Deus, as pretensões e reivindicações por ele postuladas adquiriram grande força e substância. Escondeu em mistério os seus reais objetivos. Os habitantes do Céu não visualizaram os resultados finais. A presença do pecado intrometeu-se em cada departamento do governo divino. Lúcifer cobiçou a honra e o poder que cabiam somente a Deus.

Os anjos do Céu e os habitantes do Universo não podiam compreender a natureza do pecado e as suas consequências finais. Para o bem de todos, Deus optou por deixar que – com o passar do tempo suficiente – Lúcifer e seus associados manifestassem através de seus maus atos, a extrema gravidade do mal e a malignidade do pecado. Os habitantes do Universo têm observado, com silencioso horror, as aflições da humanidade. Os acontecimentos por eles observados têm gravado em suas mentes uma impressão inalterável.

Encantado com a descrição de Cyril sobre o grande conflito espiritual, eu poderia ouvi-lo por muitas horas, mas ele não quis dar-me uma "indigestão espiritual" (palavras dele). Depois de um detalhe final, dirigiríamos nossa

atenção a outra coisa.

– Quando todos os vestígios do mal forem varridos da face deste pequeno planeta – disse Cyril – e Cristo recriá-lo com beleza superior à sua beleza original, então, a vasta criação de Deus vibrará com um só pulso de harmonia e felicidade. Que eternidade maravilhosa não há de ser!

O modo como Cyril e Cynthia descortinaram diante de mim a realidade do grande conflito espiritual travado entre as forças do bem e do mal, me impressionaram com o fato de que o Santo Espírito de Deus estava trabalhando – e vinha trabalhando de maneira poderosa e maravilhosa através dos anos – para trazer-me precisamente àquele lugar onde eu estava, naquela noite.

Lembro-me de ter dado uma olhada no meu relógio – já eram 9:20 da noite. Se não fosse a intervenção do Espírito de Deus em meu favor, eu estaria naquele momento conversando com adoradores de demônios. Agora, porém, eu estava desfrutando o bendito privilégio de segurar uma Bíblia e havia tomado a firme decisão de romper com a adoração aos demônios, com a ajuda de Deus. Naquele exato momento, só o pensar em tudo isso fez subir um calafrio através de minha espinha dorsal e meus braços se arrepiaram.

Ao concluirmos o estudo sobre o destino dos ímpios, mencionei ao casal Grossé que, no tempo em que estivera a memorizar os catecismos católicos, eu havia encontrado muitas expressões da Bíblia Sagrada, usadas em alguns livros como apoio ao suposto castigo eterno dos ímpios. Eu podia lembrar de palavras como “fogo eterno”, “castigo eterno” e “a fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos”.

Os meus anfitriões admitiram que a Bíblia tem de fato frases semelhantes e que, para examinar o seu correto significado, seria necessário um estudo específico sobre o tema – que certamente seria longo, porém gratificante. Ocorreu que nós fizemos esse interessante estudo três dias depois, como relatarei logo adiante. Tal estudo foi conduzido pelo Pastor L.W. Taylor.

Quando fui dormir naquela noite, ao voltar dos estudos bíblicos, percebi que os espíritos haviam visitado o meu apartamento. E na sexta-feira, ao chegar em casa, tive consciente certeza de que os espíritos estavam tentando dizer-me alguma coisa.

CAPÍTULO 11

O Sábado Bíblico

Eu havia prometido ao meu patrão que descobriria as razões por que Cyril guardava o sábado bíblico. Para poupar espaço, vou omitir os estudos bíblicos que tivemos na quinta e sexta-feiras, exceto o estudo sobre o sábado.

De início, Cyril afirmou que as Escrituras Sagradas falam do sábado bíblico como sendo o sétimo dia da semana.

– Na realidade, o quarto mandamento do Decálogo, escrito pelo próprio Deus, recomenda que nos lembremos de guardar o dia de sábado. O chamado a lembrar se deve, provavelmente, ao fato de que os homens têm, talvez por causa de suas muitas atividades diárias, a tendência de esquecer até algumas das coisas mais importantes da vida.

Abrimos, então, as nossas Bíblias e juntos lemos o quarto mandamento: “Lembra-te do dia de sábado para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

Fiquei admirado ao descobrir que o mandamento que ordena observar o dia que Deus abençoou era bem diferente daquele do catecismo católico, com o qual eu estava acostumado. Na verdade, imediatamente, eu disse ao casal Grossé:

– Estes não são os mandamentos que eu memorizei quando pequeno.

E continuei lendo, no mesmo capítulo: “Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de Mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque Eu sou o SENHOR, teu Deus...” (Êxodo 20:2-5).

Na realidade, eu li todos os Dez Mandamentos e achei-os muito mais minuciosos do que as versões dos catecismos que eu havia conhecido.

– É difícil crer que estes são os mandamentos de Deus – deixei escapar.

Cyril, usando de fineza e, ao mesmo tempo, sem lhes diminuir a solenidade, disse que esses eram de fato os mandamentos que Deus havia dado aos hebreus através de Moisés. Ele afirmou, então, na forma de uma pergunta que abriu e escancarou a questão diante da minha mente:

– Roger, não quero dar a impressão de um metido e convencido, mas seria possível que os mandamentos com os quais você se familiarizou sejam mandamentos de algum outro deus?

Então, como que por iluminação, minha mente visualizou a assim chamada “sala de adoração aos deuses”: o querubim caído, o deus dos demônios, havia em eras passadas conspirado contra os mandamentos de Deus para desencaminhar a família humana. Imaginei, então, os habitantes do mundo inteiro sendo enredados pelo artista-mestre do engano.

Voltando ao estudo do sábado bíblico, fiquei abalado com a grande ênfase que o Senhor colocou sobre o sétimo dia da semana como o dia a ser honrado. “E, havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que havia feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gênesis 2:2,3).

Um ponto que, da maneira mais vívida, impressionou minha mente com a solenidade e santidade que o Criador imprimiu ao sábado foi que, durante quarenta anos, o Senhor alimentou diariamente os israelitas, exceto aos sábados. “Então, disse o SENHOR a Moisés: Eis que vos farei chover do céu pão, e o povo sairá e colherá diariamente a porção para cada dia, para que Eu ponha à prova se anda na Minha lei ou não. Dar-se-á que, ao sexto dia, prepararão o que colherem; e será o dobro do que colhem cada dia... Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele, não haverá” (Êxodo 16:4,5,26).

Foi interessante notar como o Senhor procurou impressionar os hebreus com a santidade do Seu sábado. E, ao lermos o relato da experiência com o maná, não pude conter o riso ao constatar que alguns persistiram em suas dúvidas sobre se Deus, realmente, queria dizer o que havia dito. “Ao sétimo dia, saíram alguns do povo para o colher, porém não o acharam” (Êxodo 16:27).

Após termos dado atenção ao que Moisés e os profetas tinham a dizer sobre a questão do sábado, nós nos voltamos para o Novo Testamento para descobrir como Jesus e Seus primeiros discípulos se relacionaram com o sábado. Falando de Jesus, o Evangelho de Lucas afirma: “Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o Seu costume” (Lucas 4:16). Jesus declarou que ao povo judeu que Ele é o Senhor do sábado (Marcos 2:28).

O Senhor do sábado nunca teve a intenção de que a santa lei de Seu Pai fosse jamais mudada. Por exemplo, no Seu sermão da montanha Ele não deixou nenhuma incerteza sobre o sólido fundamento em que se assenta a santa lei de Deus: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas, não vim para revogar, vim para cumprir [“cumprir” no original grego, vem da raiz “pleroos”, que significa “dar o sentido completo”]. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra” (Mateus 5:17,18).

Consideramos também os relatos bíblicos dos primeiros discípulos e sua observância do sábado. Depois de lermos muitos textos na Palavra de Deus sobre a observância do sábado da criação, perguntei a Cyril se ele sabia como os cristãos vieram a observar o primeiro dia da semana, o domingo, como o seu dia de repouso.

Ele respondeu que a Igreja Católica Romana afirmava ter efetuado a mudança, em séculos passados, através do poder que Deus lhe concedeu.

– Na realidade, a Igreja Católica não se importa que as pessoas saibam que ela mudou os mandamentos de Deus.

No domingo seguinte, me dirigi a Biblioteca Municipal de Montreal para fazer uma pequena investigação no departamento de religião. Não demorou muito, encontrei um catecismo católico datado de 1930. Nele estavam os seguintes comentários, classificados como o terceiro mandamento:

Pergunta – Qual o terceiro mandamento?

Resposta – O terceiro mandamento é "Lembra-te de guardar o santo dia do sábado".

Pergunta – Que dia é o sábado?

Resposta – O sábado é o sábado.

Pergunta – Por que nós guardamos o domingo em vez do sábado?

Resposta – Nós guardamos o domingo em vez do sábado porque a Igreja Católica transferiu a solenidade do sábado para o domingo.

Pergunta – Por que a Igreja Católica substituiu o sábado pelo domingo?

Resposta – A Igreja substituiu o sábado pelo domingo porque Cristo ressurgiu dentre os mortos num domingo e o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos num domingo.

Pergunta – Com que autoridade a Igreja substituiu o sábado pelo domingo?

Resposta – A Igreja substituiu o sábado pelo domingo com a plenitude do poder divino que lhe foi concedido por Jesus Cristo.

Pergunta – O que nos ordena o terceiro mandamento?

Resposta – O terceiro mandamento nos ordena santificar o domingo como o Dia do Senhor".

Impressionado com minhas descobertas, decorei a seção toda. No início da década de 1950, adquiri uma cópia desse mesmo catecismo e a conservo em grande estima.

Minha primeira tarefa era trazer ao meu patrão judeu uma explicação das convicções religiosas de Cyril, mas agora minha segunda tarefa era descobrir como e onde os cristãos se tornaram tão envolvidos com o domingo. Isto eu investiguei nos meses seguintes e obtive algumas descobertas surpreendentes.

Além do interesse de meu patrão no sábado de Cyril e a minha recém-adquirida curiosidade, houve outros que também foram despertados pelo assunto: os espíritos demoníacos. Na noite do sábado seguinte, quando voltei para casa, eles procuraram restabelecer contato comigo (ver o Capítulo 1).

Naquela sexta-feira à noite, ao concluirmos o estudo sobre o sábado, o casal Grossé me convidou para ir à igreja com eles no dia seguinte. Cyril explicou que ele seria, então, batizado por imersão e se tornaria um membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Combinamos que eu viria até a residência deles e dali iríamos juntos à igreja.



Aspecto de Montreal II (década de 1940)

CAPÍTULO 12

Novo Amanhecer e Nova Vida

Sábado de manhã, ao chegar na residência do casal Grossé, descobri que seríamos acompanhados até à igreja por mais dois amigos. Após ser apresentado a eles por Cyril e Cynthia, conversamos um pouco e, como era meu costume, tirei do bolso minha carteira de cigarros e os ofereci a eles, mas eles recusaram com cortesia.

Então, pensei que bem poderia ser que os adventistas não fumassem. Poucos momentos depois, ao sairmos da casa, perguntei a Cyril sobre isso. Ele disse que os adventistas são muito conscienciosos no que diz respeito à saúde; não como um meio de obter o favor de Deus, mas no próprio interesse da saúde. As pessoas saudáveis gozam mais a vida. Ele mencionou também que um dos próximos estudos bíblicos teria como assunto o viver saudável, no qual são apresentados os benefícios da abstinência do fumo.

Imediatamente, garanti a ele que eu não fumaria na presença dos membros da igreja naquele dia. Então, pensei comigo: “Em que me meti! Como vou fazer isso?” Sentime agradecido, ao mesmo tempo, porque o jovem casal não me disse, logo no início, que eu não deveria fumar. A minha dependência, certamente, me haveria levado a recusar os estudos com eles.

Em uma data posterior, ao conversar com Cyril a respeito do fato de que o cigarro de tal forma dominava a minha vida, e que eu, sem dúvida, teria recusado os estudos se eles tivessem trazido o problema à tona, ele disse que, depois que ele e sua esposa oraram a respeito do assunto, eles se sentiram impressionados a tolerarem o meu vício com a intenção de me conduzir primeiro a Cristo.

Naquele momento, eu não compreendia que Cyril e Cynthia estavam tentando reconciliar Roger Morneau com o Doador da vida. O Espírito de Deus, porém, os estava dirigindo.

Por exemplo, quando prometi, naquela manhã de sábado, que não fumaria na presença dos membros da igreja, ele se alegrou por ver as orações deles respondidas. Antes de me convidarem para ir à igreja com eles, haviam pedido que o Senhor abençoasse minha vida de um modo especial. Eles pediram dois milagres.

Primeiro, que eu visse e apreciasse a santidade do sábado bíblico. Se isto acontecesse, então eles me convidariam para ir à igreja junto com eles. Se eu aceitasse o convite, eles o tomariam como sinal de que Deus estava operando um milagre de redenção. E segundo, que Ele tirasse de mim a vontade de fumar.

Como Deus respondeu maravilhosamente às orações deles! O pensamento de fumar não entrou em minha mente senão depois das sete horas daquela noite. Então, por duas horas, meu corpo experimentou uma agonia que eu

nunca havia sentido antes, levando-me à conclusão de que eu necessitava mesmo de um Salvador – Alguém que realizasse um milagre de amor, removendo o Sr. Nicotina que havia se entronizado em cada fibra de meu corpo.

Foi uma linda manhã de sábado, naquele dia de outubro de 1946, em Montreal,

Canadá. A natureza se revestia de beleza e de vida, o ar estava fresco, e os lindos raios do Sol, ao atravessarem as árvores, banhavam a terra com milhares de beijos de amor. A cidade parecia estar mais feliz naquele dia e, por todos os lados, era visível a evidência de um Deus amoroso a cuidar de tudo. Tendo na mente alguns versos bíblicos, memorizados recentemente, sobre o sábado da criação, senti que aquele dia tinha um novo significado para mim.

Eu, um espírita, indo com os guardadores do sábado a uma igreja adventista. Meus amigos ainda não eram conhecedores do fato de que eu estava lentamente saindo das fileiras do querubim caído, seu mais feroz inimigo. Fazia poucos dias que eu tivera meu último contato com os demônios.

Ao nos aproximarmos da igreja, vi, para a minha surpresa, que quase todas as pessoas nas calçadas se dirigiam ao santuário. Alguém, gentilmente, deu-me as boasvindas à Escola Sabatina e também uma cópia do boletim da igreja. Ali por perto vi um estande contendo periódicos e folhetos. Aproximei-me e peguei um livreto. Entrando na igreja, senti-me impressionado ao ver tantas pessoas.

Depois de nos assentarmos, comecei a ler o livreto ao som de uma música suave. O impresso trazia muitas informações detalhadas sobre as instituições da igreja local e suas várias áreas de atividades.

O programa da Escola Sabatina iniciou-se com amáveis palavras de boas-vindas. Os momentos que antecederam o estudo da Palavra de Deus foram especialmente ricos em inspiração e informação para uma pessoa que estivesse visitando uma igreja adventista pela primeira vez. O que vi foi um povo dedicado a ser uma bênção aos seus semelhantes.

Em quarenta minutos, foi feito o estudo da Bíblia. O Pastor L.W. Taylor dirigiu a lição na classe das visitas. A lição do dia focalizava a vida de Cristo. O tema central envolvia o conceito de que Jesus de Nazaré, ao viver sobre a Terra, pautou Sua vida pelos princípios da Palavra de Deus, deixando-nos um exemplo digno de imitação. O Pastor Taylor fez uma declaração da qual me lembro até hoje: “Se seguirmos o exemplo de nosso Senhor, teremos paz, contentamento e sabedoria, que o mundo não pode nem dar e nem tirar”.

Essas palavras não poderiam ter vindo em ocasião melhor. Os estudos bíblicos dos poucos dias anteriores, culminando com o do sábado bíblico, haviam me levado a desejar entregar minha vida a Cristo e a observar o sábado.

O serviço de adoração das 11 horas foi uma inspiração e culminou com uma cerimônia batismal. Um deles, a ser batizado, era o meu novo amigo Cyril.

Quando ele voltou, eu disse que – se Deus quisesse – eu estaria de novo na igreja, no sábado seguinte. Disse também que gostaria de falar com o Pastor Taylor, se houvesse uma oportunidade.

Ao sairmos da igreja, não pude senão agradecer ao casal Grossé por sua amável atenção. Naquele momento, eles não podiam entender exatamente quantas bênçãos haviam trazido à minha vida. O Espírito de Deus os havia utilizado como Seus instrumentos para trazer-me a um oásis espiritual, onde Cristo – o mesmo que chamou à existência toda a beleza que eu contemplara nas múltiplas cores das folhas daquele lindo dia de outono – haveria de me regenerar.

Às 2:30 daquela tarde, o Pastor Taylor chegou e, passado algum tempo, nossa conversa se voltou para questões religiosas. Mencionei que havia estado a estudar a Bíblia durante aquela última semana. Ele perguntou quantos e quais temas havíamos estudado.

Após enumerar alguns dos tópicos, comentei que havíamos feito vinte ou mais estudos bíblicos. Lembro-me daquele momento como se fosse ontem. Os olhos do pastor se arregalaram de surpresa, e ele perguntou se havia ouvido corretamente.

Quando viu que ouvira bem, ele disse: “Importa-se em me contar o que o levou a estudar tanto?”

No momento, não consigo trazer à lembrança a exata razão que eu dei. Lembro-me de ter ficado surpreso com o espanto dele ao ouvir quantos assuntos havíamos estudado.

Eu pensava que qualquer um, ao se encontrar com a verdade bíblica, como eu fizera, estudaria as Escrituras de maneira semelhante.

Naquela noite, antes de voltar para casa, o casal Grossé esclareceu algumas coisas para mim. Fazia algum tempo que alguns membros da igreja haviam manifestado interesse em aprender como compartilhar suas convicções religiosas com pessoas de outras crenças. Eles pediram que o pastor lhes desse algumas aulas de treinamento.

O Pastor Taylor lhes havia aconselhado a usarem moderação ao estudarem com pessoas não familiarizadas previamente com a Bíblia. Ele afirmara que o ideal seria estudar a Bíblia uma ou duas vezes por semana, para que o novo estudante tivesse tempo para avaliar o que havia estudado. O pastor estava certo ao sugerir uma abordagem cuidadosamente planejada, mas meu caso era uma exceção, e o Espírito de Deus havia levado o casal Grossé a fazer o que era mais apropriado para mim.

Mencionei ao Pastor Taylor a profunda impressão gravada em minha mente por minha visita à igreja naquela manhã. Então, perguntei por que as outras Igrejas protestantes não observam o sábado bíblico, já que Deus prescreveu a sua observância como um meio de obter uma bênção especial que Ele não colocou sobre nenhum outro dia da semana.

O Pastor Taylor começou sua resposta dizendo que a Igreja Adventista do Sétimo

Dia é, na realidade, uma Igreja prevista profeticamente. Assim como Deus chamou João

Batista para falar ao povo de seus dias que o Redentor da humanidade estava entre eles (este povo havia perdido de vista as profecias messiânicas), assim também Ele levantou a Igreja Adventista para ser uma moderna voz a clamar no deserto.

Com relação a muitas Igrejas protestantes não observarem o sábado bíblico, Taylor explicou que Deus não força seus caminhos para as pessoas. Pelo contrário, Ele deseja de todos um serviço de amor, uma homenagem que brote de uma inteligente apreciação de Seu divino caráter. Ele não tem prazer em uma lealdade forçada e, por essas razões, concede liberdade de escolha a todos, para que todos possam responder voluntariamente.

Depois de conversarmos um pouco mais, percebi que me seria impossível continuar guardando em segredo a minha experiência com a adoração aos espíritos. Diante do meu profundo interesse em questões espirituais, era óbvio para o Pastor Taylor que algum poderoso fator de motivação estava por trás de tudo. Mesmo estando relutante em falar sobre a minha associação com os demônios, achei que, tendo decidido romper com aquele poder maligno, o pastor poderia dar-me uma preciosa orientação.

Após revelar minhas atividades como espírita, o Pastor Taylor dirigiu minha atenção para Jesus Cristo, a Fonte de toda a vida e de todo o poder. Ele afirmou que “nEle habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nEle, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade” (Colossenses 2:9,10). E citou vários textos bíblicos que demonstram o poder do Redentor sobre Satanás e os demônios.

Senti-me encorajado ao descobrir que todas as forças, incluindo o querubim caído e seus associados, devem a sua própria existência a Cristo, e isso me foi de grande ajuda naquela mesma noite, num encontro que tive com os espíritos.

Agora, eu procurava uma oportunidade para pedir que ele explicasse algumas expressões bíblicas usadas pelos pregadores da imortalidade do homem. Não foi preciso esperar muito. Quando ele perguntou se eu tinha mais dúvida, mencionei, rapidamente, algumas descobertas ao estudar a Palavra de Deus naquela semana. Disse que o nosso estudo havia me revelado a condição completamente mortal do homem, ao contrário da crença popular de que, ao morrer, sua alma imortal entra em sua recompensa ou em seu castigo. A Bíblia declara que somente Deus tem a imortalidade. Havíamos lido muitas passagens bíblicas que ensinam que o Senhor dará a imortalidade aos redimidos por ocasião da ressurreição dos justos. Os ímpios (lembrando que eles não possuem a imortalidade)

deixarão de existir, uma vez executada a sentença de sua punição. Em que pese o fato de a Palavra de Deus afirmar claramente que os ímpios perecerão totalmente, algumas passagens das Escrituras parecem indicar o oposto.

– Ao memorizar os catecismos católicos, quando era menino, eu encontrava expressões que davam suposto apoio ao castigo infindável dos ímpios. Ainda me lembro de alguns trechos como "fogo eterno", "castigo eterno", "o fogo do seu tormento sobe para todo o sempre". Eu gostaria, Pastor Taylor, que o senhor esclarecesse essa aparente contradição.

Senti uma profunda satisfação quando ele afirmou que não havia contradição, mas uma falta de compreensão por parte daqueles que acariciam a doutrina da alma imortal. Ele explicou que muitas pessoas compreendem mal o significado da palavra castigo. Elas o definem como um sofrimento consciente, e creem que, quando os órgãos dos sentidos não percebem mais nenhuma aflição, deixa de ser castigo. Mas, se examinarmos as penalidades humanas, veremos que avaliamos o castigo pelas perdas envolvidas, e não apenas pela intensidade da dor infligida. Disse o pastor:

– Por exemplo, por que se considera a pena de morte como o maior castigo? Não é porque a dor envolvida seja a mais intensa, pois as formas de tortura, tais como os açoites, produzem mais dor do que a decapitação ou o enforcamento. Nós, porém, a consideramos o maior castigo por ter efeitos mais permanentes. A vítima fica destituída, de uma só vez, de todos os vínculos e bênçãos da vida, e a extensão da pena é estimada pela existência que a pessoa teria usufruído. Assim acontece quando a penalidade da morte, da qual não há escape, é aplicada, isto é, não há ressurreição. A segunda morte priva o pecador dos brilhantes e infindáveis anos da eternidade. Assim como a vida dos redimidos é eterna, assim também é a perda, ou o castigo, dos ímpios.

– Pastor, – disse eu – estou gostando de sua maneira de tratar do assunto. Não quero fazer nenhuma imposição sobre a sua bondade, mas poderia, por favor, explicar-me um pouco mais? Isso tem me incomodado por muito tempo.

Então, ele continuou:

– Nas Escrituras, a expressão "para sempre" e a palavra "eterna", por estarem associadas com "fogo" e "castigo", simplesmente indicam os resultados produzidos pelo fogo ou punição. Não indicam o período de tempo do processo de queimar ou punir.

Atentamente, assentei-me na beira da poltrona. Agitado, eu esperava para ouvir o pastor fazer evaporar mais um dos meus temores de infância.

– Alguma coisa errada? – perguntou o pastor, subitamente.

– Nada, não se preocupe. Eu estava apenas mudando minha posição. Por favor, continue.

– Vou dar três breves exemplos – disse o pastor, voltando ao tema. – Em Hebreus 5:9 encontramos a expressão "salvação eterna", isto é, uma salvação que é eterna ou que tem resultados eternos, e não um processo sempre em andamento que nunca chega ao fim. Hebreus 6:2 fala de "juízo eterno". Novamente, não se trata de um juízo eternamente em andamento, mas de um processo que, tendo passado a sentença sobre todos os homens, é irreversível em sua decisão e eterno em seus efeitos. E, por último, Hebreus 9:12 fala de "eterna redenção" Não uma redenção através da qual estamos eternamente nos aproximando de um estado redimido que nunca alcançamos, mas uma redenção que nos livra por toda a eternidade do poder do pecado e da morte.

Taylor disse que quando a Bíblia menciona "fogo eterno", refere-se a um fogo que

produz resultados eternos, para sempre.

– Somos informados em Judas, verso 7, que as cidades de Sodoma e Gomorra sofrem a vingança do "fogo eterno". O apóstolo Pedro diz que Deus, "reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra... tendo-as posto como exemplo a quantos venham a viver impiamente" (II Pedro 2:6).

A maneira como a Bíblia se explica a si mesma me deleitava. Eu nunca havia ouvido alguém discutir o assunto com tanta fluência e conhecimento. Para cada palavra, o Pastor Taylor apresentava claras referências bíblicas, não

deixando nenhuma dúvida quanto ao amor e à bondade de Deus para com aqueles que Ele criou à Sua imagem.

No entanto, no fundo de minha mente permanecia uma expressão profundamente enraizada, plantada pela instrução religiosa de minha infância. Por um momento, relutei em trazê-la à tona. Imaginei que ele não poderia dar uma explicação. De súbito, pensei que, se ele me desse uma explicação, ficaria para sempre estabelecido em minha mente que o Senhor é, no mais completo sentido do termo, um Deus de amor.

– Pastor, o que a Escritura quer dizer com "a fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos"? (Apocalipse 14:11)

Eu me acomodei mais confortavelmente naquele sofá da sala de visitas, enquanto esperava com ansiedade pela resposta.

O Pastor Taylor, então, explicou que as Sagradas Escrituras aplicam os termos "para sempre" e "para todo o sempre" a coisas que duram por um longo tempo ou por por um período indefinido de tempo. Por exemplo, a Bíblia utiliza estes termos em referência ao sacerdócio dos judeus, às ordenanças de Moisés, à possessão da terra de Canaã, aos montes e as montanhas, à terra, e ao tempo de serviço a ser prestado por um escravo.

– Qualquer um dos termos denota duração ou continuação de tempo, sendo sua extensão determinada pela natureza dos objetos aos quais se refere. Quando se refere a coisas que sabemos, por outros textos das Escrituras, não terem fim, significa a eternidade de ser. Mas quando se aplica a algo que há de cessar, seu significado se torna correspondentemente limitado.

Ele ilustrou esse ponto com alguns versos das Escrituras. Êxodo 21:2-6 afirma que, naquele tempo, quando um hebreu comprava um servo, este servo sairia livre no sétimo ano de sua escravidão. Mas, no caso de o servo não querer deixar o seu senhor, ele poderia renunciar aos seus direitos de liberdade através de um ritual específico. O senhor traria seu servo perante os juízes da comunidade e o faria chegar à porta na presença deles, e lhe furaria a orelha com uma sovela. Então, o servo o serviria "para sempre" (Êxodo 21:6). Nesse caso, o termo "para sempre" poderia significar um período de tempo de um dia ou muitos anos, a depender de quanto tempo o servo vivesse.

O Pastor Taylor citou mais um exemplo interessante do termo "para sempre", encontrado em Salmos 21:1-4. Sentindo-se agradecido a Deus pelas muitas vezes que o Senhor lhe poupara a vida, o rei Davi exclamou: "Na Tua força, Senhor, o rei se alegra! E como exulta com a Tua salvação! Satisfizeste-lhe o desejo do coração e não lhe negaste as súplicas dos seus lábios... Ele Te pediu vida, e Tu lha deste; sim, longevidade para todo o sempre". E Davi viveu até ficar velho e, assim, a expressão "para todo o sempre", usada aqui, significa um período de muitos anos de duração.

Após dar esses exemplos bíblicos para mostrar quão limitada pode ser a expressão "para sempre", quando aplicada a alguma coisa transitória, o Pastor Taylor passou a algumas referências bíblicas em que a expressão significa "eternidade de ser".

O segunda capítulo de Daniel descreve a interpretação que o profeta deu ao sonho da grande estátua de Nabucodonosor. O verso 44 anuncia que "nos dias destes reis, o Deus do Céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino... subsistirá para sempre". O capítulo 7 declara que "os santos... receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade" (Daniel 7:18).

Assim como a Escritura nos assegura claramente que o reino de Cristo, uma vez estabelecido sobre a Terra, será um reino eterno, e que a existência dos justos será eterna ou não terá fim, assim também a Bíblia nos ensina que a existência dos ímpios cessará por ocasião da segunda morte, a ocorrer dentro do lago de fogo (Apocalipse 21:8).

Foi nesse estudo bíblico, que vi ruir e desvanecer uma montanha de escuridão e erro. Vi os ditos mistérios, que embaraçaram a mente de meus pais católicos em seus esforços de associar o caráter de um Deus de amor com a doutrina do tormento eterno, derreterem do mesmo modo que o gelo o faz sob a luz do Sol tropical. Obtive a segurança de que a Palavra de Deus não se contradiz.

De repente, por volta das 19 horas, senti um intenso desejo de fumar um cigarro. Para meu espanto, percebi que não havia fumado nada durante o dia todo, nem mesmo havia pensado sobre isso. Pensei que isso poderia ser

explicado pelo fato de minha mente ter estado preocupada com as experiências religiosas do dia. Diante deste fato, cheguei a conclusão de que eu poderia lançar o cigarro para longe de minha mente, e de meus pulmões, se tão-somente ficasse ocupado com coisas boas.

E assim continuou nossa discussão sobre coisas espirituais. Levantei perguntas que, por muito tempo, haviam me confundido. Eu estava muito impressionado com o fato de o pastor ter uma resposta bíblica para cada questão.

Mas meu problema se tornou mais intenso. A vontade de fumar era grande demais. A saliva engrossou na minha boca, a ponto de ter dificuldade para falar. As narinas começaram a arder, à semelhança do que eu sentia quando tinha um resfriado. Após alguns momentos, tornei-me inquieto e mudava a posição com frequência. Finalmente, passei a sentir dor de cabeça, e isso raramente acontecia comigo. A dor descia até o dorso do pescoço.

Por insistência minha, o Pastor Taylor discutiu tópicos religiosos conosco até as 21 horas. Depois que ele partiu, a primeira coisa que fiz foi acender um cigarro, e fumei sem parar até durante uma hora. Para minha surpresa, desapareceram todos os sintomas do meu mal-estar.

Ainda naquela noite, antes de sair, o casal Grossé deu-me um estudo bíblico sobre o viver saudável, incluindo o assunto do fumo. Tornei-me consciente de que estava escravizado por um hábito destruidor da saúde. Imediatamente, determinei-me a abandoná-lo, compreendendo que teria de atravessar uma tremenda luta para fazê-lo – a menos que o Senhor do sábado, o mesmo qoue havia retirado o meu desejo de fumar por tantas horas naquele dia, Se dispusesse a me libertar do cigarro de uma forma permanente.

Momentos depois, agradeci aos meus amigos, e parti rumo à minha casa. No bonde, recordei em minha mente os eventos daquele dia, especialmente o meu episódio com o fumo, e compreendi que eu tinha mais do que um poderoso inimigo. Idealizei um plano que, certamente, acabaria com o meu problema com o cigarro.

O Pastor Taylor havia salientado o grande poder redentor dos méritos do sangue de Jesus, derramado no Calvário. De fato, ele me levou a ver e compreender que nós podemos vencer o querubim caído com seus anjos associados somente através desse poder, como é afirmado no último livro da Bíblia: “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro” (Apocalipse 12:11).

Naquela noite, cheguei em casa às onze e meia. Na minha porta havia um recado

para que eu telefonasse ao meu amigo Roland, sem importar com o horário. Ele vai ter que esperar um pouco, pensei. Quando entrei, deu para perceber que os espíritos haviam estado inquietos. Quase tudo no apartamento estava fora do lugar. Eu já estava acostumado a lidar com coisas incomuns e, por isso, não me perturbei.

Primeiramente, peguei os três pacotes de cigarros que eu tinha no guarda-roupas e os coloquei sobre a mesa. Então, abri minha Bíblia em Mateus 27, e li os versos de 24 a 27, que fala sobre a crucificação de Jesus. Coloquei a Bíblia aberta em cima dos pacotes de cigarros, ajoelhei-me diante da mesa e comecei a conversar com meu grande Sumo Sacerdote sobre os meus problemas. Dando graças pelas bênçãos que Ele havia me dado, mesmo quando eu era um declarado inimigo dEle e blasfemava o Seu nome, confessei meus pecados e reconheci o mal do meu coração.

O Pastor Taylor havia me ensinado que Jesus Cristo ministra no santuário celestial em favor dos aflitos, e que Ele é especialista em casos sem esperança. Compreendendo que eu era um verdadeiro caso sem esperança para ser trabalhado por Ele, agarrei-me à esperança inerente nas palavras de Taylor. Minha luta era contra inimigos muito astutos e poderosos.

Agradecendo ao Senhor o encorajamento que me deu, reconheci o fato de que o poder do Seu amor havia restringido os espíritos demoníacos. E, por causa disso, eu queria entregar-Lhe minha vida e servi-Lo como Ele achasse melhor. Então, eu me deleitaria em me lembrar do Seu dia, o sábado. E, apontando para os pacotes de cigarros, eu disse: “Senhor Jesus, liberta-me, por favor, desse poderoso inimigo. Quebra o poder que ele tem sobre mim, assim como hoje já manifestasse a Tua capacidade de fazer isso. Remova esse desejo insaciável”.

Após falar mais um pouco com o Senhor, agradeci o fato de Ele ter me ouvido e uma vez mais ter abençoado minha vida. Então, levantei-me, levei os cigarros ao banheiro, abri cada pacote, rasguei tudo em pequenos

pedacinhos, lancei-os dentro do vaso sanitário e puxei a descarga. Desde então, nunca mais toquei em cigarros, e nunca mais tive o desejo de fumar. De uma maneira maravilhosa, Jesus operou um milagre em minha vida.

(Veja o primeiro capítulo para saber os detalhes dos acontecimentos que tiveram lugar na noite daquele sábado).

CAPÍTULO 13

Episódio de Morte

Domingo de manhã, acordei e me levantei para um novo estilo de vida. Em vez de estender a mão à procura de um maço de cigarros sobre o criado-mudo – um hábito profundamente arraigado – percebi que não tinha aquela vontade compulsória de fumar.

Uma onda de felicidade me inundou, com o pensamento de que eu tinha um novo e poderoso Amigo, na pessoa de Jesus Cristo. Lembrei-me do modo tremendo com que o Espírito de Deus me abençoara a mente e me sustentara durante o meu episódio com os espíritos, algumas horas antes.

Compreendendo minha fragilidade humana, pedi que o Senhor me concedesse forças para o conflito que estava adiante. No passado, pela influência de outras pessoas, eu fora levado a tomar decisões insensatas. Muitas vezes, me entregara às sugestões de meu amigo Roland. De maneira gradual, ele me havia induzido à adoração dos espíritos.

Durante os minutos seguintes, orei sem pronunciar nenhuma palavra. Tendo aprendido que os demônios não podem interceptar uma oração silenciosa, eu queria estar um passo à frente de meus inimigos. Sentia uma grande satisfação em deixá-los curiosos. E sentia-me honrado pelo fato de que eu, um ser humano indigno, podia conversar com o mais poderoso Ser do Universo sem a interferência ou bisbilhotice dos demônios.

Eu disse ao Senhor que não sabia por onde começar para falar ao meu amigo Roland sobre as realidades eternas. Talvez, ele não estivesse disposto a ouvir para não ofender os espíritos. E, acima de tudo, como deveria eu enfrentar as pressões que viriam certamente?

Fiz uma pausa de alguns segundos em minha mente e, ao fazer isso, ocorreu-me uma passagem do primeiro capítulo do Evangelho de João: “Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam. Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no Seu nome” (João 1:11,12). Senti, então, que o Espírito de Deus me susteria através de minhas dificuldades vitoriosamente.

Sobre o meu criado-mudo estava a minha Bíblia. Estendendo a mão, comecei a folheá-la sem prestar atenção. Naquelas duas páginas da Escrituras aberta, estava o poder que salvaria literalmente a minha vida.

Poucos momentos depois, resolvi levantar-me. Tomando a Bíblia, comecei a ler, do mesmo lugar em que estava aberta, o trigésimo sétimo capítulo de Isaías. Falava de um rei chamado Ezequias, que havia recebido uma carta cheia de desafios de um tirano invasor – Senaqueribe, que era muito convencido. Impressionado pela maneira com que o Senhor dirigiu a situação, obtive confiança adicional de que não precisava ficar preocupado com o que estava pela frente. Eu não conseguia ficar sem pensar, mas não precisava ficar preocupado.

No horário combinado, Roland chegou.

– Você parece exausto, homem. Está doente? – perguntei, quando o vi.

– Morneau, você quase sufocou a minha vida e a do George. Nós não podemos nem acreditar que você poderia ser tão insensível a tudo que o George tem feito para nos beneficiar, e que você poderia voltar-se para insultar o mestre, recusando a riqueza que ele preparou para você.

– Quando foi que você ficou sabendo disso?

– Às 5:30 desta manhã. George me telefonou, depois que soube da sua estúpida decisão, através de um conselheiro-chefe. Ele pediu que eu colocasse um pouco de bom senso na sua cabeça, antes que você a perca.

– Vejo que devo ter deixado aquele conselheiro-chefe muito aborrecido, lançando-ofora, como o fiz.

– O quê? Será que ouvi você dizer que lançou fora um conselheiro-chefe? Nãoconsigo entender.

– Você ouviu corretamente. Por volta das quatro horas desta manhã, tive umaconversa com um conselheiro-chefe e, quando ele se tornou indecoroso, pedi que o Espírito de Deus o lançasse fora. Ele deixou sua marca na parede quando bateu a porta com muita força.

Então, mostrei a marca deixada na parede pela maçaneta.

– Você? Você, Roger Morneau, teve uma conversa com um conselheiro-chefe? Você sabia que alguns dos nossos membros têm estado a adorar e a invocar espíritos por muitos anos e ainda não tiveram o privilégio de conversar com um conselheiro-chefe? E você, que tem se envolvido com espíritos por tão pouco tempo, já recebeu tão grande honra. Isso mostra o quanto o mestre pensa em você.

A face de Roland brilhou de entusiasmo, ao exclamar:

– Um futuro fantástico aguarda a você e a mim. Agora esqueça esse breve momento de cristianismo, e vamos juntos ver o sumo sacerdote. Ele reintegrará você ao favor dos espíritos e tudo ficará bem. O sacerdote compreende – ele não tem nada contra você se interessar por saber mais sobre religião. Na verdade, ele gosta de você e o compreende. Ele disse que você é um aventureiro por natureza. O sacerdote reconhece que é natural a sua procura por um melhor caminho por si mesmo. A única coisa que ele acha ruim em tudo isso é que, se você ia estudar religião, por que não procurou alguma outra denominação, em vez desse povo sabatista – exatamente o povo que o mestre mais odeia sobre a face da Terra? Homem, você não entende o quanto você ofendeu os deuses. Mas eu tenho a garantia do sumo sacerdote de que tudo ficará bem se você vier comigo agora para o vermos em seu escritório. Ele está esperando por nós. Que tal irmos agora mesmo, meu velho companheiro?

Quando ele puxou seu maço de cigarros e me ofereceu um, recusei, dizendo que não fumava mais. Surpreso, Roland comentou:

– Morneau, você está mudado. Compreendi isso logo que entrei aqui. Para ser honesto, me sinto desconfortável em sua presença. Pode até parecer tolice o que vou dizer, talvez uma asneira, mas eu me sinto fora de lugar e gostaria de estar em algum outro lugar.

Enquanto ele falava, eu percebia que Cristo estava cumprindo em minha vida as palavras do apóstolo João. “Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam. Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no Seu nome”. Percebi que a gloriosa majestade do Senhor Jesus, refletindo sobre mim, criara uma invisível atmosfera de poder e resplendor que foi sentida pelo meu amigo, levando-o a reagir dessa forma.

– O que você estão sentindo em minha presença resulta do fato de que o Espírito que está comigo é mais poderoso do que o espírito que está com você. E quanto à afirmação que você fez, dizendo que eu estou mudado, você está certo. Nunca mais serei o Roger Morneau que você conheceu anteriormente. Em uma breve semana adquiri conhecimento que vale mais do que todo o ouro e toda a prata que a Terra contém. É por isso que não posso aceitar as riquezas que os espíritos têm me oferecido. Se eu as aceitasse, estaria enganando-me a mim mesmo. Não me interprete mal, percebo que a oferta feita pelos espíritos é generosa, mas carece do mais importante elemento que deveria acompanhá-la: Vida. Vida em medida suficiente para fazer valer a pena possuí-la.

Recebi uma oferta melhor. Todo o ouro que eu quiser e vida ilimitada.

Então, comecei a apresentar-lhe as glórias da realidade eterna. Embora me faltasse a capacidade de documentá-las com passagens bíblicas, como o casal Grossé fazia, o Espírito de Deus manteve meu amigo fascinado durante 45 minutos.

Durante esse tempo, dei cobertura aos pontos que eu considerava vitais. A certa altura, quando fiz uma pausa para captar alguma forma de resposta, tudo o que ele disse foi: “Agora eu compreendo”. Mas ele não fez nenhuma pergunta, nem qualquer comentário. Assim, eu continuei:

– Posso ver que você não tem nenhuma intenção de vir comigo para vermos o sumo sacerdote – disse ele, finalmente. – Mas temos que ir. Você precisa enfrentar a realidade outra vez. Todas as coisas maravilhosas que você mencionou não são nem para você nem para mim, por isso vamos esquecê-las. Primeiro, eu não quero esperar pela boa vida, eu a quero agora. Quanto a você, Morneau, você não tem escolha. Você, talvez, pensa que tem, mas não tem. Você está se enganando. Convenhamos, Morneau, você não é o seu próprio mestre. Eu gostaria que você fosse, mas não é. Os espíritos o possuem totalmente, e quanto mais depressa você admitir, melhor será.

Extremamente agitado, ele projetava um ar de fatalidade iminente. Começou a andar para lá e para cá, contorcendo as mãos.

– Tenho a mais difícil incumbência. O que vou dizer-lhe preferiria dizer a um inimigo a ter que dizer a um velho amigo.

A essa altura, ele transpirava muito, embora não estivesse fazendo muito calor.

– Morneau, os seus dias estão contados, bem como os dias daquele casal responsável por induzi-lo a afastar-se do mestre. Preciso dizer, no entanto, que você pode deter o plano de destruição já iniciado pelos espíritos, vindo comigo para ver o sumo sacerdote agora. Ele restaurará você ao favor deles, e tudo estará bem. Dessa forma, ninguém sairá machucado.

Ele teve que fazer uma pausa por alguns segundos para usar o seu lenço. O suor escorria por sua face.

– Há um detalhe que o sumo sacerdote quer que você entenda. Ninguém conseguiu sair vivo de nossa sociedade secreta, nunca. Os espíritos nos trouxeram a esta sociedade, e nós temos que nos sujeitar a eles, e não eles a nós. Permita-me explicar. Até agora, você e eu, vínhamos assumindo que nosso encontro com George e seu convite para irmos àquele restaurante fora apenas casual. Errado. Na noite anterior, um espírito apareceu a ele durante a hora sagrada e ordenou que ele fosse juntamente com a esposa àquela sessão em particular. O espírito disse que ele devia encontrar-nos, que nós havíamos servido na Marinha Mercante, etc. Explicou em detalhes o que George deveria dizer e fazer. Os espíritos já haviam tramado tudo, a ponto de envolverem a esposa de George em conversa com o médium espírita para que ela deixasse George ir para casa sozinho, e para que a família Belanger levassem-na para casa mais tarde. Então, amigo, vamos logo. O tempo está acabando.

Ele já estava com a mão na maçaneta da porta, esperando que eu o acompanhasse. Apontando para uma cadeira, sugeri que ele se assentasse por alguns minutos, enquanto eu explicaria por que não iria ver o sumo sacerdote. Ele recusou, dizendo que não poderia suportar mais a atmosfera daquele lugar. Uma atmosfera sobrenatural, estranha para ele, tornava impossível que ele se assentasse e relaxasse.

Eu disse que a presença do Espírito Santo estava me dando assistência, em resposta a meu pedido por ajuda, mais cedo, naquela manhã. Insistindo para que meu amigo abandonasse os demônios e se associasse com o poder superior de Deus, lhe assegurei que ele poderia fazer essa transição com segurança. Senti-me, então, impressionado a dar mais um passo e convidar todo o grupo dos amigos adoradores de demônios para me acompanharem. Outra vez, garanti que não haveria nenhum perigo para qualquer um deles.

– Vocês, companheiros, gostam de atenção e respeito – disse eu. – Vou contar oque vou fazer: vou chamar meu pastor para fazer a reserva dos lugares em nossa igreja, nos serviços religiosos do próximo sábado. Lugares escolhidos, em ambos os lados do corredor central. Farei a reserva de cem lugares, suficientes para todos estejam bem assentados.

– Não se preocupe com isso – respondeu Roland. – Já estou satisfeito como o lugar onde estou agora.

Outra vez ele fez uma pausa para enxugar o suor que lhe corria pela face, e continuou:

– E sei que os outros companheiros pensam da mesma forma que eu.

– Bem, meu desejo era oferecer a todos vocês os benefícios da vida eterna, para que nenhum ficasse de fora.

Então, mudei de assunto, e voltei ao seu ultimato.

– Você disse que 'meus dias estão contados', bem como os dos meus novos amigos, e que os espíritos demoníacos têm a intenção de executar essa sentença. Tenho, porém, algumas novidades para você, para o sacerdote, e para qualquer um que esteja planejando quaisquer maus intentos para comigo ou meus amigos. Como já disse àquele espírito conselheiro, na noite passada, coloquei meus amigos e a mim mesmo nas mãos do Doador da vida, o Cristo do Calvário. E estou preparado para andar sob a sombra da morte enquanto Cristo me acompanhar através da presença do Seu Espírito.

Chocado, em estado de terror, meu amigo Roland não conseguiu falar nada durante um minuto. Seu rosto ficou pálido, seus olhos fixos, e eu pensei que ele iria desmaiar. – Você está bem?

Ele não respondeu.

– Roland, qual é o problema?

E continuou sem responder nada. Em silêncio, eu implorei:"Querido Jesus, ajudeme, por favor!" Meneando a cabeça, afinal, ele disse:

– Eu não sei o que aconteceu, mas parece que perdi a consciência por um momento. Morneau, eu sei que o espírito que o acompanha é grande e poderoso. Por favor, nunca mais mencione esse assunto. Ele me causa terror.

Quando ele pareceu ter voltado ao normal, pedi que ele levasse meu recado ao sumo sacerdote. Então, ele disse:

– Não fui completamente claro com respeito ao ultimato, Morneau. A ameaça sobre a sua vida vai além daquilo que os espíritos podem fazer a você. A comissão diretiva definiu que a sua deserção de nossas fileiras pode resultar em vazamento de informações secretas, prejudicando a causa do mestre. Falou-se até em colocar um prêmio por sua cabeça. Uma pessoa ofereceu até dez mil dólares para ter alguém contratado para acabar com você. Mas essa sugestão não nos pareceu sábia, e nós a descartamos. No entanto, chegamos a uma decisão. Se um espírito nos informar que você falou com qualquer pessoa de fora sobre a atividade de nossa sociedade secreta, três pessoas já se ofereceram para atirar em você no momento mais conveniente. A comissão diretiva achou que essa seria uma posição mais sábia, visto que ficaria restrita à nossa sociedade, e assim evitaríamos a possibilidade de envolvimento com a lei. Nós trouxemos o plano perante um espírito conselheiro e recebemos plena aprovação, juntamente com o dom de clarividência para os voluntários, para que eles saibam o tempo todo onde você está. Eu esperava não precisar revelar isso a você, mas a sua recusa em conformar-se com os desejos do sumo sacerdote não me deixa nenhuma outra opção. Sinto muito.

Então, eu respondi:

– Diga ao sacerdote que eu sou ousado, mas não estúpido. Não tenho nada a ganhar em revelar informações sobre essa sociedade secreta a quem quer que seja. Posso conviver com a minha boca calada. Mas fazer minha sobrevivência depender da palavra de um espírito mentiroso, isso eu não posso admitir. Diga ao sacerdote que eu tenho um novo Amigo, na pessoa de Jesus Cristo. Ele é Todo-Poderoso e impõe respeito. Tanto é que à menção de Seu Nome os demônios tremem. E, quando comandados através desse grande Nome, até os espíritos conselheiros fogem, como pude testemunhar na noite passada.

Não sei se o que senti poderia ser chamado de 'ira santa', mas a ameaça de Roland despertou em mim a determinação de fazê-lo enfrentar o poder e a justiça de Deus por todos os dias de sua vida.

– O sacerdote parece ter um bom conhecimento da Bíblia. Faça-o ler Colossenses, capítulo 2, versos 9 e 10. Ali está, preto no branco, o que eu tenho estado a dizer a respeito do Senhor da glória.

Rapidamente, anotei a referência desse texto bíblico num pedaço de papel, para que meu amigo não esquecesse. E acrescentei:

– E, enquanto ele estiver com a Bíblia na mão, tenho algo mais para que ele considere. Já faz muitos séculos, quando um poderoso rei saiu a conquistar e subjugar nações e povos. Mas, um dia, ele insultou a pessoa errada. Ele atacou alguém que fazia de Deus seu amigo íntimo. Como resultado, ele perdeu 185 mil soldados. Somente uns poucos oficiais de Senaqueribe sobreviveram para testemunhar os resultados da arrogância do rei. E, quando ele chegou à sua cidade, Nínive, dois de seus filhos o feriram à espada (ver Isaías, capítulo 37). Roland, informe ao

sacerdote para que ele pense bem antes de acabar com Roger Morneau, para não acontecer que os pretensos destruidores se tornem os destruídos. Agora, vou traçar as regras do 'jogo da extinção'. E vou fazer isso com o total apoio de meu novo Amigo que, hoje de manhã, revelou-me como Ele pretende resolver o meu problema.

Os olhos de Roland se arregalaram, e eu obtive sua completa atenção. Depois de me dirigir até à mesa onde estava a minha Bíblia, aberta no capítulo 37 de Isaías, eu o chamei para ver alguma coisa. Eu havia sublinhado em vermelho os versos que eu queria memorizar (Isaías 37:14-20; 33-38). Mostrando-lhe de forma escrita a história que eu acabara de narrar, expliquei como o Espírito Santo me abençoara mais cedo naquela manhã, fazendo com que eu abrisse a Bíblia e me desse conta de quão facilmente Deus poderia resolver minhas dificuldades. Então, li alguns versos para ele.

– Posso ver onde algo parecido poderia acontecer conosco – respondeu Roland, obviamente preocupado.

Então, eu disse:

– Sim, e a responsabilidade repousa sobre o sumo sacerdote. Diga a ele que no dia em que ele e seus jovens considerarem seriamente a ideia de "apagar" o Morneau, o Doador da vida desligará a chave de todos os seus membros, adoradores de demônios, deixando somente a ele com vida para cuidar dos funerais deles. Isso bem poderia acontecer durante uma de suas sessões de louvor aos seus falsos deuses. Um silêncio mortal e repentino há de encher a sala de adoração.

Agora, Roland já estava sentado, e acendeu um cigarro. Começou a tremer, e não conseguia sequer colocá-lo sobre o cinzeiro. Tive que me aproximar e fazer isso por ele.

– Morneau, eu tenho que ir. Meu medo é que tudo o que você acabou de dizer possa mesmo acontecer, a não ser que ninguém, senão o sacerdote, saiba. Por isso, vou telefonar ao George logo que eu sair daqui para dizer que a nossa vida está em perigo, a menos que consigamos deter os três executores voluntários. Se as notícias chegarem a todos os membros antes que o sacerdote tenha a oportunidade de me fazer prestar juramento ao segredo, existe a chance de que a pressão exercida sobre ele, para cancelar a tentativa de assassinato, seja suficientemente grande para garantir a você uma vida longa.

Ao apertar a sua mão pela última vez, ele disse que não queria desagradar os espíritos e, por isso, deveríamos evitar encontrar-nos de novo. Se, por acaso, nos encontrássemos em algum lugar, deveríamos ignorar a presença um do outro. Eu concordei que assim seria.

Dessa maneira, terminou uma tensa viagem através do sobrenatural, e também a perda de um amigo chegado. Mas muitos têm sido os benefícios que conquistei por romper com o sobrenatural. O fato de eu ainda estar vivo hoje testifica da bondade, do amor e do poder do Senhor Jesus para salvar.

Nunca mais encontrei Roland, mas o vi a curta distância, quando ele saía de uma loja, na Rua St. Catherine West. Entrando em seu 'Cadillac', estacionado ilegalmente, ele usava um chapéu branco e trajava um terno que parecia ser de seda. Sua aparência impressionava, mas eu não tive inveja dele.

Ao andar pela rua naquele lindo dia de junho, para pegar o bonde, grande era a minha alegria no Senhor. Elevando meu coração para o Santo dos Santos, no santuário celestial, conversei com Ele e, verdadeiramente, considerei a experiência como sendo a plenitude da vida.

Embora eu tenha virado as costas aos espíritos e a tudo que eles tinham para me oferecer, eles continuaram tentando restabelecer contato comigo. As batidas aconteciam quase todas as noites, e continuaram por muitos meses. Um dia, Cyril veio para observar. Depois de ouvir a atividade deles, ele exclamou: "Vamos dar o fora daqui. Como você consegue ficar num lugar desses? Por que não se muda?"

De alguma forma, eu não queria dar aos espíritos a satisfação de pensarem que eu tinha medo deles. Eu achava que se começasse a correr deles, teria que correr para sempre. Portanto, confiei no Senhor Jesus para que Ele me desse sempre, onde quer que eu estivesse, a ajuda e a proteção de que tanto necessitava.

CAPÍTULO 14

Contando as Minhas Bênçãos

Naquele primeiro sábado, ao sair do templo da Igreja Adventista, pedi ao Senhor que fizesse com que eu pudesse estar ali outra vez, na semana seguinte. E, quando voltei, elevei meu coração em gratidão pelo que Ele fez em meu favor nos poucos dias passados. Na realidade, o dia inteiro foi dedicado a contar as minhas bençãos e de regozijar-me no Senhor.

Foi então que descobri por experiência própria o grande benefício que alguém pode obter quando relembra ou conta as suas bençãos. Percebi que o mandamento: "Lembra-te do dia de sábado para o santificar" foi dado para tornar possível ao homem uma forma de escapar das constantes demandas das ocupações diárias da vida e ter, assim, tempo para contar suas bençãos – e, dessa maneira, ser conduzido para mais perto do Criador, para receber o refrigério físico e espiritual.

Após meu confronto com os espíritos, e após minha vida ter voltado ao normal, imediatamente me pus a investigar, na história eclesiástica e na secular, acerca de como a Igreja Cristã se envolveu com a observância do domingo, abandou o sábado bíblico e adotou as doutrinas da imortalidade da alma e do tormento eterno. Durante uns cinco meses, gastei todo o meu tempo de lazer na Biblioteca Municipal de Montreal. Li, com grande interesse, os escritos da Igreja Católica Romana, à luz das profecias bíblicas. Estudei as biografias de certos "santos", considerados pilares da Igreja Católica primitiva, e examinei a influência deles sobre o cristianismo. A história dos papas revestiu-se de um novo significado. Fascinou-me, especialmente, Orígenes, de Alexandria, um dos pais da Igreja grega primitiva, que viveu entre os anos de 185 e 254 depois de Cristo, pois ele teve sucesso em unir algumas filosofias das escolas ecléticas dos neoplatônicos com as doutrinas do cristianismo. Esse período de investigação e estudo, contribuiu para solidificar a minha crença na Bíblia.

Antiga Biblioteca Municipal de Montreal (2005)

Num lindo dia de sábado, em abril de 1947, tive a bendita experiência de ser batizado por imersão e de tornar-me membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Naquele mesmo dia, encontrei uma jovem chamada Hilda Mousseau.

Ao sairmos da igreja, após a reunião daquela noite, o Pastor Taylor disse que quem fosse na direção leste, poderia pegar uma carona de uns dois quarteirões com ele, até o lugar onde deixaria o carro estacionado naquela noite. Quatro de nós aceitamos a oferta e, depois de chegarmos ao destino do pastor, fomos em direção à parada de bondes mais próxima.

Assim foi que Hilda e eu nos conhecemos e, algumas vezes depois disso, andamos juntos até a parada do bonde. Não demorou muito para descobrirmos que tínhamos em comum alguns interesses, preferências e aversões. Depois de algum tempo, nosso namoro estava firme.

Certo dia, pensei que seria uma boa ideia tentar convencê-la a tornar-se minha esposa. Naquele tempo, pedir uma jovem em casamento era um projeto complicado. O moço tinha que levar em consideração qual o melhor momento e lugar. Após rever meu plano de ação várias vezes, uma noite de domingo pareceu-me a melhor opção.

A importante questão teria que vir à tona sob condições de descontração. O momento ideal para pedir seria o intervalo, enquanto esperávamos que o guarda noturno viesse abrir a porta. Era necessário tocar a campainha duas ou três vezes até que ele chegasse, e isto levava, às vezes, dez minutos – dependendo do ponto em que ele se encontrava no prédio.

Nessa ocasião, Hilda trabalhava como enfermeira no "Hospital dos Convalescentes de Montreal" e morava no dormitório das enfermeiras, um dos anexos ao hospital. Todas as enfermeiras residentes tinham que chegar até às onze horas da noite. Quanto mais próximo desse horário alguém chegasse, por menos tempo teria de esperar. Por isso, imaginei que o momento ideal seria às dez e meia.

Era um lindo dia do mês de junho. Como planejado, estivemos juntos durante a tarde e a noite daquele agradável domingo e, para culminar, fizemos um 'tour' de bonde pela cidade de Montreal.

Após cada parada, enquanto o bonde ganhava mais velocidade, os cabelos longos e loiros de Hilda se levantavam sob a ação do vento, e seus olhos azuis brilhavam ao refletir a luz dos muitos anúncios de neon ao longo da rua. Quanto mais eu olhava o rosto dela, mais me convencia de que o nome dela deveria ser “Hilda Geraldine Morneau”.

Por volta das 22:30 daquela noite, nós nos aproximamos da porta do dormitório das enfermeiras e, do modo como já fizera muitas vezes, Hilda apertou o botão da campainha e encostou o ombro à porta na expectativa de ter que esperar por muito tempo. Imediatamente, perguntei se ela concordava em casar-se comigo. Eu mal havia falado e o guarda apareceu. Destrancando a porta, ele deu uns dez passos para trás, cruzou os braços, e fixou os olhos em mim como se estivesse a dizer: “Eu o desafio a dar um beijo de despedida nela, na minha presença”.

Hilda foi apanhada de surpresa diante de minha pergunta e a rápida chegada do guarda – que costumava demorar. Ela afirmou que já havia pensado sobre o assunto, mas esperava que isso fosse acontecer num futuro distante. Eu lhe garanti que tudo o que queria naquele momento era um “sim”, e que nós poderíamos entrar em maiores detalhes em uma outra ocasião mais conveniente para ela.

Eu mal acabara de dizer isso, quando o guarda berrou:

– A 'mademoiselle' [senhorita, em francês] vai entrar, ou quer ficar do lado de fora? Tenho mais o que fazer e se a senhorita não entrar, vou ter que fechar a porta com a senhorita do lado de fora.

Ela me deu um rápido “sim”, um ligeiro beijo, e entrou quase em prantos.

– Vou ensinar a vocês, moças, que quando eu abro a porta é hora de entrar – vociferou o guarda.

– Não é toda noite que aparece um cavalheiro para pedir uma moça em casamento – disse ela.

O guarda olhou, assustado.

– Sinto muito – disse ele. – Por que não me falou antes que era tão importante assim? Eu lhe teria dado mais tempo.

Naquele momento, ali mesmo, Hilda resolveu que iria se mudar. A mãe dela tinha um apartamento na Estrada Queen Mary, e Hilda decidiu morar com ela, mesmo que tivesse de viajar uma distância maior para chegar ao trabalho.

Naquele mesmo momento, eu me dirigia para casa sentindo-me tolo por não ter administrado melhor a estratégia do tempo.

Tão logo, Hilda encontrou um telefone e fez uma ligação à sua mãe para lhe falar de seus planos.

– Mamãe, tenho algo maravilhoso para lhe dizer.

– É mesmo? O que é?

– Vou me casar.

– Você perdeu o juízo? Você tem apenas 21 anos. Além disso, com quem você se casaria?

– Vou me casar com o Roger, aquele rapaz da igreja, com quem tenho saído algumas vezes. A senhora o conhece, já o cumprimentou umas duas vezes.

– Sim, mas vocês se conheceram há tão pouco tempo. Você não acha que está sendo um pouco precipitada?

Então, de acordo com Hilda, ela mesma rompeu-se em lágrimas e começou a abrir o coração. A conversa terminou com a mãe dela afirmando que não havia necessidade de chorar e que conversariam mais quando ambas se encontrassem.

Quando telefonei a Hilda, na noite seguinte, ela me informou da opinião de sua mãe. Sugeri que fôssemos juntos visitar a mãe dela no domingo seguinte e, então, eu pediria a mão de Hilda em casamento. Discutiríamos esse importante assunto com ela até chegarmos a uma conclusão satisfatória.

Aconteceu que a mãe dela mostrou-se muito compreensiva com relação às nossas intenções e escolhemos a noite do dia 20 de setembro para o casamento.

Não demorou muito e o verão deu lugar ao outono, e este, por sua vez, procurou sobrepujar o seu predecessor em calor, beleza e encanto. Levantei-me cedo, na manhã de sábado, dia do nosso casamento, para descobrir que toda a natureza estava cheia de vida. Quando saímos da igreja, após o culto da manhã, o termômetro indicava 30 graus. Algumas folhas secas já eram espalhadas pela suave brisa.

Nossos amigos, Ruth e Arthur Cheeseman, nos cederam sua residência para a cerimônia do casamento. Nosso plano era ter momentos tranquilos na presença de uns poucos amigos íntimos. Entre os convidados, estavam dois pastores com as suas esposas – André Rochat, pastor da igreja de língua francesa, e L.W. Taylor, pastor da igreja de língua inglesa, os quais oficiaram a cerimônia [o inglês e o francês são os dois idiomas oficiais do Canadá].

A Sra. Cheeseman, a Sra. Mousseau [mãe de Hilda] e outras damas haviam dado àquela residência a mais linda ornamentação, apropriada para a ocasião. Enquanto minha noiva e eu repetíamos os nossos votos matrimoniais perante o pastor, eu me mantinha em postura e confiante. Não para impressionar nenhum de meus amigos presentes, mas por causa dos muitos seres invisíveis que estavam assistindo: anjos que haviam vindo da presença do Todo-Poderoso, para se alegrarem conosco, e demônios, comandados a assistirem – como eu acreditava – pelo seu impiedoso líder, o qual havia visto os seus diligentes esforços transformarem-se em fracasso, quando pela graça do Senhor Jesus eu me afastara de suas fileiras.

Além disso, eu estava vestido com o meu melhor terno – aquele feito sob medida, que eu havia comprado com o dinheiro que ganhara nas apostas das corridas de cavalos com a ajuda dos demônios.

EPÍLOGO

Mais de cinquenta anos já se passaram desde o meu envolvimento com o mundo sobrenatural dos espíritos maus. Minha idade está avançada.

Creio que o fato de ainda estar vivo, devo-o ao cuidado do Doador da vida, Cristo, o Senhor da glória. Tomar minha decisão por Cristo, aos 21 anos de idade, quando os espíritos me ofereciam riqueza, fama e poder, foi a escolha mais sábia que já fiz. E manter um sólido relacionamento com Cristo, e como o apóstolo Paulo "ser achado nEle, não tendo justiça própria... senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para O conhecer, e o poder da Sua ressurreição" (Filipenses 3:9-10) – tudo isto tem trazido à minha vida uma riqueza de paz, contentamento, e alegria no Senhor, que nenhuma quantia de dinheiro jamais poderia comprar.

Como narrei no meu livro "More Incredible Answers to Prayer" [Respostas Incríveis à Oração – Casa Publicadora Brasileira], não fora pelo poder do Seu amor, o câncer já me houvera levado à sepultura em 1989. Em acréscimo, Deus tem abençoado o ministério de oração ao qual Ele me conduziu. O Espírito de Deus tem estado a transformar vidas, a remediar situações aparentemente impossíveis, a providenciar soluções e vitórias para os desesperançados. Vou mencionar apenas um exemplo.



Uma amiga escreveu a Hilda e a mim pedindo que orássemos pelo esposo dela, que deveria submeter-se a uma operação para remover um de seus rins. Devido à idade dele, e ao fato de ter sofrido um derrame seis meses antes, os médicos temiam que ele não sobrevivesse à cirurgia. Por outro lado, eles não podiam deixar que o rim canceroso permanecesse no organismo do paciente.

Como em muitas outras vezes, o Espírito de Deus sustentou a minha fé no poder da ressurreição de Cristo, e pedi ao meu Senhor, se fosse para a glória da Trindade, que Ele, por favor, fizesse com que o "Espírito da Vida, em Cristo Jesus" (Romanos 8:2) penetrasse no corpo de nosso amigo e expelisse os mortíferos elementos que estavam destruindo o seu rim.

Quando o homem acordou, um dia antes da cirurgia, ele se sentiu tão bem que pensou em voz alta se aquela operação seria realmente necessária. Depois de uma bateria de exames, o médico descobriu, com grande espanto, que o rim não mostrava nenhum sinal de doença, e que o tumor ligado ao rim havia desaparecido. No dia seguinte, ele recebeu alta hospitalar.

Ter as orações respondidas vale muito mais do que qualquer coisa que os espíritos poderiam ter me oferecido. Tudo o que ainda posso dizer é:

Glória a Deus nas maiores alturas!

VIAGEM AO SOBRENATURAL

MATERIAL EXTRA – VERSÃO DIGITAL

Nas próximas páginas, você encontrará informações complementares: um mapa da região do Canadá, as fontes das imagens utilizadas, 'links' para informações na Internet e alguns detalhes revelados por Roger Morneau em sua "entrevista-testemunho" pessoal, que não foram incluídos neste livro pela editora.

Capa – livro e Bíblia

Arquivo do editor

Capas original e brasileira

Divulgação

Roger J. Morneau

Arquivo do editor – imagem extraída da entrevista

Aspecto da atual St. Jacques, Canadá

http://www.stm.info/enbref/images/fond_termcraig_1024.bmp

Aspecto de Montreal I (década de 1940)

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Conrad_Poirier_Winter_Montreal.JPG

Ilustração: Moisés com a serpente de bronze

Arquivo do editor

Bandeira da Organização Mundial de Saúde

Wikipédia

Franz Anton Mesmer

http://cienciaaldia.files.wordpress.com/2009/04/anton-mesmer.jpg?w=222&h=300

Charles Darwin

http://migration.files.wordpress.com/2008/08/charlesdarwin.jpg

Thomas Henry Huxley

http://www.anisn.it/matita_ipertesti/evoluzione2009/images/huxley.jpg

Stonehenge

http://caminhoseestrelas.files.wordpress.com/2009/12/stonehenge-1.jpg

Cruzamento da Rua St. Catherine com o Boulevard St. Laurent

http://farm4.static.flickr.com/3391/3629171443_3fc46b4fdb.jpg

Camillien Houde (1930)

http://www.lessignets.com/signetsdiane/calendrier/images/avril/2/camilien_houde_1930.jpg

O casal Grossé (1992)

Arquivo do editor – imagem extraída da entrevista

Aspecto de Montreal II (década de 1940)

http://www.stm.info/en-bref/images/fond_termcraig_1024.bmp

Antiga Biblioteca Municipal de Montreal (2005)

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Ancienne_biblioth%C3%A8que_de_Montr%C3%A9al_2005 11-14.JPG **Capa do livro "Respostas Incríveis à Oração"**

Divulgação

Mapas

Montagem do editor, com imagens do Google Maps e com outras imagens disponíveis na Internet.

'ENTREVISTA-TESTEMUNHO' DE ROGER MORNEAU EM VÍDEO

Nesta entrevista, Roger conta tudo o que está relatado no livro, incluindo outros detalhes. Até o fechamento deste livro em PDF, não havia vídeo disponível com legendas em português da entrevista completa.

Entrevista completa

(áudio em inglês, sem legendas)

Capítulo 21 da série "A Chegada" do canal Spirit TV do Youtube.

(veja os três minutos iniciais; áudio em inglês com legendas em português)

Importante trecho da entrevista

(áudio em inglês com legendas em espanhol)

ARTIGO EM PDF

Artigo completo em formato PDF, com informações adicionais

(em inglês)

OUTROS

Roger morneau na Wikipedia

(biografia resumida em inglês)

Blog - Roger Morneau

(vários vídeos em inglês)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Para concluir, apresento abaixo alguns detalhes importantes que foram relatados por Roger Morneau em sua entrevista pessoal, e que não foram incluídos na edição impressa deste livro pela Casa Publicadora Brasileira. São revelações do sacerdote satanista. Estas informações foram extraídas e traduzidas do artigo em PDF mencionado na página anterior.

O Plano Principal

O sumo sacerdote continuou: “Vai ser feito de uma forma sem igual, este plano principal. As pessoas irão 'engolir a coisa'. Espíritos de demônios irão se declarar como 'habitantes de planetas de galáxias distantes', e que estão estão vindo para advertir os habitantes da Terra sobre a destruição iminente do planeta, a menos que algo seriamente seja feito para evitar isto”.

“Eles [os demônios] irão alegar ter experiências fora do corpo” – faculdade na qual algumas pessoas, supostamente, são capazes de ir em lugares diferentes, voltar e escrever tudo sobre o que viram; elas acreditam que a alma imortal delas pode fazer isso. “Assim, devido ao fato de que milhões de pessoas acreditam que têm uma alma imortal, isto é aceito prontamente, quando os espíritos, através um trans-médium, conversarão com pessoas influentes”. Um trans-médium é conhecido hoje como um 'canal'.

Você ouviu falar da experiência de Shirley MacLaine com espíritos e com os supostos habitantes de planetas de galáxias distantes? Eu a gravei falando sobre isto. Esse foi um cumprimento do que este sacerdote tinha dito há 45 anos!

Ele disse ainda que os espíritos prometerão que, se as recomendações deles forem seguidas cuidadosamente, elas conduzirão o planeta em uma gloriosa 'nova era de paz e prosperidade' e não haverá mais guerras; não haverá mais escassez; não haverá mais pessoas infelizes com as outras; vizinho amará o vizinho; os conflitos sociais não acontecerão mais; haverá felicidade perfeita durante mil anos; isso é o que os espíritos vão prometer.

Agora, muito pregadores pregam a 'nova era' gloriosa de vitória. Vitória sobre a guerra; vitória sobre os conflitos sociais, vitória sobre a escassez; e vitória sobre todos os tipos de coisas. Seria uma “nova era gloriosa”, o sacerdote disse. Isto é exatamente o que o movimento está [a proclamar] em toda parte hoje.

Santidade do domingo

Ele disse [o sacerdote] que, como a vida neste planeta ficará mais difícil, calamidades golpearão o planeta cada vez mais. Os espíritos irão, naquele momento, pôr todos os seus esforços para impressionar os líderes religiosos em trazer diante da população da Terra a santidade do domingo. Eles ensinarão a santidade do domingo. Com os líderes religiosos esperando mil anos de paz na Terra, eles investirão todos os seus esforços nisso.

Algumas pessoas perguntaram [na sessão]: “O que vai acontecer com as pessoas que não acreditarem nas recomendações dos espíritos?” O sacerdote disse: “Isso não será problema. Leis serão aprovadas e os governos forçarão as pessoas a aceitarem isso, embora elas não acreditem. E os oficiais de execução de lei explicarão a pessoas, claramente, que tal lei é necessária para assegurar o bem de todas as pessoas. As leis serão aprovadas sem esforço nenhum”.

O sumo sacerdote também mencionou o fato de que, enquanto Lúcifer escolheu o domingo como seu dia santo, o Criador havia escolhido o sétimo dia da semana. Lúcifer foi quem influenciou isto, considerando o primeiro dia da semana como dele, o dia sagrado de adoração do Sol, o “domingo.”

Ele explicou que “o 'Dia Venerável do Sol' sempre foi uma irritação terrível ao Criador”... Ele fez uma declaração que eu nunca esquecerei: "Pela observância do dia, no qual o mestre, Satanás, colocou a unção de sua autoridade e poder, ele recebe homenagem (honra e respeito), indiferentemente de quem as pessoas pensem estar adorando".